

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós Graduação em Psicologia

Sendo o que se pode ser: Vivência do preconceito,
ocultamento e construção da identidade para homens
homoafetivos.

Área de Concentração:
Psicologia Social

Linha:
Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso Nascimento
Orientanda: Aline Aparecida Rabelo

Belo Horizonte
2009

ALINE APARECIDA RABELO

Sendo o que se pode ser: Vivência do preconceito,
ocultamento e construção da identidade para homens
homoafetivos.

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Psicologia, sob
orientação do Prof. Dr. Adriano
Roberto Afonso Nascimento.

Belo Horizonte
2009

A todos que, em suas pequenas ações,
priorizam o coletivo sabendo que assim
priorizam também, a si próprios.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus e aos seus seareiros que me auxiliaram com boas intuições e inspirações para lidar com o tema deste estudo, bem como me consolaram em momentos de crise e dificuldades durante o processo da pesquisa.

À família pelo apoio incondicional e pela confiança depositada em mim.

Ao Prof. Adriano que com muita paciência e objetividade soube lidar com as contingências que a minha condição oferecia e se tornou um guia a auxiliar no direcionamento das minhas idéias.

Ao meu amigo D por acreditar no meu trabalho e facilitar a sua concretização juntamente aos demais participantes.

A todos os amigos e amigas recentes ou de longa data e colegas de trabalho que com carinho, muitas vezes sem perceberem, contribuíram para que eu pudesse me dedicar a essa tarefa. Em especial às amigas: Juliana Brandão, Cida Silveira e Aline Xavier pelo apoio direto e indireto na realização deste projeto.

Sendo o que se pode ser: Vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos.

RESUMO

Apesar dos avanços tecnológicos e sociais observados na sociedade atual, denominada por alguns de sociedade pós-moderna, nota-se que atitudes preconceituosas ainda são freqüentes e toleradas, em especial quando se trata do preconceito contra pessoas que se relacionam afetiva-sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Utilizando-se da Teoria da Identidade Social pretendeu-se compreender um pouco a vivência de homens homoafetivos com relação a um cotidiano marcado pelo preconceito e pela discriminação. Utilizou-se de entrevistas individuais semi-estruturadas com sete homens que se declararam homoafetivos. Os dados foram organizados na perspectiva fenomenológica que resultou em textos narrativos relatando as vivências trazidas pelos entrevistados. Todos os entrevistados assumem no dia a dia uma postura de discrição, colocando o ocultamento da orientação sexual como estratégia de convivência social junto aos grupos de heterossexuais. Condenam os comportamentos afeminados e o estilo de vida promíscuo. Percebe-se alguns conflitos decorrentes deste ocultamento e do receio de serem “descobertos”, ou seja, eles corroboram com a ideologia heterossexista e hegemônica, mas temem a discriminação. Conclui-se que o grupo entrevistado representa uma parcela de homens homoafetivos que querem ser considerados homens “comuns” e não categorizados em função de sua orientação sexual. No entanto, para alcançar esta pretensão eles optaram por ocultar as suas preferências, o que acarreta conflitos emocionais eventuais ou constantes no cotidiano de cada um.

Palavras Chaves: preconceito; homoafetivos; identidade social

Being as it can be: Prejudice existence, attempt to hide and building of the identity for the homo-affectionate men.

ABSTRACT

In spite of the technological and social advancement observed in the current society, named post-modern by some people from the same one. It can be possible to realize that attitudes with prejudice is still frequent and tolerated, specially when the prejudice is against people that has an affectionate/sexual relationship with people of the same sex. Making use of the Social Identity Theory, it was claimed to understand a little more about the homo-affectionate men existence and their life in a daily of discrimination and prejudice. It was used semi-structured individual interviews with seven men that have declared themselves like homo-affectionate. The facts were organized according to the phenomenological perspective that has resulted in narrative texts relating the existences brought by the interviewed people. All the interviewed people take on in their day to day a posture of description, when they hide their sexual direction as a strategy of a social living together with the heterosexual groups. The feminine way of life and the disorderly life style were condemned. It's possible to realize that some conflicts were resulting from this attempt to hide and that fear of "being discovered", that is, they corroborate with the heterosexual way and the hegemonic ideology, but they are afraid of discrimination. It was concluded that the interviewed people represents a piece of homo-affectionate men that want to be considered common men and not be labeled through their sexual direction. However, to get this pretension, they usually choose to hide their preferences, in that way, eventual or constant emotional conflicts happen in their daily as well.

Key words: prejudice, homoaffectionate, social identity.

SUMÁRIO

Agradecimentos-----	04
Resumo-----	05
Abstract-----	06
1- Apresentação-----	09
2- Introdução-----	11
2.1 - A homofobia no Brasil-----	11
2.2- Identidade social e suas ramificações teóricas -----	19
3- Objetivos-----	33
4- Método-----	34
4.1 – Primeiros passos-----	34
4.2 – Os sujeitos-----	37
4.3 – Procedimentos de coleta de dados-----	38
4.4 – Instrumento-----	40
4.5 – Procedimento de análise dos dados-----	41
5- Resultados-----	45
5.1- Compartilhando vivências-----	45
5.1.1 – Benício-----	45
5.1.2 – Bino-----	64
5.1.3 – Beto-----	74
5.1.4 – Bira-----	83
5.1.5 – Brito-----	89
5.1.6 – Bruce-----	96
5.1.7 – Bill-----	101

6 - Discussão dos resultados-----	108
6.1 - Igual mas diferente: critérios de comparação e diferenciação intergrupar-----	108
6.2 - O contexto dos participantes-----	116
6.3 - Ocultamento e revelação: estratégias de integração grupal-----	120
6.4 - Conseqüências relatadas sobre a vivência com idéias e práticas homofóbicas-----	126
6.5 - Não mobilização política: cada um por si!-----	130
6.6 - O processo de troca entre dominantes e dominados-----	133
7- Considerações finais -----	135
8- Referências bibliograficas-----	137
9- Anexos-----	141

Se os homossexuais e outras minorias aprendem que a ação coletiva tem eficácia política, e que ela pode transformar identidades e os próprios sujeitos, eles ensinam a toda sociedade que as transformações históricas não são feitas com uma penada da lei, mas pela pequena e paciente atuação cotidiana, singular ou coletiva, na luta contra a dominação.
Sylvia Leser de Mello

1- APRESENTAÇÃO

A observação da rejeição de algumas pessoas para com outras “sem nenhum” conhecimento ou motivo específico, conforme a definição de preconceito feita por Jodelet (2001) “um julgamento positivo ou negativo, formulado sem exame prévio a propósito de uma pessoa ou de uma coisa e que assim, compreende vieses e esferas específicas” (p. 59), levantou muitas interrogações a respeito desse fenômeno para a autora deste trabalho. Estas questões a direcionaram para os estudos das relações entre grupos. Em especial, a convivência da autora com homens homoafetivos¹ que, tentando não expor seus relacionamentos e afetividades, submetiam-se a ouvir e participar de conversas que mesclavam, em muitas oportunidades, piadinhas sobre gays e bichas até verbalizações de preconceito e discriminação, despertou-lhe o interesse em entender como isso era vivenciado e interpretado pelas pessoas com orientação homoafetiva.

Entender a consequência disso para esses homens, contribuir com os estudos sobre o tema e incentivar a reflexão de heterossexuais e homossexuais para a relação entre eles foi a motivação encontrada para a proposição deste projeto no programa de pós graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais em 2007.

1- No momento, não nos deteremos na polêmica de designações utilizadas para se referir às pessoas que se envolvem sexualmente e afetivamente com pessoas do mesmo sexo. Optamos pelo uso do termo homoafetivo, mas, eventualmente, utilizaremos outras designações em respeito às escolhas dos autores citados.

Os estudos e teorias que abordam a questão do preconceito vêm crescendo nas últimas décadas. Tal crescimento parece ocorrer, também, com os comportamentos discriminatórios contra esta categoria. São comuns notícias na mídia relatando casos de violência física e até assassinatos de pessoas homoeroticamente orientadas.

Este trabalho se apóia em conceitos sobre as relações inter e intragrupais, utilizando a teoria da Identidade Social como aporte. O embasamento teórico escolhido e os dados coletados nos direcionaram a abordar, também, a temática do conflito entre gêneros, a questão da dominação e subordinação entre grupos e a organização social da masculinidade para compreender, parcialmente, as conseqüências da vivência de homens homoafetivos num contexto homofóbico.

A contextualização da homofobia em nossa sociedade será apresentada logo em seguida, depois detalharemos o aporte teórico que embasa nossos estudos.

2- INTRODUÇÃO

2.1 - A Homofobia no Brasil

O preconceito contra os homoafetivos se destaca por ser, em nossa sociedade, aberto e ainda pouco “combatido”.

Os dados comprovam inegavelmente que, de todas as minorias sociais, os homossexuais são os mais vulneráveis: em Brasília, 88% dos jovens entrevistados pela Unesco consideram normal humilhar gays e travestis, 27% não querem ter homossexuais como colegas de classe e 35% dos pais e mães de alunos não gostariam que seus filhos tivessem homossexuais como colegas de classe. (Mott, 2006, p.15).

O homossexualismo ainda é visto, por muitas pessoas, como uma escolha baseada na falta de caráter e pudor, e ainda é comum encontrarmos a associação entre homossexualismo masculino e promiscuidade. Segundo Madureira e Branco (2007), a promiscuidade associada à homossexualidade pode estar relacionada às normas tradicionais que recriminam a sexualidade fora do casamento por não ser direcionada pelos limites ditados pela sociedade. Esse argumento perde sua significância quando se verifica que, tratando-se de homens, esses limites sociais não são tão rígidos.

A associação de promiscuidade à homoafetividade também é reforçada pela divisão nítida, crença do senso comum, entre heterossexualidade/normalidade e homossexualidade/anormalidade. O sexo e a sexualidade estão intimamente relacionados à moralidade. O relacionamento afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo fere um discurso naturalista e biologizante existente nos dias atuais que considera esse tipo de relação algo anormal. O que se percebe é que a sexualidade toca em algo pouco resolvido, que faz com que essa minoria – os homoafetivos - seja massacrada pelo preconceito aberto e “justificável”. Para Oliveria (2004), a homo-orientação floresceu e se fez notar tipicamente no estilo de vida boêmio e por isso carrega consigo essa associação.

Lacerda, Pereira & Camino (2002) mostraram em um estudo com estudantes de João Pessoa - PB a prevalência do preconceito entre os participantes: três quartos dos entrevistados foram classificados como preconceituosos. Entre os preconceituosos flagrantes (38%), houve uma tendência em atribuir a causa do homossexualismo a fatores éticos/morais, o que indica que a associação do homossexualismo com a promiscuidade pode fortalecer o preconceito.

Neste mesmo estudo, a porcentagem de preconceituosos flagrantes (38%), igual à de preconceituosos sutis (38%), contrariou as novas tendências teóricas relacionadas ao preconceito. Essas novas tendências apontam para a substituição de manifestações de preconceito de formas abertas para formas mais camufladas o que foi confirmado com relação ao preconceito de raça que apresentou índices maiores do preconceito sutil do que do preconceito aberto. No entanto, com relação aos homossexuais essas teorias não se sustentaram, uma vez que o número de preconceituosos definidos como sutis (38%) foi o mesmo dos flagrantes (38%).

Essa constatação é condizente com os dados expostos a seguir, retirados do relatório divulgado em 1997 pelo professor, antropólogo e presidente do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, com algumas atualizações feitas em artigo publicado no ano de 2006. De acordo com este autor, a impregnação do preconceito contra homossexuais em ditados populares, verbalizações ofensivas, discriminações na escola, na família e nos órgãos de governo demonstra o quanto este preconceito é tolerado pela sociedade brasileira. No dia a dia, são comuns as manifestações da homofobia. No Brasil, a palavra mais ofensiva para um homem é “veado”, termo popularmente utilizado para se referir aos homossexuais. Em decorrência do sentido pejorativo dessa palavra, o número “24”, associado ao veado pelo “jogo do bicho”, é detestado pelas pessoas, sendo comum em escolas a sua omissão das

listas de chamadas para poupar piadinhas e discriminação contra o aluno identificado por este número.

Segundo o relatório, vários homossexuais são expulsos de suas casas por pais inconformados. Nas seleções de emprego, quando identificados como homossexuais, eles são, em muitos casos, reprovados e, se já empregados, as promoções são dificultadas.

A mídia aparece, neste relatório, como a principal responsável pela manutenção dos estereótipos negativos associados aos gays, lésbicas e travestis. Os personagens das novelas geralmente são caricaturas ridicularizadas.

Hoje, mais de dez anos depois da publicação do relatório, já se percebe um posicionamento da televisão no sentido de demonstrar relacionamentos entre gays de forma natural, enfatizando os aspectos comuns a qualquer casal, embora as cenas de beijos e insinuações de relações sexuais, freqüentes entre os heterossexuais, sejam ainda evitadas.

De acordo com o relatório, a cada dois dias um homossexual é assassinado brutalmente no país. Esse número pode ser bem maior, considerando que esses dados referem-se a apenas dois terços do território brasileiro.

Residindo em Montes Claros -MG há cinco anos, a proponente desse trabalho presenciou constantes manifestações de repulsa e notícias freqüentes de violência contra homossexuais. Na parada Gay, em 2007, várias foram as manifestações na Internet e os comentários dos montesclarenses com relação aos anúncios da parada, onde apareciam fotos de casais homossexuais em demonstrações de afetividade. Alguns destes anúncios foram pichados com tinta preta. Nesta cidade foram registrados, nos últimos dez anos, seis casos de assassinatos de homossexuais, e uma tentativa de homicídio, ligados direta ou indiretamente à ideologia machista e preconceituosa, sendo três casos nos últimos três anos¹.

.1 - Esses dados foram coletados, pela autora, na Delegacia de Repressão dos crimes contra a pessoa em Montes Claros -MG em 2008.

Conforme um agente de polícia da cidade de Montes Claros, esses números devem ser bem maiores, se considerarmos os casos em que os processos não podem ser facilmente encontrados, ou quando a orientação sexual da vítima não é especificada.

De outro lado, verifica-se, em Montes Claros, nos últimos anos, o fortalecimento dos movimentos sociais que visam a desmistificação de idéias mal concebidas sobre o homossexualismo. De acordo com um militante do Movimento Gay das Gerais, já foram realizadas quatro paradas Gays com razoável adesão da população nos últimos quatro anos.

A primeira parada em 2004 contou com a participação de 500 pessoas, em 2005 participaram 2000 pessoas, em 2006 foram 5000 e na quarta parada gay de 2007 foi estimada a presença de 15000 pessoas entre gays e simpatizantes (Comunicação pessoal, 15 de agosto, 2007).

A organização de movimentos gays no Brasil aconteceu sob forte influência dos Estados Unidos. Conforme descreve Oliveira (2004), é possível assinalar o ano de 1968 como o início desta organização nos EUA. Reprimidos constantemente pela polícia nova-yorquina, vários gays se reuniram após um confronto acontecido em 27 e 28 de junho de 1968 no Greenwich Village. A partir daí começou uma mobilização intensa que deu origem a vários movimentos organizados, como o Mattachine Action Committee, o Gay Liberation Front e a Gay Activist Alliance e que se expandiram por todo mundo, inclusive pelo Brasil. Atualmente, a principal forma de reivindicação dos movimentos gays é através da organização das conhecidas paradas gays. Buscando maior respeito e aceitação de sua orientação sexual e estilo de vida e incentivados ainda mais pela prevenção da AIDS, a mobilização foi reforçada nos anos 80, época do surto desta epidemia. No entanto, este grupo continua sendo alvo de ataques moralistas nos dias atuais, sendo este tipo de preconceito, inclusive, mais aberto do que outros conforme relatam Lacerda, Pereira & Camino (2002). A grande diversidade interna presente nos movimentos gays faz com que

muitas divergências sobre o estilo de vida buscado, os direitos desejados e a visão defendida interferiam na luta travada.

Conforme Oliveira (2004),

“Os gays, por seu estilo de vida, desafiam as prescrições conservadores e são por isso alvo de ataques dos moralistas. Em contrapartida buscam um posicionamento que justifique e legitime o direito de poderem exercer sua sexualidade sem os constrangimentos a eles impostos. Mas tal posicionamento não está isento de dissensões dentro da própria produção dos gay’s studies”. P. 164

O contexto homofóbico, tal como apresentado, traz conseqüências importantes para os homoafetivos. Madureira e Branco (2007) apresentaram algumas das estratégias utilizadas pelos homoafetivos para lidar com o preconceito nas relações sociais, apontando o medo destes em assumir sua orientação sexual em um contexto encharcado pela homofobia. Segundo os autores, comumente os homoafetivos se envolvem em um intrincado jogo de verdades e meias verdades geradoras de ambigüidades que resulta num investimento variável de energia para o ocultamento da sua identidade. Conviver nos moldes dessas relações gera um sofrimento psíquico alimentado, principalmente, nas relações com os familiares.

Em 1983, a Psicóloga Teresa Sell coordenou uma pesquisa em Florianópolis na qual realizou dezenas de entrevistas com homossexuais masculinos que culminaram em um livro que retrata de forma ainda atual alguns problemas e conflitos vividos pelos homossexuais desde a infância, quando começam a aparecer os primeiros sinais de diferença com relação aos seus colegas. A segunda edição foi ampliada e lançada em 2006. Conforme suas análises, os homossexuais dizem perceber a diferença desde pequenos e logo começam as recriminações. Segue-se um período de latência, onde procuram negar seus desejos. Nesse período, costuma ocorrer uma tentativa de relacionamentos com pessoas do sexo oposto, acontecem muitos casamentos, mas com o tempo muitos desses relacionamentos fracassam. Eles relatam que, nessa fase, acabam entendendo que ser homossexual não depende da própria escolha.

Outra característica comum nas entrevistas é a necessidade de ocultamento.

Segundo Sell,

Ocultar é fato tão fundamental na relação do homossexual com seu meio, que pauta muitas vezes sua conduta como regra social. Nenhuma das entrevistas deixou de conter esse recurso de relacionamento. Ora declarada sua existência no âmbito familiar ou no trabalho, ora revestida de sutilezas e ambigüidades, mas uma constante sempre (2006, p. 197).

E continua,

O homossexual assim vive dupla vida: com um grupo pode extravasar a homossexualidade ou atitudes que a demonstrem, com outro precisa desempenhar outro tipo de papel. Isso gera conflitos e angústia, porque deixa sempre a possibilidade de ser flagrado, de ser identificado, (2006, p. 202).

A necessidade deste ocultamento foi considerada, por alguns autores (Greem e Polito, 2006), como a responsável pela formação de guetos específicos para gays nos anos 60 e 70. “Há pouco mais de 20 anos assumir-se era tarefa para bravos e destemidos. Mais fácil era refugiar-se no chamado gueto e compartilhar uma subcultura em que a troca de sinais grafados entre ‘entendidos’ era uma forma de sobreviver em uma sociedade explicitamente homofóbica”. p. 15.

Pode-se constatar, pelo que até agora apresentamos, que a homofobia constituiu um relevante problema social com dimensões individuais e sociais significativas e, por isso, deve ser objeto de estudo e de intervenção multidisciplinar.

Segundo Dall’agnol e Giovelli (2005), “não podemos deixar de considerar os prejuízos que podem advir da dificuldade ou mesmo impossibilidade de assumir a homossexualidade, sendo um dos mais presentes a baixa auto-estima, decorrente da homofobia internalizada que acarreta efeitos nocivos nos relacionamentos afetivo-sexuais” (p.134).

Contudo não podemos nos deixar levar por uma explicação simplista de causa e efeito do tipo “todo homem homoafetivo sofre de algum transtorno ou problema no desenvolvimento da personalidade por causa da vivência com o preconceito.” Conforme

Crocker e Quinn (2004), as conseqüências psicológicas e sociais vivenciadas pelas pessoas que sofrem alguma forma de preconceito e discriminação, chamadas por eles de estigmatizadas, não podem ser avaliadas em termos de um prejuízo direto e profundo no caráter e na personalidade destes sujeitos, embora tal argumento seja encontrado em algumas pesquisas. Essas conseqüências são dependentes de outras variáveis que nos mostram o quanto cada fenômeno é vivenciado de forma específica por cada sujeito.

A concepção adotada neste trabalho parte do princípio de que relações entre o feminino, o masculino e suas variações são realidades socialmente construídas embasadas em conflitos que atualmente aparecem sob a hegemonia de uma forma de masculinidade que, para manter a sua identidade positiva e dominante, se utiliza da inferiorização e desvalorização de características opostas às suas e impostas a outros grupos, como as mulheres e as pessoas homoeroticamente orientadas.

Quando falamos da hegemonia de uma forma de masculinidade, estamos defendendo a existência de várias masculinidades. Tal como afirma Kimmel (1995),

...não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos (p. 106).

Para Kimmel (1995), a nova versão de masculinidade surgida no início do século XIX se caracteriza pela instabilidade, ansiedade e pela exigência constante de autoafirmação. Essa versão se tornou hegemônica utilizando três principais estratégias: o autocontrole, a fuga da vida comum, como para o exército, e a desvalorização da feminilidade e de outras masculinidades. É a partir dessa última estratégia que Kimmel (1994) afirma: “a homofobia é o medo de ser percebido como gay, não como um verdadeiro homem, [isso] mantém a todos exagerando as regras tradicionais de masculinidades, incluindo a exploração sexual das mulheres” (p. 12). Segundo este autor, a principal característica desta nova masculinidade é a necessidade constante e compulsiva de provar e demonstrar sua virilidade.

E para isso, utiliza como uma de suas estratégias a desvalorização de outras formas de masculinidade, colocando o hegemônico em oposição ao subalterno, na criação do outro.

Segundo Connel (1995), podemos entender a masculinidade como uma posição nas relações de gênero e, ao mesmo tempo, como as práticas através das quais homens e mulheres se comprometem com esta posição e os efeitos destas práticas no corpo, na personalidade e na cultura. Para ele, “o gênero é uma forma de ordenamento da prática social” (Connel, 1995, p.6). Nesse sentido, a chamada “masculinidade hegemônica” é constituída por aquele grupo que assume e sustenta uma posição de liderança na vida social.

“A masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo, o mesmo sempre e em todas as partes. É a masculinidade que ocupa a posição hegemônica num modelo dado de relações de gênero, uma posição sempre disputada”. (Connel, 1995, p. 11).

Para Connel (1995) atualmente encontra-se no Ocidente um conjunto de padrões de masculinidades que variam nas relações de hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização.

A Teoria da Identidade Social e seus desdobramentos posteriores nos mostram uma forma de explicar essas relações intergrupais, incluindo questões ideológicas que justificam a dominação de um grupo por outro.

Desta forma, a Teoria da Identidade Social embasará nossa compreensão sobre as relações entre grupos, incluindo a busca constante pela consolidação hegemônica de uma forma de ser no mundo.

2.2 - Identidade Social e suas ramificações teóricas

A teoria da Identidade Social tem como principal representante Henri Tajfel, que foi também um dos principais psicólogos a se debruçar sobre questões do preconceito e da discriminação numa perspectiva social.¹ Para ele, o fato destes fenômenos surgirem em vários contextos possibilitaria a compreensão e elaboração de uma abordagem psicológica que os explicassem.

Segundo Tajfel (1981), Identidade Social refere-se à parcela de autoconceito proveniente da pertença a um grupo. Pertencer a um determinado grupo implica compartilhar valores, hábitos, regras e crenças. Também implica a convivência com outros grupos com diferentes formas de posicionamento. Podemos sintetizar a definição de Identidade Social como sendo as conseqüências, para o indivíduo, provenientes desse compartilhamento de crenças e valores e das diferenciações feitas com outros grupos.

As relações intergrupais são importantes na construção da Identidade Social por determinarem comportamentos que influenciam toda a estrutura social. Para compreender melhor estas relações, Tajfel (1981) se apoiou em três conceitos fundamentais: Categorização Social, Comparação Social e Diferenciação Social. Estes conceitos estão fortemente interligados ao de Identidade Social e descrevem as relações intergrupais de forma a considerar seu caráter dinâmico.

Os processos de Categorização Social dizem respeito às divisões em grupo que acontecem em função de fatores ou acontecimentos equivalentes, por exemplo: categoria raça (branca e negra), categoria nacionalidade (brasileiro e norte-americano). Trata-se de um processo cognitivo resultante da necessidade de diferenciar o grupo ao qual pertencem dos grupos dos outros.

1- Os primeiros estudos sobre preconceito e discriminação se fundamentaram nas características individuais de tais fenômenos (Lacerda, Pereira e Camino, 2002). No entanto, na década de 60, os interesses pelas relações intergrupais levaram a uma nova forma de entendimento de tais conceitos, como se observa na Teoria da Identidade Social.

O mecanismo de Comparação Social entre grupos serve ao propósito de formação da própria Identidade Social. Desta forma,

as características do grupo numa pessoa, no seu conjunto (tais como o seu estatuto, riqueza ou pobreza, cor da pele ou capacidade para atingir fins) atingem todo o seu significado quando relacionadas com a percepção de diferenças em relação a outros grupos e a conotação de valor destas diferenças. (Tajfel, 1981, p. 293).

Os estudos feitos por Tajfel com os chamados ‘grupos mínimos’ mostram que não são os conflitos entre grupos ou interesses individuais que causam os processos de comparação e diferenciação. Para ele,

a razão para a diferenciação cognitiva, comportamental e avaliatória intergrupo encontra-se na necessidade dos indivíduos em dar significado social, através da identidade social, a situação intergrupo, experimental ou qualquer outra; e de que esta necessidade é satisfeita pela criação de diferenças intergrupo quando tais diferenças não existem de fato, ou pela atribuição de valor e de realce a quaisquer diferenças existentes. (Tajfel, 1981, p. 313).

As experiências com os chamados “grupos mínimos” mostraram que a separação em grupos é uma tendência facilmente estimulada, sendo que a pertença a um determinado grupo pode ser proveniente de fatores internos, como um consenso dos próprios membros, ou fatores externos vindos de grupos alheios. Foi possível demonstrar também que, a partir do surgimento de uma separação em grupos, aparece uma inclinação da preferência e do favorecimento ao próprio grupo, mesmo que isso não implique relações face a face.

Este “sentimento” de pertença aumentará de acordo com alguns princípios gerais: a clareza da consciência do indivíduo de que é membro dum determinado grupo, a grandeza das avaliações positivas ou negativas associadas a essa pertença e a grandeza de investimento emocional na consciência e avaliações desta pertença. Além disso, observa-se que certas situações sociais obrigam os indivíduos a agirem de acordo com a pertença a um grupo, o que reforça as identificações ou mesmo criam novas pertenças que antes não se sabia existirem. A sua célebre frase “Somos o que somos, porque eles não são o que nós somos” (Tajfel, 1981, p. 367) ilustra bem esse ponto de vista.

Esta necessidade de comparação e diferenciação acontece pela tendência ou necessidade de se buscar uma aceitação positiva de si mesmo pelos outros e por si próprio. Para classificar algo como “positivo” deve haver o contraponto “negativo”. A busca por aceitação e respeito social acaba se tornando a maior responsável pelos conflitos intergrupais, considerando os aspectos psicológicos desses conflitos.

Deve-se admitir que a teoria da Identidade Social de Tajfel é bastante criticada por ser considerada reducionista e ignorar os fatores econômicos, políticos e ideológicos das relações intergrupais. No entanto, ele demonstrou estar ciente destas questões e considerou sua relevância, mas focou os seus objetivos em busca de uma ligação entre o sociológico e o psicológico, priorizando as questões psicológicas, o que resultou no conceito de Identidade Social.

Estes aspectos psicológicos resultantes da comparação social e responsáveis pela Identidade Social proporcionam efeitos importantes nas relações intra e intergrupo, e podem favorecer a permanência do indivíduo em um grupo, caso este grupo contribua, de alguma maneira, para a construção de uma identidade positiva. Caso contrário, o indivíduo poderá abandoná-lo, a menos que isso seja muito difícil ou impossível. A permanência em um grupo que reforce em demasia uma identidade negativa levará o indivíduo a duas possibilidades: reinterpretar as características desvalorizadas em termos positivos ou implicar-se numa ação de transformação da situação social. Estes efeitos não são regras ou leis universais e gerais, pois acontecem com grande variação.

Pode-se dizer que a Identidade Social positiva de pertencer a um grupo determinará em algum grau a necessidade ou não de mudança de grupo por um indivíduo ou de mudança da situação. Essas mudanças são determinadas, principalmente, pela percepção da legitimidade e da estabilidade das relações intergrupo e pelo grau de objetivação do *status quo* social. Este processo leva, por um lado, os grupos superiores a uma constante criação de

estratégias para manter e reforçar a situação e, por outro, os grupos inferiores a tentar mudar a situação, quando se tem a consciência de que a situação possa ser mudada.

Em síntese, podemos afirmar que, numa perspectiva psicológica, os processos de comparação e de diferenciação social são provenientes da tendência de atribuir aos nossos grupos valores positivos e aceitáveis e de desfavorecer os grupos alheios menosprezando os seus valores, hábitos e características, o que resulta no processo de categorização social.

Sales (2005) esboça de forma alternativa esse pensamento:

O ser humano interage a todo o momento e de múltiplas maneiras com seus semelhantes. Ele estabelece continuamente relações profissionais, de trocas, de conflitos e de afetos. Ele partilha a convivência nos territórios, constrói imagens sobre os outros e também é enredado por ideias sobre si. Neste movimento constante, ele apresenta diferenciadas demandas por reconhecimento. (p.23).

Depois de apresentar os pilares de sua abordagem, podemos entender melhor o conceito de grupo descrito por Tajfel. Para ele, um grupo se forma quando um conjunto de pessoas passa a se perceber como pertencentes a um grupo considerando-se três componentes:

... Um componente cognitivo, no sentido em que se sabe que se pertence a um grupo; um componente avaliativo no sentido em que a noção de grupo e/ou de pertença a ele pode ter uma conotação de valor positivo ou negativo; e um componente emocional no sentido em que os aspectos cognitivo e avaliativo do grupo e da pertença a ele podem ser acompanhados de emoções (tais como amor ou ódio, gostar ou não gostar) dirigidas para um grupo próprio e para outros com os quais tem certas relações (Tajfel, 1981. p. 261).

A percepção que temos de nós mesmos é condizente, em graus variados, com a concepção que temos dos grupos aos quais pertencemos. E essa percepção é bastante vulnerável às percepções provenientes dos outros grupos.

Essa abordagem destaca a relevância dos estudos das chamadas minorias. A característica que faz um grupo ser minoritário está na condição de que os indivíduos deste grupo assumam possuírem alguma característica em comum que não é valorizada pelos outros grupos.

A consciência da pertença a uma minoria só se desenvolve quando o fato de nos incluírem e/ou de nos incluirmos a nós próprios numa determinada entidade social, dá lugar, ao mesmo tempo, à percepção de determinadas conseqüências sociais incluindo um tratamento discriminatório da parte dos outros e suas atitudes negativas, baseadas em certos critérios comuns (por vagos que sejam) de pertença (Tajfel, 1981. p.355).

Esta definição de grupos minoritários, quando confrontada com a tendência de busca por uma identidade positiva, leva-nos a uma contradição: se ser membro de uma minoria implica ser discriminado por alguma característica e por estereótipos associados a essa característica, como pode ocorrer o desenvolvimento de uma identidade social positiva, uma vez que esta identificação depende dos processos de diferenciação e comparação entre grupos? Num primeiro momento, é preciso deixar claro que essa não é uma relação de causa e efeito constante e certa. Por outro lado, Tajfel (1981) cita alguns casos demonstrando que, em muitas minorias, se observa já nas crianças uma inferiorização de si próprio e do seu grupo, quando relacionados com os grupos majoritários.

Como explicar essas diferentes formas de reação das minorias frente a uma identificação social negativa, proveniente do preconceito e da discriminação de outros grupos?

A resposta para esta questão não é simples, mas as principais hipóteses são levantadas em termos dos efeitos psicológicos da pertença a uma minoria.

Assim Tajfel (1981), admite que as generalizações são limitadas diante da flexibilidade e diversidade do comportamento social, mas que se observa na atualidade, diante da concepção de independência e autonomia que se alastrou entre as nações, que “as novas pretensões das minorias baseiam-se no seu direito em optar por ser diferente (em preservar a sua independência), segundo a sua própria definição e não nos termos implicitamente adotados, ou explicitamente ditados pelas maiorias” (p. 359).

Mas antes é preciso, mais uma vez, deixar claro que essa tendência não é encontrada em toda e qualquer minoria. Existem casos de total aceitação e abnegação do

grupo minoritário às normas e diferenças estabelecidas entre os grupos minoritários e os majoritários. Essa percepção de estabilidade e de legitimidade da estrutura das relações intergrupo implica na ausência de alternativas cognitivas para a situação existente. São nestes casos que se podem observar formas extremas de internalização da inferioridade perante os membros dos demais grupos. Também nestas situações são observados os casos de isolamento social onde ocorre a criação de comunidades independentes com valores e regras próprias. Esta última situação pode ocorrer também em casos de rejeição das imposições da minoria e significar a construção de um novo significado para seus valores, como os casos dos hippies.

Voltando a citar a tendência atual da busca pela autonomia e preservação da identidade diferenciada presente nas minorias, é comum casos de rejeição aos padrões e à discriminação impostos pelas majorias. No entanto, em várias situações se percebe uma busca, dos grupos minoritários, por reconhecimento por parte dos grupos majoritários. Tajfel (1981) descreve essas reações como podendo ser de quatro tipos de assimilação à maioria.

O primeiro tipo é quando não ocorre qualquer forma de restrição à mobilidade social entre grupos. Neste caso há a tendência de uma fusão psicológica, ou seja, o grupo minoritário pode vir a se extinguir já que há uma tendência de todos os indivíduos a se adaptarem e adotarem os padrões da maioria.

O segundo tipo ocorre quando não se tem total aceitação pela maioria, mas há a interação entre os membros do grupo “superior” e os do grupo “inferior” em casos de mobilidade social de um grupo para outro. Desta forma, apesar da mudança de grupo, continuam existindo as manifestações de discriminação com os indivíduos provenientes do grupo minoritário.

A terceira forma é um mascaramento do(s) atributo(s) rejeitado(s) pela maioria e identificador(es) de pertença ao grupo minoritário. Esta forma de assimilação acarreta consequências psicológicas e sociais perigosas para o indivíduo, uma vez que esse necessita esconder sua “verdadeira identidade” constantemente.

A quarta situação é chamada de acomodação ou competição grupal e, como afirmou Tajfel (1981), é quase inadequado denominá-la de assimilação. Ela acontece quando ocorrem tentativas da minoria em preservar a sua identidade através de ações em prol da sua valorização e da conquista de respeito de seus valores e realização de seus objetivos em comparação com a minoria. Em outros casos, a minoria pretende manter e reforçar suas diferenças, modificando a conotação negativa que elas adquiriram.

No entanto, estas formas de assimilação à maioria ou as tentativas de mudanças radicais não são tão simples como aparentam. Mesmo que conduzam a formas criativas de busca de novas dimensões construtivas, poderá haver fortes resistências na aquisição de legitimidade perante os grupos “dominadores”.

Apesar de Tajfel não ter se debruçado nas formas de poder e dominação entre grupos, a sua teoria nos direciona para estes fatores. Não é possível ignorar, e chega a ser impressionante, o modo como as estratégias utilizadas pelos grupos dominantes são eficientes. Elas são capazes de estruturar todo um conjunto de valores, modas, gostos e formas de expressão criados por poucos e desejados pela maioria das pessoas. E podem levar a extremos da deslegitimação e desumanização, como nos casos de violência física, assassinatos e guerras.

Embasados nas definições de Tajfel e de outros teóricos da Escola de Bristol, surgiram vários estudos que complementam e, de certa forma, atualizam as problemáticas levantadas pela Teoria da Identidade Social.

Neste sentido, Lorenzi-Cioldi (2003) destaca dentro das ciências sociais algumas concepções que acabam por reforçar estas práticas dominantes dentro da sociedade. Ele cita dois riscos que se corre nas duas principais formas de pensamento desenvolvidas pela Psicologia Social nos estudos com grupos. De um lado as pesquisas sobre as estruturas de dominação nas relações entre os grupos e de outro os estudos sobre as especificidades de grupos isolados.

No primeiro caso, o que se observa são comparações entre grupos dominantes e dominados, tendo como filtro a percepção dominante. Dessa situação, a conclusão a que os pesquisadores chegam, na maioria das vezes, é a da existência de subculturas pobres e indiferenciadas à medida que se desce na pirâmide social, ou seja, nas classes dominadas. Para explicar essa situação, Lorenzi-Cioldi (2003) cita o conceito de dominomorfismo utilizado por Grignon e Passeron (1989)

trata-se de tentar compreender o que se passa com os dominados, por analogia com o que se passa com os dominantes, de pretender que aquilo que explica o gosto dos dominantes também explique o gosto dos dominados, junto dos quais assume, no entanto, aspectos mais pobres e degradados e que se reduz, por vezes, a um julgamento sobre o que o grupo não é (p. 98).

No outro pólo, os estudos sobre especificidades dos grupos também induzem ao risco do chamado essencialismo. A ameaça ocorre quando estes estudos negligenciam as relações entre os grupos e lidam como se esses existissem isoladamente, acatando suas diferenças como se essas correspondessem a uma essência *a priori* que deva ser respeitada e valorizada. Ao ignorar a influência de um grupo sobre o outro, corre-se o risco de legitimar e reforçar as formas de dominação existentes e o *status quo* dos grupos dominantes.

Nesta perspectiva podemos citar a principal crítica feita à Teoria da Identidade Social como propulsora das novas tendências teóricas das pesquisas com grupo. Ao desconsiderar os aspectos ideológicos presentes nas relações intergrupais, inclusive na experiência com os grupos mínimos, a teoria da identidade social cai num reducionismo psicológico, pois os mecanismos de categorização, comparação e diferencial social são

definidos enquanto processos cognitivos que evoluíram de comportamentos biológicos individuais até comportamentos sociais intergrupais. Podemos falar de uma possível tendência dominomorfista da teoria, ou seja, existe uma justificção natural para as relações de poder entre os grupos. Falamos de uma tendência porque, como já se disse, Tajfel não desconsiderou as questões ideológicas, apenas priorizou o outro lado da temática.

Algumas propostas teóricas como a da diferenciação categorial, a das relações de poder simbólico e a da assimetria simbólica vieram fortalecer e acrescentar novas problematizações às teorias sobre relações intergrupais.

O modelo da Diferenciação Categorial (Doise, 1973, citado por Amâncio, 2004) discute, principalmente, sobre os conteúdos simbólicos utilizados nos processos de diferenciação entre grupos. Para Doise (1973, citado em Amâncio, 2004) esses conteúdos são selecionados em função do contexto da relação, ou seja, os traços selecionados são aqueles que reforçarão a dominação de um grupo pelo outro. Assim, é necessário analisar as condições de onde esses conteúdos emergem para melhor compreensão das relações entre grupos.

Desta forma, o processo de diferenciação categorial é entendido por Doise (1984, citado em Amâncio 1994) como:

um processo que esclarece o modo como, em variadas situações, uma realidade social constituída por grupos se constrói e afeta os comportamentos de indivíduos que, por seu turno, corroboram esta realidade nas suas interações. É neste sentido que o processo de diferenciação categorial constitui um processo psicossociológico (p. 138).

O modelo das relações de poder simbólico (Deschamps) questiona uma concepção central da Teoria de Tajfel que diz que a discriminação entre grupos serve ao propósito do desenvolvimento de uma identidade positiva para os membros de um grupo.

Para Deschamps (1984, citado em Amâncio 2004):

o comportamento do indivíduo, no interior do grupo e em relação ao grupo comparativamente relevante, não é universalmente orientado por uma motivação, mas sim por referências a normas e valores coletivos que a categorização intergrupos torna significantes (p. 303).

Lorenzi-Cioldi (2003), por sua vez, introduz os conceitos de grupo coleção e grupo agregado. Ele afirma que existe uma assimetria simbólica entre dominados e dominantes. Aos primeiros são atribuídas características como homogêneo, despersonalizado, ou seja, um conjunto de pessoas dependentes entre si (grupo agregado); aos dominantes as características atribuídas são: independência, distintividade, individualidade, ou seja, são vistos como uma coleção de pessoas que constroem, de forma autônoma, seu próprio destino (grupo coleção). Esse modelo também é conhecido como Modelo da Assimetria Simbólica.

Grande parte das teorias citadas acima, como a teoria da Assimetria Simbólica e a teoria das Relações de poder simbólico representadas por Lígia Amâncio e Deschamps, e os estudos de Lorenzi-Cioldi, construíram suas bases nas diferenças entre gêneros, uma vez que essas diferenças são encontradas em grande parte das culturas atuais e são um exemplo histórico de como as relações de dominação entre grupos se desenvolvem e se mantêm.

Em conformidade com a idéia apresentada acima, citamos o estudo de Parker (1991), que indica que grande parte da herança homofóbica provém da mesma ideologia que mantém e reforça os processos de diferenciação e discriminação entre homens e mulheres. Sendo assim, podemos afirmar que falar sobre as relações homoeroticamente orientadas leva a uma problematização da estrutura social de gênero.

Segundo Parker (1991), a hegemonia do sistema patriarcal agrário que se estabeleceu no Brasil exerceu uma marcante influência na organização social e na construção das representações ideológicas das interações sociais e nas formas como elas se estabeleceram, principalmente com relação às interações entre homens e mulheres.

A estrutura hierárquica que estabelecia total dominação masculina e submissão feminina teve como fonte inicial o direito delegado aos patriarcas de utilizarem a violência tal como lhes conviesse. O resultado foi a criação de dois mundos não só diferentes mas antagônicos entre homens e mulheres. Enquanto os primeiros tinham o direito e até o dever de domínio e controle tanto no ambiente doméstico quanto fora dele, as mulheres eram cercadas pelas grades dos afazeres domésticos e das paredes de suas próprias casas.

As dicotomias feminino x masculino, passivo x ativo, dominado x dominante são as associações que justificaram as diferenças de gêneros a partir da contextualização apresentada. De acordo com Parker (1991), é na linguagem do corpo e sobre o corpo que a passagem da diferença biológica entre homens e mulheres se transforma em diferenças de representações altamente valorativas capazes de se estenderem a todos os níveis da vida em sociedade. Como exemplo pode-se pensar nos apelidos dados aos órgãos sexuais femininos e masculinos que revelam a força, superioridade e atividade do pênis em contraposição à fraqueza, inferioridade e passividade da vagina.

Além das problemáticas entre homens e mulheres, os conflitos entre os próprios homens são intensos. Segundo Welzer-Lang (2004), as problemáticas relacionadas ao masculino surgiram em dois pólos antagônicos e até hoje se encontram separados entre “os que seriam normais, sobre os quais nem é necessário enunciar qual é a cor dos seus amores, de tal modo a heterossexualidade parece triunfante em nossa época; e os outros, que assumem a sua homossexualidade e procuram compreender por que são considerados diferentes dos primeiros” (p. 110).

Nesta perspectiva, ele propõe alguns passos para se começar a pesquisar sobre masculinidades considerando que falar sobre um gênero exige falar sobre o outro, uma vez que eles só se definem enquanto relacionados entre si. É inegável uma proximidade entre o que acabamos de apresentar e as concepções desenvolvidas por Lorenzi Cioldi (2003) e

Amâncio (1994) referentes à Assimetria Simbólica existente nas concepções e práticas de gênero. Assim, para Welzer-Lang, é necessário que os (as) pesquisadores (as) assumam a existência desta diferença na percepção das formas de dominação entre homens e mulheres e busquem compreender como ocorre a construção social desta diferenciação, que possui como principal característica a ocultação das relações sociais de sexo.

Esse mesmo autor deixa claro, também, que falar em homens traz à tona o fato de que esse não é um grupo homogêneo. Pelo contrário, é um grupo marcado por graves conflitos internos, como nos casos dos homoafetivos que fogem dos padrões normativos de masculinidade.

Esse grupo, assim como o das mulheres, é duramente categorizado e enquadrado em especificidades fora das características atribuídas aos heterossexuais¹. Para Welze-Lang,

a homofobia é uma forma de controle social que se exerce entre os homens, e isso desde os primeiros passos da educação masculina. Para ser valorizado, o homem precisa ser viril, mostrar-se superior, forte, competitivo...senão é tratado como os fracos e como as mulheres, e assimilado aos homossexuais. Homofobia e dominação das mulheres são as duas faces de uma mesma moeda (2004, p. 118).

Nesta direção, a crença na superioridade masculina sobre as mulheres é que delimita como a mulher deve agir e pensar e delimita, também, como é se tornar e permanecer homem “macho”. Essas delimitações se relacionam à virilidade, ao poder, à atividade e ao domínio nas diversas situações sociais. Qualquer variação dessa norma social resultaria na categorização em minorias marginalizadas. Assim, também conforme Trindade e Nascimento (2004) apontam, a construção de atitudes homofóbicas precoces faz parte do próprio processo de socialização dos homens, sendo que esse processo exige controle e vigilância constante dos homens entre si.

1- Devemos esclarecer que, assim como os homens, também as mulheres e os homoafetivos constituem grupos extremamente heterogêneos.

Qualquer passo em falso ameaça a tão suada masculinidade. E se para isso são impostas aos homens atitudes, às vezes perversas, é também assim que eles se beneficiam das vantagens da dominação.

As diferenças construídas entre os gêneros são compartilhadas entre eles, embora cada um, por força da própria ideologia, assumam posturas diferentes na manutenção da mesma.

De qualquer forma, se estabelece uma relação de poder, em que a masculinidade é tida como ordem natural e geral e a feminilidade como ordem específica e inferiorizada (Amâncio, 1994).

Conforme afirma Lígia Amâncio (1994, p. 34), “tanto homens como mulheres participam na reprodução do sentido dos modos de ser que os diferenciam, através de padrões de comportamento que, embora aparentemente distintos, têm uma origem ideológica comum”.

A ideologia comum à qual a autora se refere impõe uma diferenciação entre masculino e feminino, donde a norma coincide com os padrões masculinos e a exceção com os padrões femininos. Além disso, trata-se de uma ideologia partilhada e que, sendo legitimada e estável, não é percebida nem mesmo pelas mulheres que acabam reforçando estas diferenças em todas as esferas sociais.

Se em termos de homem e mulher a assimetria simbólica de poder é bastante eficiente, a balança do preconceito tende a pesar mais ainda quando diz respeito às pessoas homoeroticamente orientadas, uma vez que constituem uma categoria que coloca em cheque justamente os preceitos mais importantes para a manutenção do antagonismo entre os gêneros. Referimo-nos aqui à dicotomia atividade x passividade. Conforme Fry (1982) percebe-se um sistema de representação das relações sexuais-afetivas onde o principal é a relação entre dominação e submissão e não a homossexualidade em si. Assim, as práticas

homossexuais podem ser aceitas desde que o sujeito mantenha a atividade, a dominação no ato sexual.

Ao analisar os estudos citados acima sobre as relações entre feminino e masculino, percebemos que a dominação, inicialmente física, dos homens para com as mulheres, se legitima e desenvolve numa concepção de força masculina em oposição à fragilidade feminina. A partir daí a abrangência destes significados ultrapassa vários limites, e chega às comparações nas medidas de QI, coragem, competência, segurança, auto-estima, etc.

Contrariar este padrão existente de homens e mulheres significa sucumbir à anormalidade indesejada e sofrer sérias conseqüências, como se observa nas minorias de homens homoeroticamente orientados. Observamos que estes critérios são utilizados ainda hoje, com algumas variações contextuais.

De acordo com os estudos de França (2006), esta discriminação feminino/masculino existe, inclusive, entre as pessoas homoeroticamente orientadas. Muitos homens homoafetivos criticam outros homens homoafetivos por manterem posturas semelhantes às mulheres. Esta discriminação se encontra em conformidade com a lógica da masculinidade hegemônica apresentada anteriormente.

Com base no que foi até agora apresentado, tornaremos explícitos os objetivos e os procedimentos da pesquisa à qual nos propomos.

3- OBJETIVOS

3.1 - Geral:

Identificar, descrever e analisar como homens que se declaram homoafetivos identificam, descrevem e avaliam: a) concepções e práticas discriminatórias baseadas na diferenciação homossexual/heterossexual; b) o impacto que essas concepções e práticas tem no seu cotidiano e; c) as estratégias de aceitação e resistência individuais e grupais frente a essas mesmas concepções e práticas.

3.2 - Específicos:

- 1) Identificar e descrever quais são, segundo os entrevistados, os critérios de diferenciação entre homossexuais (homoafetivos) e heterossexuais (heteroafetivos).
- 2) Identificar e descrever quais são, segundo os entrevistados, as estratégias (concepções e práticas sociais) responsáveis pela manutenção dessa diferenciação.
- 3) Identificar e descrever como essa diferenciação se estabelece, segundo os entrevistados, na sua inserção em diferentes contextos (família, trabalho, escola, igreja, lazer).
- 4) Identificar e descrever as estratégias utilizadas, pelos entrevistados, para lidarem com as diversas situações onde acreditam ser discriminados (nas relações familiares, amorosas, nos momentos de lazer e interação social, etc).
- 5) Identificar e analisar as concepções dos entrevistados sobre as conseqüências de serem homoafetivos, na sua forma de posicionar-se em sociedade.
- 6) Identificar e analisar a concepção dos participantes sobre as ações organizadas por grupos de homoafetivos em busca de reconhecimento social.

4- MÉTODO

4.1 - Primeiros passos

Vamos construir nesse trabalho uma breve história de homens que, na infância ou adolescência, perceberam que sentiam atração afetiva e/ou sexual por outros homens. As histórias apresentadas foram reconstruídas a partir de entrevistas individuais e semi-dirigidas realizadas com esses homens. Antes de apresentá-las, pretendemos contar como foram os primeiros passos para o encontro com essas experiências.

Após a definição do instrumento de coleta e dos métodos de análise, iniciou-se o desafio de contatar interessados em participar da pesquisa sem que isso pudesse gerar constrangimentos. Sabe-se que o tema ‘homossexualidade’ ainda é bastante evitado socialmente. Sendo assim, homens e mulheres muitas vezes evitam revelar as suas preferências homoafetivas em função de um meio arredo a essa forma de relacionamento. Pensando nisso, o primeiro contato foi feito com uma pessoa próxima da pesquisadora e que demonstrou interesse e disponibilidade para participar da primeira entrevista, tendo, inclusive, indicado outros interessados. Optamos, então, por utilizar a técnica “bola de neve”, que consiste em solicitar a cada entrevistado a indicação de outra pessoa que teria interesse em, também, participar. Tendo se transformado em uma peça chave, pelas referências dadas sobre a pesquisadora aos demais participantes, o primeiro entrevistado auxiliou fazendo a primeira abordagem com as pessoas indicadas. Nesta aproximação ele pôde dar referências sobre a pesquisa e sobre as pessoas responsáveis. Através dele também foi possível saber dos receios e expectativas dos entrevistados. Este conhecimento deflagrou alguns questionamentos sobre o procedimento de coleta inicialmente escolhido. Por isso decidimos efetuar algumas alterações nesse procedimento. O objetivo destas mudanças foi aliviar, da melhor forma possível, as ansiedades dos voluntários ocasionadas pela iminente

participação. Essas ansiedades giravam em torno do local onde as entrevistas seriam realizadas, das pessoas que teriam acesso às gravações, dos objetivos da entrevista e da identificação dos participantes. Assim, realizamos três importantes modificações nos instrumentos e procedimentos que seriam utilizados. Primeiro, decidimos por não filmar as entrevistas, apenas realizar a gravação da voz para que os participantes ficassem mais à vontade para se expressarem. Optamos, também, por realizar as entrevistas em um consultório particular fora do horário dos atendimentos para que não houvesse riscos de identificação dos entrevistados caso as mesmas fossem realizadas em instituições de acesso público. Em terceiro, desistimos da idéia de realização de uma entrevista coletiva para termos flexibilidade para adequação das disponibilidades de horário individuais.

Procuramos adequar os horários às necessidades dos participantes e buscamos um local central para não dificultar a locomoção dos mesmos. Ainda sim, houve algumas resistências, felizmente, menos do que esperávamos. A maior parte dos sujeitos estava trabalhando durante o dia e cursando faculdade à noite, por isso tivemos que esperar até o encerramento do período letivo para realizar as entrevistas sem maiores inconvenientes.

Inicialmente, iríamos entrevistar oito pessoas. Mas dentre nove pessoas sugeridas, duas optaram por não participar relatando falta de tempo. Entretanto, acreditamos poder haver outros receios envolvidos, pois falar sobre suas preferências sexuais com pessoas fora do meio não é algo comum para nenhum dos entrevistados.

Os primeiros contatos foram feitos por telefone e por e-mails e as entrevistas foram marcadas de forma isolada com cada participante e realizadas individualmente. As entrevistas aconteceram num clima bastante amistoso. Dos sete entrevistados, a pesquisadora conhecia cinco, tendo conhecido os outros dois no dia da entrevista, o que não impediu que ficassem à vontade e se disponibilizassem a responder todas as perguntas. As entrevistas foram bem focadas no objetivo da pesquisa, que visa entender a vivência dos entrevistados

de comportamentos preconceituosos ocorridos no dia a dia. Por isso, e para evitar qualquer invasão ou constrangimento, evitamos abordar assuntos relacionados à intimidade e a particularidades das relações sexuais e amorosas de cada um. Desta forma, foi possível obter uma participação significativa de todos, não houve caso de recusa em responder a nenhuma das questões abordadas.

Percebemos que a discrição e a privacidade foram essenciais para que os participantes se sentissem à vontade, uma vez que todos possuem um perfil com característica de evitar a exposição dos seus relacionamentos e das suas preferências.

Conversar com essas pessoas e conhecer melhor as suas vivências reforçaram ainda mais o entendimento da pesquisadora de que vivemos numa sociedade que é implacável e rigorosa na discriminação de relacionamentos íntimos e afetivos entre pessoas do mesmo sexo. Embora muitos deles possuam estratégias de posicionamento que os resguardam de muitos constrangimentos, percebemos que essas estratégias resultam frequentemente em um desgaste emocional. As entrevistas foram guiadas pelos participantes, as intromissões da pesquisadora aconteceram por solicitação dos mesmos, ou quando era percebida uma mudança no foco da pesquisa. Houve picos de grande emoção, mas de forma geral as informações fluíram com muita naturalidade e confiança entre entrevistado e entrevistador.

Lidar com as percepções trazidas nas entrevistas não foi tão simples quanto parecia. Não podíamos correr o risco de categorizar essa minoria como vítimas, pois acabaríamos estigmatizando novamente o grupo. No entanto, também não poderíamos dizer que os conflitos relatados fossem comuns, como qualquer um desses que qualquer pessoa é levada a passar no decorrer da sua vida. Tratava-se de uma questão diferenciada. Essa diferenciação passa pelo fato de interferir na identidade como um todo, no que ela tem de mais dinâmico e relevante – a relação com o outro - não apenas a relação sexual ou amorosa

entre duas pessoas, mas a relação com outros papéis assumidos, seja como filho, como amigo, como empregado, etc.

Foi muito gratificante ingressar, mesmo que superficialmente, na vida destas pessoas e poder compartilhar de sentimentos significativos em suas vidas. Através da realização destas entrevistas, a relevância deste estudo ficou mais evidenciada, como forma de contribuir para uma visão nova e responsável sobre o tema em questão.

Após expor brevemente como se deu a aproximação com os sujeitos, vamos realizar a sua apresentação.

4.2 - Os sujeitos

Diante das diversidades existentes na categoria homossexual e de tantas definições e possibilidades, foi preciso especificar qual perfil de entrevistado poderia melhor contribuir para o entendimento das estratégias vivenciadas por homens homoafetivos, no dia a dia, no enfrentamento do preconceito. Após consultar a literatura existente, optamos por compreender como a vivência do preconceito acontece para aqueles homens que convivem em ambientes de trabalho, de amigos, às vezes, de família sem que as pessoas saibam da sua orientação sexual. Em função do preconceito aberto percebido na cidade de Montes Claros, optamos por trabalhar com homens que são naturais da cidade de Montes Claros ou que, vindo de outras cidades da região, possuem uma vida estabilizada e organizada nesta cidade.

O grupo entrevistado foi composto por sete homens com idade entre 20 e 32 anos. Com exceção de um, o mais novo, todos possuem trabalho fixo, terceiro grau completo ou em andamento.

Eles se mostraram interessados em participar da pesquisa, principalmente pela mediação de uma pessoa de confiança, como foi colocado anteriormente, e alguns pelo fato de conhecerem e compreenderem os objetivos da pesquisadora. Com exceção de dois contatados que, alegando dificuldades de horário, não se dispuseram a participar, podemos

afirmar que realizamos uma abordagem de sucesso no esclarecimento de nossos objetivos e de nossas intenções.

4.3 - Procedimentos de coleta de dados

A proposta inicial era realizar um grupo focal com os participantes, no entanto o amadurecimento da leitura sobre o método de análise e as circunstâncias envolvidas no contato com as pessoas nos levaram a rever nosso procedimento e a optar pelas entrevistas individuais. O primeiro problema encontrado foi manter a privacidade das pessoas envolvidas que não gostariam de ter a identidade revelada e que, para ficarem à vontade, gostariam de discrição. Em segundo, foi uma questão pontual, a disponibilidade dos sujeitos era diferenciada e seria muito difícil agendarmos o grupo de forma a permitir a participação de todos.

A coleta foi realizada no período de maio a julho de 2008 tendo as entrevistas, durado de 40 minutos a 3 horas e meia. Todas as entrevistas foram gravadas após o entrevistado ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1).

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um roteiro semi-estruturado (anexo 2). A intenção não foi seguir rigidamente as questões propostas, mas garantir que algumas questões centrais ligadas ao interesse da pesquisa fossem contempladas e também conduzir a entrevista em momentos de hesitação dos entrevistados. Diante das peculiaridades do tema, procuramos realizar as entrevistas em um local de pouco movimento de pessoas e de fácil localização. Para isso, disponibilizamos um consultório psicológico particular que nos foi cedido para o horário noturno e durante os finais de semana. A partir desta disponibilização foi possível atender às conveniências dos entrevistados. Muitos trabalhavam durante o dia e estudavam à noite e, por isso, aguardamos o período de recesso escolar, em julho, para marcarmos a coleta.

O principal objetivo das entrevistas foi entender a trajetória destes homens que, se descobrindo homossexuais, passaram a enfrentar um meio hostil às suas preferências e tiveram que estruturar ou reestruturar as suas vivências em função desta especificidade – o preconceito.

As entrevistas, com todas as suas variações, tornaram-se um dos principais procedimentos de coleta de dados para as ciências sociais. Conforme Gaskel (2002), a entrevista permite que a interação dos atores sociais e suas situações se manifestem e possam ser analisadas de acordo com o embasamento teórico do pesquisador. Segundo ele, “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (Gaskel, 2002, p. 65). A partir mesmo deste objetivo, optamos pela utilização da entrevista, especificamente da entrevista semi-estruturada.

Por entrevista semi-estruturada entende-se aquela realizada com o auxílio de um guia com questões relevantes sobre o tema. Esse guia foi utilizado não somente como forma de segurança para o entrevistador, mas prevendo momentos de estagnação e de dispersão por parte dos entrevistados a respeito do assunto preconceito. Essa opção foi bastante eficaz, principalmente por termos lidado com um tema tão polêmico e abrangente quanto a questão da homossexualidade. Procuramos respeitar em primeiro plano a narração do entrevistado na sua ordem e profundidade sobre o preconceito vivenciado ou não em seu cotidiano.

Flick (2004) define esse tipo de entrevista como “Entrevista semi-estruturada centralizada no problema”, que consiste no uso de um guia que propiciará o foco no problema de interesse da pesquisa. Segundo ele, basendo-se em Witzel (1985), o guia é empregado “no caso de uma conversa estagnante ou de um tópico improdutivo” (p. 100).

O uso do roteiro variou em cada entrevista realizada. Para alguns entrevistados, ele foi utilizado apenas como uma conferência final para que nenhum aspecto importante de

análise fosse negligenciado. Entretanto, para a minoria, serviu como estímulo a um discurso amarrado e objetivo, característica própria da pessoa entrevistada, que continha muito da forma de posicionamento do sujeito frente ao tema como poderemos notar nas discussões das narrativas.

Outra dificuldade citada pelos estudiosos deste procedimento e sentida pela entrevistadora foi a necessidade de decisão constante sobre o limite entre a profundidade a ser explorada em algumas questões e a autonomia do entrevistado na sua narração. Por se tratar de um tema cheio de mitos e receios, as opções consideraram, em sua maior parte, o interesse do entrevistado em aprofundar ou não as questões citadas. Desta maneira, não se correu o risco de uma invasão que poderia ultrapassar os objetivos da pesquisa e prejudicar a relação amistosa conquistada nas entrevistas.

4.4 - Instrumento

Utilizamos um guia para a realização das entrevistas. A seguir apresentaremos um esboço do roteiro geral que norteou a coleta dos dados. As questões na íntegra podem ser vistas no Anexo 2.

O roteiro foi dividido em sete blocos.

Bloco 1 – Identificação – (Idade, escolaridade, naturalidade, atividade ocupacional, faixa salarial).

Bloco 2- Descoberta da preferência sexual, admissão da preferência sexual e relação com a família.

Bloco 3 – Relacionamentos – (Amizades, namoros, romances, paqueras, etc).

Bloco 4- Diferenciação homo/heterossexuais, Preconceito, Discriminação, Estratégias e Auto-conceito.

Bloco 5 – Expectativas (Quanto às relações com o meio social).

Bloco 6- Mídia e religião (Sobre a homossexualidade e o preconceito).

Bloco 7 - Participação em movimentos políticos (Participação e concepção sobre os movimentos gays, paradas gays, etc).

4.5 - Procedimento de análise dos dados

Pela natureza da pesquisa e de nossos objetivos optamos por organizar e interpretar os dados coletados nas entrevistas na perspectiva fenomenológica. Fundamentalmente, a fenomenologia nos apresenta um enfoque que busca ficar livre de pressupostos e preconceitos no entendimento de um fenômeno. Considera que “qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo” (Garnica, 1997, p. 116). Desta forma, cada fenômeno é visto como único, já que foi construído em relação, num momento específico.

A interpretação de dados feita dentro de uma metodologia com cunho fenomenológico não implica a obrigatoriedade de se utilizar essa mesma abordagem na concepção teórica do problema levantado. Por outro lado exige que se tenha uma relação com o sujeito que preserve a sua subjetividade e historicidade.

Essa proposta de procedimento de interpretação de entrevistas nesta perspectiva foi criada por Bullington e Karlsson (1984) e desenvolvida por Trindade (1991), sendo utilizada por diversos autores. Em especial, citamos o trabalho desenvolvido por Gianordoli - Nascimento (2006) que, através de entrevistas, construiu a trajetória de ex-militantes políticas do período da ditadura utilizando deste procedimento na interpretação dos dados.

Partiu-se do princípio que cada realidade a ser estudada é uma construção das vivências e das interpretações destas vivências e se dá em conjunto com o pesquisador que não se propõe neutro na participação e análise dos dados.

O objetivo desse procedimento foi ao encontro a nossa proposta, pois queremos, a partir de uma vivência em comum, estabelecer um paralelo entre histórias diversas e,

assim, construir uma rede de interações e interpretações em torno das experiências analisadas com foco no preconceito.

Ressaltamos que todo método de análise de dados implica certo grau de rigor para não se tornar uma mera intuição do pesquisador. Apresentaremos a seguir as fases de condução deste procedimento de acordo com literatura citada.

Conforme Trindade e Nascimento (2007), a finalidade principal do método fenomenológico é chegar à estrutura do fenômeno. Desta forma, é necessário que o fenômeno tenha sido descrito em profundidade, e que este fenômeno tenha sido vivenciado de forma compartilhada por um determinado grupo, não sendo algo isolado. O fenômeno então apresentado é o preconceito, tal como vivenciado por um grupo de homens homoafetivos da cidade de Montes Claros. Pretende-se entender a estabilidade nas vivências destes sujeitos, bem como as discrepâncias de sentido.

Diante destas considerações, a primeira etapa de análise de dados consistiu na transcrição das entrevistas de forma a registrar em detalhes as falas gravadas, incluindo as manifestações de sentimentos e gestos, como choro, risos, etc. Neste momento, observamos a ocorrência de um mergulho do pesquisador naquelas vivências, que será mais aprofundado nas categorizações.

Em seguida, realizou-se o estudo exaustivo destas transcrições com o objetivo de levantar as unidades de significado, ou seja, as unidades de sentido comuns a todos os relatos, que permitirão entender os fundamentos próprios daquela experiência em foco. Nessa fase as transcrições foram lidas diversas vezes, o que contribuiu ainda mais para a aproximação do fenômeno.

A partir dessas leituras levantamos as seguintes unidades de significado: 1) Concepção acerca da homossexualidade; 2) Convivendo com o preconceito; 3) “Coisas” próprias de homossexuais e de heterossexuais; 4) Auto-preconceito; 5) Preconceito contra

outras formas de vivenciar a homossexualidade; 6) Associação entre homossexualidade e promiscuidade; 7) Enfrentando o preconceito; 8) Influência da classe da social; 9) Homossexualidade e mídia; 10) Homossexualidade e religião; 11) Militância política; 12) Consciência da orientação sexual para o mesmo sexo; 13) Vivência da homossexualidade na adolescência; 14) Culpa e revolta; 15) Revelação para a família; 16) Relação atual com a família; 17) Relacionamentos amorosos; 18) Casamento e filhos; 19) Percepção da cidade de Montes Claros; 20) Expectativas quanto ao futuro.

Logo em seguida, realizou-se a distribuição das falas dos sujeitos de acordo com as unidades de significado citadas acima. Um mesmo trecho de entrevista foi citado em mais de uma unidade já que muitas falas se entrecruzam nos seus significados.

Na fase quatro efetuou-se a padronização da linguagem, transcrevendo as falas de cada unidade de significado para a terceira pessoa, priorizando-se a idéia central. Para maior fidelidade com as falas dos participantes, mantemos algumas transcrições literais, que podem permitir uma aproximação maior com a vivência dos entrevistados.

Por fim, as unidades de significado são transformadas em um texto único denominado de “estrutura”, onde são articulados os aspectos mais significativos da vivência do fenômeno. Através destas estruturas é possível identificar os aspectos comuns vivenciados pelos sujeitos e efetuar as discussões necessárias para o entendimento do fenômeno a partir da abordagem teórica selecionada.

Estas construções textuais apresentam algumas diferenciações na ordem dos assuntos citados em função das especificidades da história do sujeito e da forma como elas foram relatadas. Assim, procuramos trazer o sujeito para próximo do leitor, preservando a identidade dos participantes. Por isso, todos os nomes próprios citados são fictícios.

Ao ler esses textos é possível sentir os diversos conflitos pelos quais essas pessoas passaram e passam em seu dia a dia. Das tentativas de negação dos sentimentos por

outros homens ao pensamento suicida, passando pelo amadurecimento forçado para a auto-aceitação e a prática da relação sexual, podemos entender que não se trata de uma escolha pura e simples de relacionamento, há algo antecedente de difícil explicação. Certo é o embotamento diário das suas emoções e das suas palavras. Enquanto realizava essa pesquisa, estive sempre no limite de aceitar e corroborar um discurso vitimário, mas foi possível compreender que a forma de posicionamento destas pessoas diante da sociedade restabelece as mesmas possibilidades, talvez com um pouco mais de esforço emocional, de qualquer outro cidadão. Os próprios entrevistados evitavam se colocar neste papel de vítima.

5- RESULTADOS

5.1 - Compartilhando Vivências.

As estruturas elaboradas a partir das entrevistas serão apresentadas a seguir.

5.1.1- Benício

Escolaridade: Superior incompleto

Faixa salarial: Entre 3 a 6 salários mínimos

Idade: 28 anos

“... cheguei num ponto assim que, pra mim, a morte, na verdade, era uma solução agradável. Só pra você ter uma idéia, eu não sentia nada doloroso, eu não sentia.”

Benício nasceu numa cidadezinha do norte de Minas Gerais onde morou até os 16 anos. Nesta idade abandonou seus estudos e foi morar com a irmã na capital do estado, onde ficou por, aproximadamente, um ano e meio. Neste tempo ele conclui o 2º grau e fez alguns cursos profissionalizantes. Depois voltou para a sua cidade natal, onde ficou pouco tempo, pois se mudou para Montes Claros com o objetivo de continuar seus estudos, tendo ingressado, rapidamente, numa faculdade.

Atualmente mora com uma irmã e está prestes a concluir o ensino superior. Está em Montes Claros há sete anos.

Benício não sabe definir, objetivamente, o que ele denomina de sua “realidade”. No entanto, entende que a sua orientação homoafetiva vai além do sexo. “Porque sexo, acho que a gente pode fazer com qualquer um, cada um tem suas barreiras, tem; mas qualquer um tem capacidade de fazer sexo, acho que o que muda é aquilo mesmo afetivo, aquela atração de, de (gaguejou) de você gostar, você realmente amar, você querer do lado, essa situação que eu acho bem mais madura, né, é que faz a diferença.”

No seu processo de autoconhecimento, Benício construiu a percepção de que ele não tem nenhuma obrigação de explicar o porquê da sua orientação sexual e acredita que seja qual for essa explicação, ela deve servir também à heterossexualidade. Pensando dessa

forma, ele conseguiu, parcialmente, aceitar e elaborar a sua “realidade” com mais naturalidade e normalidade, após um longo período de culpa e depressão.

Assim, ele se posiciona em suas relações do dia a dia como uma incógnita. Ou seja, procura manter-se o mais discreto possível com relação a sua orientação sexual. Procura, em primeiro plano, honrar com seus compromissos perante as pessoas e se sobressair profissionalmente. Desta forma, ele consegue o respeito das pessoas e evita possíveis constrangimentos relacionados à sua homossexualidade. “Porque eu sou um pouco de incógnita, nem todo lugar é 100%, mas eu acho que quando isso virar 100%, eu acho que, com certeza, eu não vou ficar me iludindo, ‘não, vocês vão compreender’. Não, eu não espero isso não.”

Por se manter neste posicionamento sente dificuldade de ficar à vontade com seus parceiros em lugares públicos, mesmo que sejam ambientes destinados ao público gay. “Pra te dizer a verdade eu tenho atitudes assim, apesar de eu ter feito muita coisa, um monte de coisa, mas ainda tenho vergonha, vamos dizer assim, de freqüentar lugares do meio. Eu tenho muita vergonha. Eu não me sinto à vontade em tá com a pessoa, ou namorar em locais públicos, eu não consigo. Até dentro dos ambientes específicos pra isso, eu não consigo.”

Desolado, Benício percebe que essa forma de agir o prejudica em suas relações amorosas e de amizade e isso o incomoda. Ele tem medo e cada vez mais procura cumprir o que a sociedade espera dele, não quer ser cobrado, nem julgado, quer ser competente no trabalho, ser discreto, ser equilibrado. “Eu tenho medo, medo normal... Mas eu não gosto de ter, de ter esse receio, de viver com medo, ou agir por pressão. Eu não gosto, eu nunca gostei disso, se eu tenho de fazer é porque eu tenho obrigação de fazer isso, por isso que eu me exijo muito, antes que alguém me peça alguma coisa. Então, eu tento prever o máximo de situações pra não ser cobrado.”

Cobrado ao extremo por si próprio, Benício sente muita dificuldade em falar sobre o assunto, tanto com sua família como com outras pessoas. Ele constrói uma barreira entre as pessoas até que algo abale aquela falsa paz e o obrigue a se posicionar e conversar. E, então, ele consegue ficar à vontade. Manter-se incógnito é uma estratégia utilizada por Benício que acarreta sofrimento, mas é a única maneira que ele acredita possível para uma convivência longe das discriminações que poderia sofrer caso revelasse sem receios a sua preferência sexual.

A dificuldade em viver em um meio preconceituoso sempre foi esperada por Benício. Mesmo porque ele teve que vencer seu próprio preconceito quando se deparou com a sua “realidade”. Acabou adquirindo alguns “traumas” no decorrer da sua trajetória de vida e reconhece que isso é muito comum entre as pessoas do meio homossexual. “Igual acontece hoje, hoje tem pessoas que já estão, tem o estereótipo e tudo mais, já convivem, todo mundo já sabe, mas você pensa que a pessoa tem essa situação, mas é uma pessoa tão bloqueada, que ela é toda traumatizada que ela não consegue fazer nada do que a gente imaginaria que elas já fizessem. Então assim, justamente por essa carga que vai pegando. Então eu queria muito aproveitar esses momentos de evolução e conseguir evoluir junto...” A consequência principal que ele reconhece é a dificuldade em se aproximar de amigos e amores e de manifestar carinho e afeto em seus relacionamentos.

O próprio meio homossexual tem seus preconceitos. Benício já se sentiu discriminado por ter revelado para a família a sua orientação sexual. Esse fato já fez com que algumas pessoas homo-orientadas se afastassem dele. “O fato de determinadas pessoas, com o estereótipo até pior do que o meu, de quem ver já enxerga que seja. O fato de saber que eu já ter falado pra família, que eu já, fica com receio, como se fosse falar pra todo mundo desta situação. Então há esse preconceito a mim, internamente.”

Ele se angustia diante desta situação, não sabe como poderá contorná-la. Apesar de se sentir preparado e maduro para lidar com os obstáculos do dia a dia, se sente prejudicado em seus relacionamentos. “Assim eu tinha minha ponderação, minha maturidade, sabia o que falar e o que não falar, mas não tinha essa, essa paranóia assim. Sinceramente, hoje interfere nos meus relacionamentos, não sei como é que vai ser esse trem não.”

A referência que sempre faltou em sua vida se tornou um objetivo a ser alcançado, hoje busca ser uma referência para as pessoas que passam pelo mesmo conflito. “Então assim, por isso que eu falo, eu gostaria sim de ser um refúgio que eu não tive, de ser o modelo, um exemplo, em relação àquilo que eu não tive, porque é horrível você ter um sentimento, você crescer e você não ter nenhum exemplo para seguir.” E, de fato, muitas vezes, exerce esse papel, mas o medo o faz recuar. “Eu, tipo assim, eu tiro a pessoa, assim, do anonimato, vamos dizer assim, quando as pessoas, realmente, resolvem viver eu já entro no anonimato.” Benício incentiva seus companheiros e amigos a enfrentar a sociedade, a não se anular, mas nunca consegue ir muito longe. Quando os passos de seu acompanhante ultrapassam um determinado limite, ele recua.

Neste conflito em que vive evitando que a sua preferência sexual e afetiva seja exposta e buscando uma referência de vida digna, Benício, desde adolescente, tenta desenvolver concepções que diferenciem o homossexual do heterossexual. No início havia apenas duas possibilidades: ser homem ou ser mulher. Mas ele sabia que nenhum dos dois caminhos servia para ele. Desta forma, ficava sem referência. O que devia e o que não devia fazer? “Futebol, eu sempre fiquei meio receoso, mas eu brincava, mas não pelo fato assim, é muito complexo, assim, rotula, de certa forma, o futebol como de homem e eu ficava meio apreensivo, será que eu..... Olha pra você ver que idiotice.”

Atualmente ele continua a ter dificuldade em falar sobre características próprias dos homoafetivos, mas afirma que existe alguma coisa própria, algo difícil de definir. “Eu percebo até pessoas mais jovens que têm esse comportamento que dá pra ser bem mais externalizado porque você não, não (gaguejou). De uma certa forma, você num tem perfil, você não mede, cê não tem um pouco de consciência. É muito impulsivo. Então essa impulsividade, com certeza o jeito aflora um pouquinho.”

Para ele, as lésbicas são mais egoístas no relacionamento que os homens gays, tendo dificuldade de se relacionarem com desconhecidos. Já os homens gays são mais abertos e mais receptivos a outros tipos de pessoas. Acredita, sem muita certeza, que o homem homoafetivo é mais sensível que o homem heterossexual. A sensibilidade também é a característica que diferencia o homem heterossexual da mulher heterossexual, sendo a última mais sensível. “É muito complicado porque, eu falo assim, principalmente da cabeça, porque eu sou muito aberto às coisas e não gosto de rotular. Então, assim, se for olhar pelo lado do rótulo, é porque o homem é menos sensível. Só que eu não sei até que ponto isso é verdade ou não é. E a mulher é mais sensível, também não sei até que ponto também. Eu conheço tanta gente assim e... Agora, pelo rótulo social seria isso. Eu não vou falar grosso modo, porque se eu for falar a fundo, eu não vou chegar a resposta nenhuma.”

Com muitas dúvidas e dificuldades, ele admite ser difícil identificar características próprias das diversas formas de sexualidades. Entende que as coisas mudam e que não é possível generalizar essas idéias. “Eu acho que vai chegar um ponto assim que vai ter uma unanimidade de uma característica humana, e pronto, sabe? Eu acho que o que muda, o que rotula, o que é parte essencial aí, é a questão dos rótulos que a gente vai colocando e que vai enquadrando. Acho que é a condição humana, mesmo assim que cada um tenta ser um pouco.”

Mesmo com essa dificuldade de diferenciação, desde muito cedo Benício procurava se policiar para que não fosse identificado como homossexual e estereotipado como gay. Para isso, procurou seguir, rigorosamente, o protocolo destinado a jovens homens, como servir ao exército, entrar no colégio agrícola, capinar, namorar meninas, etc.

Imaginava com receio, quando adolescente, que deixava transparecer a sua preferência, mas, quando contou a seu pai, percebeu que não era como pensava. Seu pai não fazia idéia do que se passava com ele. “Aí eu percebi que não era tão definido, né, que muita coisa tava dentro de mim, não tava externalizado. É óbvio que eu tive, a gente tem um jeito de andar, uma coisa assim que eu sempre me cobrava se tinha alguma coisa em mim e que as pessoas terminam percebendo, uma coisa assim, que não era normal de uma pessoa, não é normal, sei lá.”

Atualmente, pela sua postura de manter discrição sobre o assunto, Benício também evita andar somente com pessoas homossexuais. “Eu, pra te dizer a verdade, eu nunca gostei de andar, vamos dizer assim, em bando (risos), eu nunca gostei. Eu sempre gostei de ter amizades de todas as formas. Eu nunca, por exemplo, levantar a bandeira ou participar de grupos...”

Toda essa sua precaução tem como pano de fundo dois fatores relacionados. O primeiro refere-se ao receio de se encaixar no estereótipo caricaturado do gay, que inclui, entre as suas características, a promiscuidade. Esse seria o segundo fator: o receio de ver a sua imagem associada com a promiscuidade.

Para ele, existem, entre as pessoas homoafetivamente orientadas, subcategorias com perfis diferenciados. Por isso, o fato da sociedade representar o gay com uma única caricatura igualando todo o grupo não é bem visto por Benício. “Agora eu, pra te falar a verdade, apesar de não ser e tal, aquelas pessoas que são bem afeminadas, elas realmente se exteriorizam mesmo de sentir bem como mulher e tal, eu acho que já é um patamar bem

diferente do meu, como de outros amigos meus. Eu sei por que enquanto essa situação é obscura, né, no meio social, tudo se iguala, mas a partir do momento que você conhece a fundo –você vê que outra categoria, publicamente, então elas se vêem como mulher mesmo.”

Ele enxerga com estranheza o comportamento extremamente afeminado de alguns homens homossexuais. “Então assim, eu dou a maior força, sabe, eu acho que... Só que causa uma certa estranheza, causa, é, mas eu acho que o que difere na verdade não é nem a falta de pessoas pra esse tipo de perfil, mas é a consciência social que tá entre essas duas situações que não acontece.”

A outra dificuldade enfrentada por Benício está, certamente, relacionada à associação freqüente da homossexualidade à promiscuidade. Para ele, que mantém e valoriza a questão do respeito e do profissionalismo, a associação do seu nome à promiscuidade seria muito vergonhosa. “É o que me afeta hoje, na verdade, a freqüentar determinados lugares. Vontade eu tenho, me dá vontade. Só que quem vê, infelizmente, tem um preconceito. E eu que não gosto... Mas tem determinados lugares que eu não gosto de freqüentar, porque quem vê, infelizmente, aquela situação, né, iguala. Quem não conhece iguala com qualquer situação. Então assim, eu acho que esse ponto de vista das pessoas em relação a minha pessoa é que influencia a ter algumas atitudes relacionadas a determinadas coisas, mesmo indo contra uma vontade.”

Por outro lado, entende este preconceito como hipocrisia. Tenta se convencer a não se preocupar com a percepção que os outros possuem do gay, mas não consegue. “Então, essa situação me preocupa um pouco, então as pessoas ainda têm sim esse comportamento, e historicamente, hipocrisia... Eu acho que isso se resume em hipocrisia mesmo das pessoas, porque se elas pararem pra pensar por que é... Não sou só eu que devo dar satisfação a ela, mas como ela, também, a mim, porque não sou eu que preciso ser analisado, como elas também precisam ser. Eu encaro desta mesma forma, a resposta que achar pra mim, vai

achar pra qualquer um, entendeu? O que limita e o que começa a categorizar é que eu devo dar satisfação para a sociedade e para outras pessoas, né, entre aspas consideradas “normais”, não precisa. É somente uma consciência social herdada que eu não culpo.” Benício não consegue desconsiderar o que as pessoas pensam e falam, pois não suporta a possibilidade de ser rejeitado e discriminado socialmente.

Para enfrentar o preconceito, Benício procurou primeiro escapar dos estereótipos relacionados à categoria como forma de andar, de falar, de se vestir, etc. Consolidou uma concepção de que não tem obrigação de dar satisfação para a sociedade e assim procura se apresentar como uma incógnita, ou seja, ninguém precisa saber da sua preferência sexual. “É com relação à sociedade, é. Eu acho que eu consegui contornar, na verdade, essa situação, a partir do momento que eu não coloquei isso como essencial, né? Por exemplo, ter que provar isso pra alguém. Eu não tenho essa obrigação em falar nada a ninguém.” Assim, ele consegue fugir do enquadramento e evita possíveis discriminações. “Eu não posso, sabe, me enquadrar dentro do meio social que de certa forma é o que evidenciava. Então, eu sempre me políciei, né, de não dar nenhuma escorregada.”

Nos primeiros contatos com pessoas estranhas, Benício procura se sobressair pela educação e respeito para que qualquer má impressão relacionada com sua orientação sexual seja desfeita. “Eu já espero isso, eu já chego bem educado, pra justamente não ter, assim, qualquer situação... Na verdade, eu observo até que ponto, porque eu nunca cheguei pra uma pessoa falando que é, eu nunca cheguei desta forma. Mas a minha reação, na verdade, é tratar as pessoas, independente da situação, eu já chego diretamente na pessoa e falo. Então, a pessoa assim que já imaginava uma situação pode até imaginar, mas a minha postura é de respeito. Então eu tenho uma postura que, de uma certa forma, me impõe respeito. Então assim, tendo essa conduta, de uma certa forma, você, não é todo homo não, mas você impõe, mas tem um tratamento diferenciado sim.”

No trabalho, Benício também mantém muita discrição com relação a sua vida pessoal. “Eu tento me sobressair pelo lado profissional, que é pelo lado profissional que você tem que ter e um bom relacionamento, né, dentro da empresa. Porque também a gente precisa ter, mais nada que isso. A única obrigação que eu tenho, que eu acho que eu tenho que ter, no emprego é isso. A minha sexualidade eu não tenho a menor obrigação (murmúrio), ou a menor obrigação de dar satisfação.”

Enfrentando a sociedade desta forma, Benício acredita que fica mais fácil conquistar o respeito das pessoas e assim não se tornar alvo de preconceitos e discriminações. “Assim, pela minha vida que eu tive até hoje, eu acredito que eu, eu consiga esse respeito. Porque eu sempre tive isso, sem pedir, sem obrigar, sem chiar, sem nada. Sempre tive esse retorno das pessoas, com muito respeito. Acho que a minha personalidade hoje, acho que já impõe isso, nem todo mundo consegue chegar até a mim por causa da minha personalidade, por mais que chegue perto de mim, conversando, nem consegue aproximar de mim, com facilidade, sabe.”

Apesar da resistência que possui em conviver no meio homossexual, hoje Benício já convive com outros homossexuais e pôde perceber que a maioria vivencia os mesmos conflitos que ele. “Mas assim, é igual você ter uma idéia é uma coisa, você ver, você participar, você vai ver que assim, sei lá, você vai desmistificar essa situação. Que tudo que é incógnita, tudo que é... você não sabe, você não tem certeza, você... É totalmente diferente daquilo que você vê, que você participa, do sofrimento, de viver o sofrimento de uma pessoa, você ver que a pessoa é humana, não é uma pessoa distante da sua realidade, você acaba pensando ‘poxa vida, as respostas que eu tenho pra mim são as mesmas que eu tenho para aquela realidade’”.

A influência do meio social e a falta de recursos são identificadas por Benício como cruciais para o agravamento das conseqüências do preconceito para as pessoas

homoeroticamente orientadas. “Quem teve a oportunidade, sabe, de (gaguejou) crescer, de ter maturidade pra fazer coisas boas, beleza. Mas quem não teve vai pra coisas ruins, isso, pessoas que se transformam em pessoas bem, totalmente, desvirtuadas, com relação a sua, né... Não se respeitam. Então eu acho que vale pra qualquer realidade, acho que aquela pessoa que não teve um exemplo, não teve oportunidade de se enxergar, de ser respeitada como é, ela também não vai ter, sei lá, a menor obrigação mesmo de ser uma pessoa boa pra sociedade.”

As informações e os esclarecimentos que a mídia pode proporcionar com relação à minoria de homossexuais são vistos como altamente relevantes para Benício. Ele reconhece que, atualmente, as questões abordadas na televisão estão retratando a realidade que ele vivencia, ao contrário do que acontecia há pouco tempo atrás. “Então assim, essa participação desta turma, destas pessoas, então eu tive muitos comentários deste tipo ‘nossa, eu nunca vi o tanto que eu percebi, eu consegui compreender, por mais que eu tinha preconceito’. Então, o preconceito ele só existe a partir da falta de esclarecimento, da falta de participação. A partir do momento, igual, por exemplo... A mídia neste sentido já está organizando, só está falando para as pessoas participarem mais, igual à partir deste conhecimento, este preconceito, com certeza, já vai diminuindo...”

Benício se considera bastante eclético quando se trata de religião. Quando adolescente, participou ativamente de um grupo católico com o qual se identificava bastante. Sabendo da posição da igreja católica com relação à homossexualidade, ele permaneceu omissos por algum tempo. “Então, enquanto tiver algum interesse neste sentido, que faça continuar dentro de uma religião, ou dentro de um emprego ou dentro de não sei o que, eu passo a ser omissos, ou hipócrita, ou alguma coisa assim. Hipócrita não. Acho que eu detesto esse nome. Eu posso ser omissos né, em receber algumas coisas, em deixar algumas coisas acontecerem. Então assim, na religião é da mesma forma.” No entanto, acabou se afastando

cada vez mais. Depois frequentou a igreja evangélica e a espírita, o que foi o suficiente para entender que não se adaptaria. Hoje, ele acredita que o Budismo poderá oferecer-lhe um apoio religioso interessante. Mas, acima de tudo, ele acredita que ter uma religiosidade é mais importante que ter uma religião.

Benício nunca foi um militante das causas dos homossexuais. Ao contrário, prefere não “levantar bandeira” e se sente constrangido em participar das paradas gays, devido seu posicionamento discreto diante da sociedade. Como prefere não ser reconhecido pela sua preferência sexual, ele evita qualquer atitude que possa comprometer isso. “Se alguém me tirar de casa e levar, até que eu vou. Mas eu me motivar a ir, eu não vou, eu fico meio receio... Eu fico com vergonha, mas não é uma vergonha que eu falo que acho isso besteira, de forma alguma. Vibro tanto quanto, sabe... Mas eu mesmo não teria, não é coragem, porque hoje em dia não é questão de coragem, eu não consigo, na verdade, sair sozinho, ir pra um bar e encontrar o pessoal, sabe, eu não consigo.”

A idéia que faz da Parada Gay está relacionada à diversão, aos shows e apresentações artísticas. Considera legítima a diversão, desde que aconteça sem vulgaridade.

No entanto, entende que a organização do grupo pode proporcionar avanços sociais e legais. “Mas eu acho que o movimento em si, eu acho que são importantes, eu acho que são muitos, todo movimento, tudo que é organizado consegue desbravar, principalmente nas questões formais, de lei. Então há uma evolução muito boa, mas eu particularmente, eu não gosto de aderir a nenhum deles, não por preconceito, não por aquilo, não, é porque realmente eu não gosto.”

Todos os conflitos vivenciados por Benício relacionados à homossexualidade começaram muito cedo em sua vida. A percepção que tinha uma forma de afeto diferenciada apareceu antes mesmo dos 8 anos. Ele percebia que tinha um afeto diferenciado para com as pessoas do mesmo sexo, mas não tinha maturidade para entender o que isso significava.

“Desde que eu me entendo por gente, na verdade, eu já percebia é... essa minha tendência, essa forma de, é, é, afetividade, né.” “Mas eu tive maturidade bastante para poder compreender mesmo que é uma realidade minha e com certeza eu iria ter uma grande, é,é,é batalha pela frente...”

Quando a adolescência foi se aproximando, os conflitos começaram a aparecer. Ele, então, passou por uma fase, entre os 12 e 16 anos, de muitos questionamentos, medos e angústias. “Foi uma fase que... Antes disso, eu tinha muitos amigos. Mas que eu resolvi afastar antes que acontecesse, né, deles se afastarem”. Neste período chegou a pensar em acabar com a própria vida, tendo realizado uma tentativa de suicídio. “Cheguei num ponto assim que, pra mim, a morte, na verdade, era uma solução agradável. Só pra você ter uma idéia, eu não sentia nada doloroso, eu não sentia...”. Ele se fechou para qualquer tipo de relacionamento e guardou para si todas as questões que afloravam em seus pensamentos. Vivia dentro do quarto, de casa para escola e da escola para casa. Escrevia muito sobre tudo que vivenciava e sentia e gostava de ouvi rock.

Desenvolveu como estratégia de enfrentamento o isolamento social. Esse isolamento causou tanto sofrimento que passou à depressão. Através deste isolamento, Benício acreditava ser possível se livrar de possíveis influências externas sobre a sua sexualidade. Tinha a preocupação de mostrar para seus pais que era algo certo e sério e não uma fase ou um problema psicológico. “Então até isso eu sempre... a parte externa, o que acontecia e tudo aquilo que eu imaginei e eu sabia que não queria pra mim. Então fui moldando, fui amadurecendo, fui trilhando, na verdade, o meu caminho de forma que não acontecesse esse tipo de coisa.”

Benício não conseguia enxergar nenhuma possibilidade de diálogo e se reprimia cada vez mais. Para ele não havia ninguém que pudesse apoiá-lo naquele momento. Neste período se encontrava bastante deprimido. “Eu não conseguia ver em grupo nenhum que eu

convivia, né, que eu pudesse expor meus sentimentos, que eu pudesse viver da forma que eu gostaria, né, discutir, ou chegar pro meu pai e pra mãe e falar: ‘oh, tô sofrendo por isso, tô sofrendo por aquilo, então eu não tive. E eu sabia que não iria ter, na verdade, né. Então preferi sofrer sozinho, preferi amadurecer sozinho, gostar sozinho, desiludir sozinho, entendeu? Sem nenhum tipo de contato, né, porque eu não conseguia nem isso, nem ter contato, porque eu sempre fui muito preocupado, é, e... Acho que se eu tivesse tido contato neste período dos 12 aos 16 anos com alguém, é, minha consciência acho que pesava, parecia que eu estava traindo a minha família, na verdade, deste jeito que eu sentia. Então, né, por isso que eu tive, né, eu tive vontade de cometer suicídio, tive mais, muito, já cheguei até a tentar algo, mas o que eu, graças a Deus, o que eu tentei não era (risos) tão certo.”

Aos 16 anos, Benício já havia se desvincilhado de qualquer relação afetiva, seja de amizade, de amor e, então, percebeu que não era possível continuar daquela forma e decidiu mudar alguma coisa na sua vida. “Foi meu marco zero. Até os 16 anos eu não conseguia, na verdade, ter maturidade e falar”. Resolveu contar para as pessoas para quem se sentia na obrigação de dar explicações, seu pai e sua mãe. No dia de seu aniversário de 16 anos decidiu contar, primeiramente, para o seu pai. Escolheu a pessoa que achava ter maior dificuldade em entender sua homoafetividade. “Então, como sempre escolhi o pior caminho, porque depois o que viesse de lucro, o que viesse, na verdade, seria lucro.”

Ele teve coragem de conversar com o pai quando já se encontrava bastante deprimido “... Então, eu já esperava de tudo, sempre esperei o pior, eu acho que quando a gente ta meio depressivo (gaguejou).”

Benício acreditava que, ao falar para o pai, alguma coisa iria mudar em sua vida. Esperava, na pior das hipóteses, ser mandado embora de casa, ou, talvez, conseguir apoio do pai, mas não foi isso que aconteceu. “Quando eu falei pra meu pai, na verdade, ele guardou

pra ele. Ele não falou pra ninguém, e eu esperava que ele me ajudasse a colocar ‘pra’ outras pessoas. Então, eu fiquei um ano como se eu não tivesse falado nada pra ninguém.”

A reação contida do pai frustrou as expectativas de mudanças que Benício buscava. O pai teve uma reação de compreensão, mas não de apoio. Antes de contar ao pai, Benício vivia tentando conquistar a atenção e o carinho dele, pois sentia que essa atenção era dada de forma diferente para seu irmão. Ele procurava ir pescar com o pai e conversavam muito. Depois que contou ao pai sobre a homossexualidade, este tentou se aproximar mais de Benício. No entanto, ele já não se sentia à vontade. Passou a evitar conversas longas e sentia-se constrangido quando percebia seu pai pensativo pela casa. “Eu esperava, realmente, que minha vida fosse mudar, que minha vida fosse melhorar, que eu ia conseguir conhecer pessoas, consegui externalizar, apaixonar, ficar, namorar, viver alguma coisa, sabe? Meu pai guardou aquilo ali. Então, eu comecei a revoltar com outras coisas...”

Frustrado com a reação do pai e decidido a mudar o rumo de sua vida, Benício abandona a escola, faltando um mês para concluir o segundo ano do ensino médio. Foi como um grito de socorro. A família ficou muito assustada com essa reação, mas ele não dava muitas explicações. Ele só dizia que, se seu lado pessoal não estivesse bem, o resto também não estaria. Sua mãe, que não sabia das questões do filho, sugeriu que ele passasse alguns dias em Belo Horizonte. Diante da possibilidade de liberdade, resolveu morar na capital por algum tempo.

Ao fazer 17 anos, ainda morando em Belo Horizonte, Benício resolveu conversar com a sua mãe. Viajou até a sua cidade natal e, no dia em que iria voltar para Belo Horizonte, contou para sua mãe sobre sua preferência homoafetiva. Ele ficava muito ansioso nestas situações, chegava a adoecer devido à grande carga emocional que vivenciava. “Era muito doloroso, internamente eu ficava... adoecia, ficava com febre, garganta inflamava”.

A mãe teve um comportamento mais reativo que o pai, deixando transparecer sua frustração e discriminação, mas Benício foi firme em seus argumentos. Depois disso, os irmãos souberam da orientação homoafetiva do Benício, mas a preocupação dele era com seus pais.

Atualmente, a família e ele procuram manter o assunto afastado das discussões do dia a dia. Ele leva seus companheiros para sua casa sem dar maiores satisfações e a família os recebe bem. A única coisa que o incomoda é saber que existem comentários que chegam indiretamente a ele. Gostaria que todos falassem abertamente com ele, mas, ao mesmo tempo, admite que não tenha mais paciência para conversas e, às vezes, corta o assunto de forma agressiva. “Eu não tenho muita essa preocupação de querer conversar essas coisas, não, sabe? Jogo logo uma rachada”.

O irmão mais velho não se conforma com a orientação sexual de Benício e, por ser alcoólatra, acaba expondo essas questões para desconhecidos e amigos nos bares que frequenta. Isso incomoda Benício. Já as irmãs interagem tranquilamente com a questão. A mãe de Benício é instável em sua aceitação, o que o deixa muito confuso. Em alguns momentos demonstra um nível de aceitação excelente e, em outros, expressa comportamentos mais rígidos.

Até conseguir expor seus sentimentos para o pai, Benício não conseguia se relacionar com ninguém. Tinha muito receio quando da iminência de algum contato mais íntimo. “Então tive que amadurecer esse outro lado. Então, às vezes, eu tinha que ficar, mas não agüentava, eu tinha uma fobia, sabe, dava uma sensação assim, eu tinha que correr pra minha casa, sabe. Então, uma coisa assim.”

Em Belo Horizonte, apesar de, inicialmente, ter se relacionado com uma mulher, foi onde aconteceu seu primeiro relacionamento homoafetivo marcante “No meu último mês, na verdade, é que eu conheci uma pessoa, né, me interessei bastante de eu tentar fazer

alguma coisa pra aproximar, foi aí que eu fiz, conheci... Foi um momento que eu, assim, amadureci muito, foi um mês que eu vivi intensamente, acho que eu fiz tudo que não tinha feito nesse período que eu tava lá. Nesse mês eu dei um salto enorme. Tanto que fiquei muito mais comunicativo, muito mais tudo, é, né... Assim, conheci muita gente.” Nesta época conheceu muitas pessoas e começou a se sentir seguro para conquistar amizades e amores.

Benício não gosta de se envolver com homossexuais afeminados e procura pessoas mais maduras com relação à homossexualidade, ou seja, não se sente bem em namorar homens que vivem uma vida dupla, casados, noivos ou namorados de mulheres com relacionamentos extraconjugais. Procura pessoas que já tenham assumido a preferência sexual e saibam lidar com isso com maturidade e discrição. Também busca esse tipo de “maturidade” nos amigos. Eu tenho poucos amigos, mas amigos assim que eu me sinto à vontade, que eu consiga ter um argumento à altura, que eu consiga conversar, refletir, brincar, sabe, com certa maturidade, que me dê um retorno também à altura. Então assim, não é mais com relação a minha situação atual, graças à Deus eu não tenho nenhum tipo de (gaguejou)... Essa situação não me afeta, mas dizer assim quem quer ou não quer ser meu amigo, vamos dizer assim, não tem.” O seu grupo de amigos é formado por pessoas diversas, não são exclusivamente homossexuais, mesmo porque faz parte da estratégia de enfrentamento do preconceito de Benício ter uma vida discreta com relação a isso e livre de restrições, embora prefira se aproximar de mulheres a homens heterossexuais por não conseguir afinidade em todos os assuntos que surgem. “Eu sempre tive mais liberdade de estar com mulher, porque homem me (gaguejou), homem mesmo... Na época, eu sempre tive mais amizade com mulher, porque mulher, de certa forma, ela já aproxima de você, ou com o interesse, porque gosta mesmo, uma certa afetividade. Então assim, eu me sinto mais dominador, vamos dizer assim, né, mas, não dominador, mas assim no sentido de (hesitação)

saber conversar, de sentir um pouco mais à vontade de conversar. Já homem não, homem chega a um ponto que essa situação vai ficar crítica, né, assim, de que eu não poder expressar as mesmas palavras, que não temos os mesmos interesses. Então, isso, de uma certa forma, eu ficava com medo.” De qualquer modo, Benício é seletivo na escolha de suas amizades, principalmente no meio gay. “Agora no meio, na minha realidade mesmo, já fica, são poucos, porque eu não consigo fazer, mas pelo lado afetivo mesmo. Porque tem pessoas falsas, tem pessoas que têm um comportamento que não condiz um pouco... Não têm... Eu não consigo ter um diálogo à altura, mas, em compensação, eu tenho pessoas que são ótimas como, gente que tem uma realidade como a minha. Então, a gente conversa disso, a gente conversa de tudo da vida, não é só desta situação. Acho que qualquer realidade deve ser isto, sei lá, não sei o que, pra, pra, pra,... Então, não é só sobre isso, tem assunto de trabalho, tem assunto de família, de relacionamento, então, coisas normais.” Benício sempre idealizou estar do lado de uma pessoa, construir uma vida, um patrimônio e ter filhos. “Eu quero ter filhos! Sou apaixonado com filhos de um casal, e isso eu tenho vontade, não sei como eu vou ter, mas tenho muita vontade.” Ele pensa em uma forma de ter filhos dele mesmo sem precisar se envolver com uma mulher somente com essa finalidade.

Benício pretende ter uma relação séria e legalizada para se resguardar dos conflitos comuns de relacionamentos. Por isso apóia a luta dos movimentos GLBTS para a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Até hoje Benício tem algumas dificuldades em iniciar um primeiro contato com as pessoas, seja com amigos ou com possíveis pretendentes. Ele acredita que muitos de seus comportamentos hoje são frutos da não aceitação social da sua sexualidade. Ele, geralmente, não tem iniciativa para conhecer alguém. E sempre espera que as pessoas cheguem até ele. Mesmo depois de iniciar um relacionamento, ele demonstra muitos receios, o que acaba prejudicando o convívio. “Meus relacionamentos me cobraram dizendo que, às vezes, sou

muito frio... Engraçado, a gente amadurece tanto por um lado e por outro deixo a desejar... Aí, desde o primeiro contato eles falam que sou muito frio...” Essa frieza é proveniente da vergonha que Benício tem em ficar com seus namorados em público. Afirma ter muita dificuldade em fazer escolhas, ele prefere deixar o acaso escolher por ele. Tem dificuldade em escolher entre dois possíveis amores, em terminar ou não uma relação, etc.

É uma pessoa muito caseira, gosta muito do ambiente doméstico, embora curta também dançar em boates.

Ele vivencia suas relações de forma muito intensa no início. Muitas vezes, depois de duas, três semanas, já está morando junto com o namorado, mas depois de dois anos sua empolgação acaba e a relação passa à amizade. É uma amizade fragilizada, pois diante daquela relação fria e sem conseguir terminar, Benício começa a se tornar grosso e frio, até a pessoa desistir da relação. “Meus relacionamentos sempre foram sérios, e, desta vez, eu gostaria de pensar um pouco mais antes de começar, sabe, a me relacionar, porque a maioria deles, assim, eu comecei uma semana, duas semanas, depois já tá morando junto, tipo assim, sabe, então sempre é muito intenso, né... Eu acho que isso prejudicou muito meus relacionamentos neste sentido. Então, eu tô tentando, tô tentando, eu não consigo, porque, quando eu estou numa relação, quero o tempo todo está do lado, quero conviver, já quero construir uma vida normal, sabe ? Então, é muito assim, então parece que esgota rápido...”

Benício mora em Montes Claros há muito tempo e aprecia bastante a rotina da cidade. Sente-se bastante adaptado. “Mas não é uma cidade assim que me proporcionaria um grau de liberdade, uma situação assim, porque tem um pouco de interior. Liberdade não só desta questão, mas também na questão mesmo profissional, tem várias coisas. Mas eu considero porque... porque eu adoro interior, né... Então, ela tem um pouco clima de interior. Mas, ao mesmo tempo, proporciona mais oportunidade do que cidade pequena. Então, eu gosto por aí, pelos dois lados. Me proporciona diversão, né, conhecer pessoas interessantes,

ambiente interessantes, não só do meio, mas enfim de qualquer situação. Tem boate, dá pra dar uma flertada boa, a gente senta com o amigo, com pessoas interessantes e tal.”

Sente que os montesclarenses vêm mudando de postura na manifestação de preconceito contra homossexuais. “Então aqui eu vejo, eu acho que aqui tem uma, tá tendo uma evolução bem significativa pra esse lado, acho que em cidade maior, acho que em todo lugar, né? Acho que a pessoa não pode mais abrir a boca pra falar qualquer coisa, porque ela não sabe quem tá do lado, se é ou se não é... Eu assusto.”

Esperançoso, o que Benício busca para o futuro é maior liberdade de ação e de expressão. Gostaria que as pessoas se abrissem mais com ele, dando-lhe maior liberdade de se expor. Espera conhecer uma pessoa que o auxilie a vencer esses obstáculos e possa construir uma vida em conjunto e ter filhos. “Ah, eu, com certeza, gostaria muito que... (gaguejou) que essa liberdade que eu almejo, principalmente, a maturidade minha, né, porque assim, talvez até consiga ter uma evolução, mas eu não consigo evoluir, justamente por eu já ter me impregnado.”

São pequenas coisas do dia a dia que ele tem que disfarçar que fazem da sua vida um constante jogo de esconde-esconde. “Eu acho que... assim, eu acho que uma das coisas que quando eu mudaria sexualmente é a questão da liberdade de agir inconscientemente, liberdade de você dar uma crise de ciúmes na frente de qualquer um sabe? Coisas normais que é comum e tal. Para mim, nossa, seria tão bom (risos).” Conseguir sair desse jogo é um sonho desejado por Benício que, para ele, ainda está longe de se realizar.

5.1.2 - Bino

Escolaridade: Superior incompleto

Faixa salarial: Entre 3 e 6 salários mínimos

Idade: 28 anos

“Eu não sou destas pessoas que sai levantando bandeira não, na rua, de opção sexual. Pra mim, não tem lógica não”.

Estar vivenciando um relacionamento homossexual, para Bino, é uma escolha. Uma escolha baseada em questões ainda pouco definidas. Uma escolha que pode se alterar conforme as contingências da vida. Ele duvida que seja genético. “Não tem nada comprovado. Não tem pra provar. Tanta gente que vai mudar de opção por causa de fundamento religioso ou qualquer outra coisa e eu acho que são felizes. Não sei. Por exemplo, hoje eu não penso de jeito nenhum em ter filhos. De jeito nenhum não quero ter filhos, mas vai que a vida me leva pra algum lugar, pra um outro caminho, uma desilusão e que apareça alguém. Porque eu acho que o mais importante no ser humano é isso – a afetividade, não importa se é homo ou não. Então, vai que aparece uma mulher, como já teve um dia que me fez muito feliz por um ano, sem relação sexual naquela época, mas que, sei lá, vem a acontecer um filho, qualquer coisa, também não sou radical quanto a isso, não.” Ele acredita que ideais religiosos, uma decepção amorosa ou um desejo de ser pai pode proporcionar uma mudança de opção em sua sexualidade. E, assim, fala sobre o caráter de transformação da identidade, ou seja, o que ele vive hoje é um ‘estar sendo’ e não um ‘ser’ eternamente. Por isso, conclui que se trata de uma escolha muito particular que não deve ser justificada nem explicada para a sociedade.

As primeiras experiências afetivas de Bino foram com mulheres e por isso ele entende ser possível um envolvimento afetivo heterossexual, já que para ele o afeto é mais importante que o sexo. No entanto, a partir da primeira experiência homo que teve, optou por manter essa escolha pela maior identificação e satisfação que sente. “Eu falo optei porque eu já tive 3 namoradas... Quando eu tive oportunidade de conhecer um rapaz, fiquei,

pessoalmente, foi só um dia. Mas aí depois eu fui gostando, outros meios, conheci pessoas, logo no terceiro foi o que eu namorei 5 anos.”

Bino assumiu sua escolha para si e percebe isso como extremamente importante para sua vida. Assumir sua escolha, em sua concepção, é estar ciente dos riscos de ser descoberto pelas pessoas e não significa “dar satisfação para a sociedade. O povo da rua me vê, não tá julgando, não tá sabendo, mas ‘se assumir’ é você colocar na cabeça sim: sou e aí? É minha opção. Já que é opção particular, individual, é minha opção então ‘se assumir’. Então, por exemplo, você vai, tá com uma pessoa do lado, tem que se assumir. Tem que ‘se assumir’, porque as pessoas vão te ver, você vai ao cinema com ela, vai a um show, teatro, festas, barzinho, ela vai, tá com você. Então, como é que você vai ter um relacionamento duradouro se você não ‘se assumir’?”

No entanto, Bino se preocupa e, por este motivo, faz questão de ser conhecido por algumas de suas qualidades antes de ser identificado como gay. Assim, é possível evitar algumas idéias preconcebidas a seu respeito. “Eu costumo não deixar as pessoas saberem da minha sexualidade antes de me conhecer. Então, a pessoa vai me julgar depois de ter conhecimento de quem eu sou, de como eu vivo, das minhas idéias. Aí sim, no caso, ela viria saber da sexualidade e nessa situação ela não pensaria isso.”

Apesar de dividir as horas de lazer com o namorado, Bino evita falar e mostrar a sua relação em outras ocasiões, como no trabalho, entre amigos heterossexuais e em casa. Nesses ambientes se considera muito tímido e reservado. Para se divertir, conversar, trocar idéias prefere os amigos homossexuais e, então, compartilha esses momentos com o seu namorado.

Comentários preconceituosos já foram presenciados por Bino quando era jovem “Ah, eu freqüentava um grupo de oração, a gente ouvia comentários. Ou algumas pessoas que passaram no grupo mesmo. Só. Porque quando você se dá o respeito, você não ouve.

Você ouve falar que alguém comentou e tal, mas ninguém (vai) na cara xingar você, não. Só quando a pessoa demonstra mais e sai rebolando no meio da rua, ela se dá, como é que é a palavra, ela se mostra mais, digamos assim, ela tem mais tendência a receber esse apelido.” Atualmente, Bino não ouve mais comentários. Atribui este fato a sua postura discreta perante a sociedade.

Ao diferenciar homens homossexuais de homens heterossexuais, Bino admite que “definição não existe. Qualquer tentativa de, digamos, nomear, caracterizar, qualquer coisa, qualquer tentativa, acho que será em vão. Sempre vai ter exceções, sempre vai ter... e a lista ia ser muito, além da lista ser enorme ia bater muita coisa com o hetero.” No entanto, apesar de entender que se trata de um conjunto de estereótipos, arrisca identificar alguns. “Tem uma imagem que a sociedade faz de hetero, aquele homem, aquele barrigudo que joga futebol e fede e que (gaguejou) e é cheio de cabelo, não importa com o visual. Que cospe no chão, faz xixi em cima da privada...” Outro estereótipo que reconhece é o bom gosto estético atribuído aos gays.

Tendo como estratégia de enfrentamento do preconceito não revelar sua preferência sexual, Bino apenas conversa sobre o assunto se alguém tomar a iniciativa de perguntar. Então, ele responde “Sou. Porque se ela perguntar é porque ela já tá sabendo, ela tá por dentro, ela tá percebendo... Agora, se a pessoa não tem a coragem de perguntar, ela pode até saber, mas aquilo ali vai ficar no ar.”.

Angustiado, Bino se sente desconfortado em algumas situações nas quais tem que manter segredo sobre os seus casos, sobre o seu namoro e sobre qualquer fato que implique em falar da sua preferência homoafetiva. “Porque, às vezes, as pessoas estão reunidas e contam de relacionamento, de encontros e tal e a gente não pode contar, quando a gente tá com lugares que não sabem. Só que acabam angustiando, mas nada que vá prejudicar psicologicamente, não”.

No trabalho, Bino, também, mantém discrição com relação a sua preferência homoafetiva, pois entende que não há espaço para questões tão íntimas e particulares, embora leve o namorado para eventuais confraternizações, apresentando-o como amigo.

Acredita que não sofreria discriminações no trabalho pelo fato das pessoas já conhecerem a sua competência profissional e pelo fato dele não ser um militante dos movimentos GLBTS. Não gosta de levantar bandeira, prezando muito a discrição e a sua individualidade.

Em sua outra atividade profissional, onde é músico, percebe mais aceitação das pessoas com relação às diversas formas de relacionamento, mas se comporta da mesma maneira, prezando a discrição. Certo dia, após um show, foi surpreendido por um amigo que lhe apresentou uma pessoa com quem teve uma breve relação. Bino se surpreendeu por não saber que seu amigo tinha tanta convicção da sua orientação sexual. Para ele, estes gestos de aceitação vindos de pessoas heterossexuais são muito gratificantes, pois são situações mais difíceis de acontecerem, sendo mais comum isso acontecer de amigos bissexuais, que são bastante numerosos.

Bino percebe uma diferença na aceitação da homossexualidade entre as pessoas que vivem em cidades do interior e aquelas que vivem na capital, onde “o pessoal tá acostumado a ver tanta coisa, né, que já não, os olhos já não percebem tanto. Por exemplo, quando a gente vai às capitais, tanta gente diferente, tanto estilo, tanta tribo que a gente que vai do interior, a gente fica assim com o olho, né? Pra quem tá lá é uma coisa normal, mas o importante é tá bem com a afetividade.”

Para Bino, existe preconceito, inclusive, no próprio grupo de homossexuais, já que a diversidade é muito grande. “Digamos se os gays não aceitam, tem preconceito contra drag queens, tem preconceito contra travesti, que quer mudar de sexo. O travesti tem preconceito contra as barbies, que chamam de Barbie aqueles homens muito fortes. Então,

aquela coisa assim dentro, até dentro do grupo mesmo. As pessoas que transvertem, realmente, elas sofrem mais.”

Para Bino, existe uma associação da homossexualidade com a promiscuidade, mas esta associação está ligada à própria história do homossexualismo no Brasil. Na verdade, ele nos apresenta três hipóteses. A primeira é que “já foi assim na história, já, e até hoje em cidades maiores, esses lugares onde as pessoas se encontram e rola muita coisa, promiscuidade”. A segunda está ligada à vida de homossexuais famosos como Cazuza e Renato Russo. “Cazuza foi muito promíscuo. Renato Russo, que contratava garoto de programa e tudo isso, morreu cedo. Esses artistas, como outros internacionais, tiveram muitas... Porque era mais difícil assumir. É aquela história, se você se assume você tem coragem de manter um relacionamento.” E terceiro, “a gente vai procurando até encontrar um duradouro. Só que nessa de procurar, você tem que testar (risos). Nessa de testar, você fica ali um mês, uma semana, dois meses, três meses, aí as pessoas podem achar que cê tá galinhando.”

A mídia é apresentada por Bino como tendo dois lados. “Tem um lado positivo e um lado negativo. Porque tem aqueles programas de comédia que não têm nada de humor. A polícia federal podia até intervir sobre isso... Como também tem notícias boas no jornal. Tem gays muito respeitados na televisão que mostram o valor e outros gays que são que a gente sabe que é e que não são assumidos. Aquela história dentro do armário que é... não precisa mostrar aquilo na televisão, mas que é respeitável, que leva coisas boas, porque ele traz temas ali, por trás dele, ele traz temas pro programa, tal que favorecem. Vai entrando na cabeça das pessoas aos poucos. Entrando a comunidade, a igualdade, a opção individual. Enquanto tem aqueles programas de humor que fazem aquelas piadas ridículas...”.

Sente-se incomodado com “aqueles personagens caricatos. Existe aquilo, existe, personagem caricato. Na vida real existe. Mas parece que aquilo traz a imagem que todos os

gays (abaixou o tom de voz) são daquele jeito. Não é bom.” Desta forma, ele expressa a sua desaprovação e se exclui deste grupo de homossexuais que se vestem de mulher, andam rebolando, etc.

Embora tenha tido uma formação religiosa católica sob influência dos pais, que são praticantes, e freqüentar a igreja eventualmente, Bino considera a Igreja católica ultrapassada e alienante na forma de interpretar a Bíblia. “Eu acho que ela se fundamenta em alicerces de 2000 anos atrás. Ou seja, foi aquilo que foi deixado e foi muito superficial em certas coisas, mas eles procuram entender aquilo de uma forma que favorece a eles.” Por isso costuma freqüentar a igreja católica, mas sem concordar com a doutrina.

Devido a sua postura discreta e seu posicionamento tímido diante do assunto, Bino não gosta de participar de movimentos políticos. Considera importante a militância política pela divulgação de informações, mas entende a parada gay como um carnaval. “Não (participo) porque eu tenho um pouco de vergonha, não dá (esqueceu a palavra) da exposição. Eu tenho cargo público também, então, eu fico no meu cantinho. Torço muito por todos. Lá em São Paulo eu acredito que lá virou uma micareta, né, o pessoal vai só pra divertir, pra ficar uns com os outros, mas acaba fazendo um bem por um lado porque tem a participação de família, fica comum, fica mais comum, igual você falou, pra população, mais comum. Entra na cabeça da pessoa, aos poucos vai entrando e isso é bom. Aí, tem o lado ruim que é esse lado da micareta.”

Bino vive este jogo de esconde-esconde desde os 17 anos. Apesar de ter começado a sentir atração pelo mesmo sexo na pré-adolescência, ele demorou a ter o primeiro envolvimento homoafetivo. Antes, entre os 16 e 17 anos, ele paquerou algumas meninas e namorou por quase um ano.

Naquela época, o namoro caminhava bem até que a intimidade entre eles foi aumentando. A iminência de uma possível relação sexual fez com que Bino se distanciasse

um pouco. Logo, os conflitos fizeram com que ela terminasse a relação. “Nessa época a gente não tinha relação sexual, não. Era só namoro, o que a gente chama de namoro de ficar assim, sem sexo. Então foi muito bom, foi muito saudável, mas terminou quando era pra ter alguma coisa a mais. Era pra dar um passo a mais, aí terminou.” Motivado pelo fim de seu relacionamento, Bino resolveu experimentar um relação homoafetiva por uma questão sexual mesmo. Através de um chat por telefone ele marcou um encontro. “Então, naquele momento, desde que eu terminei com ela, aos 17, eu tive a experiência, a primeira experiência homo. Depois que tava na cabeça, por mais que tinha na cabeça, mas não tinha colocado... não tinha tido a oportunidade. Tanto que naquela época eu tive a oportunidade por meios de comunicação. Naquela época foi um Chat que tinha por telefone, chat por telefone, hoje tá fácil demais.” Logo depois, namorou por 5 anos com um rapaz.

Nesta fase, Bino procurou se isolar da família e dos amigos. Sua nova empreitada exigia grande discrição, então estudou muito. “Quando você começa a estudar, trabalho, isso, aquilo, aí que você já começa a concentrar em você. Se concentrar nos estudos em sua vida, pra você vai, e tal... Então aquilo ali, aquela fase de sair da adolescência, acho que misturou essas duas fases, essa fase da saída da adolescência com a fase da descoberta também, acabou me isolando, mas pra cuidar de mim, estudei.”

Ao manter um relacionamento por cinco anos, Bino possibilitou que seus pais desconfiassem do afeto existente naquela relação. Mas os cuidados eram muitos, tanto que sua família só teve certeza quando o namoro já completava três anos. “Pai, mãe perceberam porque eu andava sempre com a mesma pessoa. Como eu namorei com ele, foi meu primeiro namorado, 5 anos, então eles acabaram percebendo lá pelo terceiro ano, alguma coisa assim. Pelo segundo, eles acabaram percebendo e chegaram para conversar, né.”

A reação dos pais não foi confortável para Bino, “A primeira ação da minha mãe foi susto, porque mãe é muito religiosa, é muito, até hoje. E ela sempre criou a gente nesse

caminho, de Deus, da igreja católica, os ensinamentos e tal. Então a primeira ação dela foi de... falar que é pecado e depois associou à Psicologia, que é loucura, é coisa de doido, aquela história. Tanto que chorou muito, na época, discuti, tentou colocar na minha cabeça isso, que era coisa de doido e que não era de Deus.”

A reação do pai foi ofensiva. Apontado como machista, o pai de Bino passou a constrangê-lo quando estavam reunidos em família. Essas “tiradas” o deixavam muito magoado.

A relação atual de Bino com a família é um pouco distante. Conversa somente o necessário com o irmão do meio e mesmo com o outro possui uma relação mais formal. Eles se reúnem quando precisam decidir alguma coisa sobre os pais. “Todo mundo ali é muito individualista, meus irmãos, cada um tem seu trabalho, sua namorada, então cada um cuida da sua vida direitinho e quando a gente se une é pra alguma causa da família, de pai, mãe, a gente se une. Por exemplo, reformar uma parte da casa, por exemplo, aí vai unir, vai discutir, conversar sobre isso, assuntos gerais”.

Depois de tantos anos, os pais de Bino já ‘se conformaram’ com a escolha dele. Digo ‘se conformaram’ porque nunca aceitaram completamente. Seus pais não são os mesmos de 10 anos atrás, a convivência melhorou, e por isso, Bino considera um grande avanço a relação que ele mantém com os pais atualmente e continua morando com a família.

Bino namora há três anos e se encontra muito satisfeito com a atual relação que ele define como sendo “de respeito, de diálogo... Tem diálogo, carinho, dedicação. Ele é muito dedicado. Exclusividade. É muito bom. Todo mundo procura encontrar isso.”

Ele não se preocupa em andar em público com seu namorado, em conversar olhando nos olhos, em tocar discretamente nas mãos e pernas do parceiro, mas tudo com bastante discrição.

Ele considera que um dos entraves para a consolidação de relacionamentos sérios é a dificuldade que alguns homens possuem em assumir a orientação homoafetiva para a sociedade. Uma relação séria implica um convívio social, seja no lazer ou no dia a dia, e, se o parceiro evita essas situações, o relacionamento tende a acabar. Para ele essas pessoas vivem num constante policiamento dos próprios gestos, das pessoas de convívio e evitam até pequenos contatos como nos braços, pernas e troca de olhares. “Quando você não se assume, é difícil, aí fica olhando pra um lado, para outro, procurando alguém que te conhece. Se está vendo você com aquela pessoa, agora você se assume, não, cê não tem problema nenhum em pegar no ombro, pegar... na perna assim, claro, com descrição...”

Devido a ciúmes de alguns amigos, Bino acabou se afastando dos amigos homossexuais que tinha. Hoje eles se encontram em festas e bares, mas não conversam diariamente como antes.

Com o namorado costuma ir ao clube, jogar voley e peteca, ir à academia, ouvir música, etc.

Bino e seu namorado pretendem legalizar a relação de alguma forma. E não pensam em ter filhos. “A gente tem muita vontade de viver juntos, esse negócio de oficializar, eu acho que sim também. Porque a gente já tá até construindo provas materiais de convivência conjugal. Por exemplo, eu já coloquei ele na conta minha do banco como segundo titular, porque eu sei que é a prova também de união estável, a conta conjunta. Meu dependente no clube onde eu sou sócio, então dependência econômica. Eu tenho essa preocupação de comprovar, de comprovar a união estável, no caso de futuros, partilha, lei, pensão, sei lá.” Atualmente, eles estão construindo uma casa em Montes Claros para morarem juntos.

Com relação à convivência na cidade de Montes Claros, Bino considera que a aceitação varia de acordo com os grupos existentes na cidade. Assim, se “você vai à Igreja, é

claro que não, não aceita, na igreja, não... O grupo de artistas, eles são muito desenvolvidos, mesmo os heteros aceitam, não tem nada a ver. O grupo de artistas é muito mente aberta, seja no teatro, artes plásticas, música, eles são muito mente aberta. Eles aceitam mesmo, os artistas, os universitários, também, dependendo da idade, aceitam mais...”

Bino é otimista e tem boas expectativas para o futuro. Elas giram, em especial, em torno da relação com a família. “Como eu tenho amigos que senta no colo do pai ou da mãe e que conta do namorado, toma café junto de manhã cedo, quando acorda. É muito saudável, mas não é uma coisa que (hesitante) me faz falta, mas eu gostaria sim, se fosse. Mas os meus pais são de origem muito humilde, muito do interior, da zona rural, então aonde eles chegaram hoje já é um grande passo.”

Espera que daqui a cinco anos, quando concluir a construção de sua casa, seus pais passem a visitá-lo e continuem participando de sua vida.

No seu relacionamento atual, a única coisa de que sente falta “é abraçar, beijar, ficar onde você quiser. Vamos supor: tá num cinema, enfim, não tá aquela coisa escondida ali no escuro.” Espera no futuro poder “passear de mão dada, mostrar a cara onde estiver. Igual eu adoro ir pro parque municipal, às vezes, ficar olhando a lagoa, tomar um sorvete ali e às vezes a gente podia tá abraçado ou no colo, deitado na grama no colo, alguma coisa assim porque hoje não pode. A diferença seria essa.”

Esperançoso, Bino acredita em uma sociedade cada vez melhor e mais tolerante com as diferenças, com leis que garantam direitos e deveres iguais.

5.1.3 - Sujeito: Beto

Idade: 20 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

“Desde pequeno, eu sempre, nem sabia o que era, mas sempre, nunca me sentir atraído por mulher, desde criança, sempre ficava brincando com menina”.

Beto acredita que sentir atração pelo mesmo sexo é genético e entende que ser homossexual não é vestir-se e comportar-se como mulher “Então, eu não tenho vergonha de falar não, só que eu não saio igual muitos, rebolando, usando saia, entendeu? Porque eu acho assim: o homossexual ele só tem uma escolha, eu fiz uma escolha pra mim que é dentro de mim, eu não vou falar que eu virei, eu nasci assim. Eu nasci sendo o que eu sou. Então, não tem jeito, não”.

Beto já se sentiu bastante intimidado diante da sociedade, mas hoje ele consegue conviver com mais naturalidade, embora ainda tenha receios de possíveis reações preconceituosas. “Eu não tenho esse medo, acho que depende de cada um, viver a própria vida, independente do que o povo fala. Eu não tenho tanto esse medo, não. Eu já tive muito, eu tinha medo de passar na rua quando tinha muita gente, com medo de alguém me xingar. Nossa Senhora, eu tinha tanto medo que eu ligava pra minha prima me buscar de medo de passar. Hoje já não, entendeu? Porque a gente é muito alvo do povo quando a gente tá na rua, em loja, qualquer lugar o povo fica apontando e comentando alguma coisa...”

Certo dia, na escola, Beto apresentou um trabalho sobre homossexualidade. Logo depois, seus colegas o tacharam de gay. No dia seguinte, a professora organizou um debate sobre o assunto. “Aí até que eu gostei. Tem muita gente ali que, acho, é muito reprimido pra falar as coisas, tinha vergonha de falar, acabou falando, não falando que era, mas acabou expondo, falando como é que é que o povo achava, quem era. Então, eu acho que eu perdi muita vergonha foi depois deste dia. Que eu tive a coragem de falar pra minha sala que eu era.”

Incomodado, Beto afirma que as pessoas associam os gays a muitas situações ruins, como criminalidade e promiscuidade “Igual uma vez, eu indo pra casa de uma colega minha, eu vi um cartaz, uma folha escrita falando assim: não deixem seus filhos andarem com homossexuais, que homossexuais... mexem com drogas, têm envolvimento com crime, essas coisas. Eu me sinto mal, sabe? Muito mal mesmo. Fica parecendo que a gente é um monstro.”

Ele não pensa que os gays sejam pessoas promíscuas, pelo contrário, acredita que eles, assim como a maioria dos heterossexuais, procuram relacionamentos afetivos duradouros. Ele não se sente atraído por gays afeminados e sim por homens gays másculos. “Pra mim, o povo fala que o homossexual só vive de sexo. Eu já acho pra mim e tenho na mente que não é. O que eu procuro, igual eu te falei, que eu gosto do Bino, que eu gosto, eu não gosto daqueles homens afeminados, que querem parecer com mulher. Porque se não, eu namoraria mulher.”

Para se defender destes insultos e comparações, Beto chegou inicialmente a reagir e repelir as pessoas, mas hoje ele prefere não entrar em atrito, pois pensa que essa é a melhor coisa a fazer para não ser prejudicado. “Porque se eu ficar olhando o lado só dos outros também, aí pra mim não dá certo, porque eu vou ficar incomodado, vou começar a brigar com todo mundo, sabe? Então, eu tento não enxergar muito aquilo. Porque tem muito isso. O povo querer te detonar ali, te baixar mesmo, e até chegar ao extremo...”.

Apesar desse receio, Beto nunca foi humilhado pelo fato de ser homossexual, acredita que isso acontece, comumente, com os gays afeminados.

Acredita que, legalmente, também exista uma diferenciação no tratamento de gays e heterossexuais.

Na tentativa de diferenciar homossexuais e heterossexuais, Beto afirma que existe uma percepção do gay como “barraqueiro”, “pavio curto”, mas também como alguém

que possui um excelente gosto, é vaidoso com quem as mulheres adoram conversar e ter relações de amizade. Quanto ao heterossexual, são mais marcantes algumas proibições como não poder dançar e não ser vaidoso. Inclusive Beto sofreu por causa destes rótulos. “Eu já fiz balé, quando veio circo do Marcos Frota, eu gostava de fazer, todo o tipo de dança, tango, sapateado, acabei não... Minha mãe não deixou eu fazer por isso, por causa do preconceito bobo do povo. Preconceito doentio. Acabou me prejudicando muito nisso, nessas coisas que eu queria fazer, não pude por isso. Porque o povo falava que era coisa de mulher, coisa que não tem nada a ver.”

Quanto à mulher, entende que seja “delicada, é sensível, entendeu? O homem é mais grosso, é mais, não todos, porque tem muitos homens que não são, porque o homem tem o jeito mais firme, em termos de..., entendeu? Que ele é mais controlador, e tem o homossexual que ele é mais, ele é as duas coisas. Ao mesmo tempo que ele é sensível, delicado, carinhoso, ele é também um pouquinho bruto, ele é um pouquinho homem, sabe? Aquele jeito, tem o pé firme, bateu o pé naquilo, entendeu? Eu acho que é isso, que o homossexual pega um pouquinho dos dois.”

Beto se incomoda com aqueles homossexuais que gostam de dar escândalo porque percebe que as pessoas generalizam esses comportamentos para toda a categoria. Contudo, “eu não posso me comparar a, eu vou falar a, é, porque eu nunca sou daquele jeito, então eu acho que é por isso, eu acho que é a gente, nós mesmos somos culpados pelas pessoas nos criticarem e julgarem, entendeu? Porque a gente fica querendo acabar com o preconceito, então tem que começar é da gente, não é da pessoa que quer nos ajudar não.” Assim, ele entende que os homossexuais devem se comportar melhor para não serem julgados e nem discriminados pela sociedade.

Acredita que a associação existente entre o homossexualismo e a promiscuidade acontece “porque tem muito homossexual (abaixou o tom de voz) travesti, transexuais, que

eles são ‘barguia aberta’, pura baixaria! Entendeu? Ela é homossexual ladrão, é barraqueiro, porque o povo fala que o homossexual é muito barraqueiro, que gosta de dar escândalo, então o povo acaba juntando e achando que todos são iguais. Entendeu? E não sabe diferenciar um do outro. Então, todos são iguais, todo homem que é considerado homossexual é barraqueiro.”

Beto nunca enfrentou o preconceito de forma aberta. No início, mentia muito para os pais na tentativa de disfarçar e esconder as suas relações. “Minha vida foi sempre mentira em relação a isso. Eu acho que acabei entrando em depressão porque eu não queria mentir. Eu via assim em algumas famílias, que eu via o pai que apoiava o filho a namorar. Acho que eu sempre quis isso e nunca pude, entendeu?”

Hoje vive seus relacionamentos de forma discreta para evitar possíveis discriminações “Porque eu tenho certeza que se eu chegar de mãos dadas com o meu namorado, o povo iria olhar, alguns, com certeza, iriam se retirar do local. Outros iam criticar, ou xingar, então eu deixo pra lugares assim que eu vejo que dá pra ter uma conversa legal. Lugar onde o ambiente é agradável, que tenha poucas pessoas, assim. Mas, no mais, eu não tenho tanta vergonha não. Mas também não saio falando pra qualquer um, com medo disso. Com medo de alguém um dia me criticar, me xingar, coisa que acontece com muita gente.”

Para Beto, a classe social influencia no tratamento dado a um homossexual, ou seja, se for uma pessoa com maiores recursos é mais bem aceita que outras. Mas, para ele, essa diferenciação acontece independente da orientação sexual da pessoa.

Beto não é muito otimista com relação à influência da mídia para o tema, pensa que todas as informações transmitidas seguem o objetivo da especulação e da audiência e não de uma função social. “Eu acho que eles fazem isso é pra querer aparecer. Com o nome da gente assim. Sabe? Porque eles não fazem isso não é para acabar com o preconceito, não.

É para querer ganhar a mídia. Entendeu? Pro povo querer assistir àquele programa, só pra isso...”.

Ao não aceitar todos os preceitos da igreja católica, Beto procura se livrar da culpa de estar vivendo em um possível pecado. Costuma freqüentar a igreja católica para rezar e fazer orações, mas entende que “Deus falou pra gente ser feliz, do modo que não machuque, que não atrapalhe ninguém. Eu tô me sentindo bem, tô me sentindo muito feliz com isso, então eu acho que Deus não vai me castigar por isso. Então, não tenho culpa. Entendeu?”

Com relação às paradas gays, Beto não concorda com a forma como elas são realizadas. Entende que a finalidade inicial de combate ao preconceito se transformou, com o tempo, num evento exibicionista e com finalidade de divertimento. “Fica parecendo que só tem o corpo pra mostrar. A cabeça, a idéia do programa é qual, gente? É combater a discriminação, o preconceito, só que eu acho que o povo não leva pra esse lado, leva pro lado da diversão, é pra beber...” Pensa que a participação dos heterossexuais nestes eventos acontece para ironizar e caçoar das apresentações. “Porque os hetero vão, só que vão pra quê? Pra ver, pra rir, pra caçoar, pra beber, pra dançar, eles não vão com a intenção de querer... Pode ter certeza que muitos que foram pra isso. Aí no dia seguinte, tá lá caçoando de um, tá xingando, tá ofendendo, tá até batendo, matando.”

Aos seis anos, Beto foi molestado sexualmente por um vizinho, mas, segundo ele, não foi essa a causa ou um ponto determinante para ele se tornar homossexual. Antes disso, Beto já notava que sentia uma atração diferenciada pelo mesmo sexo “Só que eu acho que descobri mesmo, com meus 13 anos, quando eu tive minha primeira, meu primeiro beijo com homem. Menino da mesma idade. Mas é isso.”

Aos 13 anos, Beto teve o primeiro contato homossexual, mas sua primeira namorada foi uma garota, com quem ficou dos 15 aos 17 anos. O relacionamento era

conturbado e Beto acabou contando a ela sobre a sua homossexualidade “Só que ela aceitou, então a gente continuou namorando. Eu também fiz muito pelos meus pais, entendeu? Acho que meu pai, naquela época, ele não sabia não, mas desconfiava. Entendeu? Então, eu continuei o namoro com ela por causa dele. Porque depois eu peguei e parei, vi que eu tava acabando me machucando e machucando ela ao mesmo tempo.”

Ainda na adolescência Beto começou a ter depressão. “Eu tava com depressão, eu tomei um calmante faixa preta – Diazepan – porque eu tava me sentindo, eu não sei explicar direito o que eu tava sentindo. Eu peguei na casa da minha ex-namorada, hoje eu e ela somos amigos. Só que eu tinha ido pra casa dela e eu tava bastante chateado. Então eu peguei um remédio que a mãe dela tomava pra dormir e tomei um. Ia pra casa porque eu tava precisando dormir, só que o remédio não deu o efeito, não caiu bem em mim. No meio da rua eu desmaiei.” Encontrado por algumas pessoas, Beto foi levado até a casa dos seus pais, que o encaminharam a um hospital, onde ficou em coma por 17 horas.

Depois de ficar em coma por quase um dia, Beto conversou com seus pais. Eles estavam imaginando que se tratava de uma tentativa de suicídio. “Só que eu falei que não foi, eu só queria amenizar a dor dormindo. Só chegar em casa, dormir e acordar no outro dia como se nada tivesse acontecido.” Ao justificar para os pais o porquê de ter tomado o remédio, Beto explicou: “por isso, porque eu tô cansado de ficar escondendo uma coisa que eu sou, entendeu, e vocês não querem aceitar, falou que não ia aceitar, sempre eu tenho que mentir, aí, quando eu vou a algum lugar. Minha mãe chorou muito e tem problema de pressão, eu falo naquele dia. Meu pai não. Por incrível que pareça, eu pensei que meu pai ia pular em cima de mim, ia querer me bater, só que meu pai entendeu, de certa forma. Minha mãe chorou, falou que ia me levar pro Psicólogo, falou que eu tinha o hormônio alterado, muito alterado. Meu pai bateu na minha perna: ‘Tudo bem, se esta é sua opção!’. Que eu não

chamo de opção, mas eu deixo, ‘se essa é sua opção, faça dela o que quiser’. Só que meu pai falou isso e nunca me respeitou.”

Depois desta conversa, nunca mais tocaram no assunto. “Minha mãe me respeita, minha mãe não aceita, só que ela sabe respeitar. De não me perguntar mais as coisas, de não querer saber, entendeu? Então me respeita muito. Meu pai já não. Meu pai tem uma certa, mania de beber um pouquinho além da conta e, às vezes, quando ele fica meio chateado comigo, ele me agride falando assim: ‘ah, depois que você escolheu isso pra sua vida’. Quer dizer, depois que eu escolhi ser gay.”

A relação atual de Beto com a família é de convivência superficial, evitando tocar no assunto. Com a mãe não conversa sobre o assunto porque tem receio de magoá-la e com o pai e o irmão não mantém nenhum tipo de diálogo. “Com minha mãe eu tenho um relacionamento muito bom. Por mais que eu nunca desabafei com minha mãe, eu nunca sentei com minha mãe e conversei com ela, a não ser naquele momento, entendeu? Nem com meu pai, nem com meu irmão, eu tenho um irmão também. Com meu pai e com meu irmão, como é que eu posso dizer, eu não tenho um relacionamento com eles dois, a não ser, acho que o máximo que eu converso é ‘oi’, ‘tudo bem’, ‘tchau’.” O restante da família sabe e respeita seu posicionamento, se preocupa em conhecer seus namorados e em protegê-lo.

Acredita que o pai, pela idéia que tem sobre o que é ser gay, tem medo de que ele se vista de mulher e saia pelas ruas da cidade. O que para Beto é inadmissível acontecer.

Beto prefere relacionamentos duradouros. “Acho que eu não quero ter, assim... O povo fala que a vida de um homossexual é só ficar, ter relações sexuais. Eu já acho o contrário, quer ter um relacionamento normal igual todo mundo tem. O homem com a mulher namora, casa, morre, às vezes, juntos. Eu quero é isso pra minha vida. Entendeu? Eu quero é ter uma vida, eu não quero viver aos poucos. Eu quero viver uma vida com aquela pessoa. Eu não quero ficar vivendo aos poucos com uns e com outros.”

Ele considera difícil encontrar pessoas para relacionamentos sérios no meio gay. “Assim, eu vou falar por mim, eu sou muito carinhoso, romântico, sensível, entendeu? Então, muita gente não é assim, muita gente vê a homossexualidade com outros olhos. Quando você tá pensando que aquela pessoa quer alguma séria com você, não quer não, não é, aquilo foi só momento. Depois, nunca você vê. Eu acho muito difícil, porque acho que muita gente, assim, não tem...Também por medo, tem muita gente que eu conheço que tem medo de ter um relacionamento fixo com uma pessoa com medo de alguém julgá-lo.”

Beto se entrega sem armas em seus relacionamentos e, por isso, já viveu muitas decepções. “Eles eram só sexo, diversão. Eu não, eu queria lazer, eu queria sempre tá curtindo os momentos, eles não, entendeu? Até sacrificava com todos, sacrifiquei... Eles nunca sacrificaram nada por mim, só eu.”

Atualmente, vivencia um relacionamento considerado “ideal”. “Pra mim, em primeiro lugar pra qualquer relacionamento é a confiança e o respeito. Acho que a base para o relacionamento tem que ser a confiança...”. Vive hoje “um relacionamento muito bom, muito verdadeiro e tem muito diálogo.”

Eles saem juntos para locais públicos, evitando grandes intimidades. Estão construindo uma casa e pretendem, em breve, morar juntos. Beto não tem expectativa de um casamento religioso, mas sonha em ter uma cerimônia no civil com troca de alianças. Por isso, apóia a luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Ultimamente se afastou de seus amigos homossexuais, “porque quando a gente pensava que um era amigo, outro não era, por trás criticava, além de outras coisas.”

Beto nasceu em Montes Claros e toda a sua família mora nessa cidade, por isso gosta muito dela. A cidade oferece opções de diversão e entretenimento valorizadas por ele. Com relação à aceitação da homossexualidade, percebe que depende do local e das pessoas. “Tem lugar que você anda assim que ninguém nem importa, tem outros que ficam

humilhando, igual eu te falei, apontando, querendo criticar, sabe? Tem gente que adora, tem uns que acham bonito ter um amigo gay.”

De uma forma geral, Beto espera para o futuro maior aceitação por parte da sua família e da sociedade. Em casa, ele acredita que, se houvesse mais diálogo, a relação com seu pai e seu irmão seria melhor. No seu namoro queria “se der vontade de dar um beijo ou, de mão dada até que nem tanto, que às vezes ele coloca a mão no meu ombro, alguma coisa assim, entendeu? Então, acho que só isso mesmo, o beijo que não pode, só.”

No entanto, ele não é muito otimista. Pensa que, daqui a dez anos, as coisas não serão tão diferentes do que se nota hoje, pois também não presenciou mudanças significativas de 10 anos para cá. “Eu tiro como era antigamente, meus 10 anos de idade, que eu já sabia como é que era. Meus treze anos também, eu acho que não tem diferença nenhuma. A única diferença é que o preconceito era um pouquinho maior, que hoje já não é tanto.”

Pensa que o maior problema para a não aceitação da homossexualidade é a maldade que as pessoas colocam em tudo o que acontece. E, por outro lado, gostaria de ser menos ingênuo na forma de se relacionar com as pessoas. Posição que o faz sofrer constantemente ao se enganar com as pessoas com as quais se relaciona.

5.1.4 - BIRA

Idade: 30 anos

Escolaridade: Superior incompleto

“Porque, no primeiro momento, tem o preconceito de não querer aceitar isso pra si próprio. Depois você começa a enxergar por outro lado também”.

Para Bira, manter relacionamentos com outros homens é uma opção. Quando criança, brincava de jogos sexuais com outros meninos, o que, para ele, pode ter contribuído para despertar o seu interesse em vivenciar uma relação homoafetiva depois de jovem. Ele avalia que é grande a diferença entre uma relação heterossexual e uma homossexual “Por incrível que pareça é o relacionamento entre os dois, o homem e a mulher é totalmente diferente do homem com homem. Por quê? O homem ele tem uma pegada totalmente diferente da mulher. É uma das coisas que diferencia. E acaba onde você, ficando.”

Bira tenta viver de uma forma que considera “normal”, ou seja, sem revelar sua preferência sexual para as pessoas a sua volta e acredita que assim fica livre de manifestações preconceituosas. Desta forma, desde a adolescência, ele vive “tentando esconder, porque tem aquele preconceito ainda que você não saiba, como é novo, você não sabe o que pode ocorrer na hora de descobrir, até mesmo pelo fato de ser cidade do interior, tem aquela cabeça totalmente diferente de uma pessoa que, entre aspas, vive na cidade grande.”

Hoje esse medo já é um pouco menor porque é independente financeiramente dos pais, mas nem pensa em conversar sobre isso com o pai. “Já tenho independência. É claro que eu não quero falar pro meu pai. E minha mãe aceita numa boa, converso com ela.”

Sente-se na obrigação de falar sobre o assunto somente com os amigos mais próximos. “Então, eu acho que seria até injusto da minha parte quem sempre conviveu comigo vir me perguntar e eu mentir. É claro que é normal, você fica meio sem graça, mas depois você acaba falando.”

Bira deixa transparecer que em muitos aspectos o homossexual se sobressai quando comparado ao heterossexual. “Eu acho que o homo ele é bem mais tratado quando ele impõe o seu respeito. Porque o homo no fundo ele é homem, ele é homem, que eu acho que um homem não faria o que um homo faz.”

Ele nunca foi discriminado publicamente, mas já presenciou acontecimentos com outras pessoas. “Igual fila de supermercado. Então assim, depois que sai, que a pessoa sai, aí o atendente faz aquela chacota, né: ‘só podia ser bicha’. No caso desta pessoa que eu vi isso acontecendo, eu respondo na hora. Eu respondo numa boa, mas sem agredir...”

Acredita que os crimes e a violência contra gays são resultados de um sentimento de não aceitação dos heterossexuais diante do sucesso de um homossexual. “É porque não aceita, o homem em si ele não aceita o homo destacar. Então, imagina você homem apanhando de um viado, na frente de todo mundo. Pô, num país como o nosso que é machista, uma região nossa que é praticamente corone(gaguejou) dos coronéis, uma situação desta na frente do público, o cara vai à loucura.” Bira tem consciência da influência cultural com relação ao preconceito e liga esse tipo de comportamento ao machismo.

Segundo Bira, os homens homossexuais são mais carinhosos que os heterossexuais, “independente com quem ‘seje’; com a mãe, com a namorada. Tem essa diferenciação sim. O homo ele é mais carinhoso com os irmãos, com sua mãe, com seus amigos.”

Além disso, afirma que o homossexual tem mais cultura, tem mais prática de leitura que os hererossexuais.

Com relação às mulheres, acredita que elas são mais bem organizadas e conseguem administrar melhor as questões domésticas do que homens heterossexuais e homossexuais.

Bira acredita que todo homossexual é inteligente e que, além disso, procura se sobressair profissionalmente como uma forma de compensar o que sofre. “Sou desse jeito, imagina, sou desse jeito, ainda burro! Não. Então, acaba sendo os dois muito inteligentes.”

Ele pensa que existem alguns homossexuais que são promíscuos e que as pessoas acabam ampliando esse comportamento para toda categoria. Desta forma, “os justos pagam pelos pecadores”.

A estratégia adotada por Bira para enfrentar o preconceito é se esconder. “Eu sou assim, não falo, não gosto, mas isso eu costumo dizer: ‘cuidado o que pergunta, porque eu respondo’. Então assim, tem esse lado que, às vezes, pergunta de uma forma fazendo chacota, ou alguma coisa assim, ou ironia. Apesar de que o mínimo já aconteceu comigo. Mas aí vem esse lado, nossa, de responder também com ironia.” Desta forma, ele procura se defender em casos de chacotas ou ironias.

“O homo que tem uma posição melhor ele é bem mais aceito em qualquer ambiente. O pobre é meio complicado, talvez você não precise ser nem rico, mas você ter um nome, né, porque essa região, nossa, tem muito isso. Quem é você? Sou filho de não sei o que (...). Então isso pesa. Ele não precisa ter um poder econômico financeiro, mas se ele tiver no nome tem uma diferença sim.”

Com relação à influencia da mídia, Bira apóia a forma como têm sido mostradas as relações homossexuais nas novelas e outros programas e entende que isso contribui para uma maior aceitação social. “Então, a tendência dela é, não incentivar, mas mostrar pro público ali que assiste que as coisas estão mudando.”

Bira foi batizado na igreja católica, mas pensa que religião é algo particular que pode ser praticada em outros lugares que não seja a igreja.

Ele não entende que os movimentos de militância política sejam importantes para a conquista de direitos para os homossexuais. Ele pensa “que essa caminhada deles pra

melhoras, isso vai acontecer naturalmente. É claro que eles têm influenciado muito, mas acho que decisão de quem faz as leis, vai acontecer a longo tempo. Não é por que eles estão influenciando, fazendo essa caminhada que vai mudar a cabeça do pessoal que faz as leis.”.

Foi aos 18 anos que Bira percebeu que preferia se relacionar com pessoas do mesmo sexo. No início ele sentiu nojo, depois de alguma relutância ele achou normal. “Porque no primeiro momento tem o preconceito de não querer aceitar isso pra si próprio. Depois você começa a enxergar por outro lado também.”

Na adolescência, Bira morou em diversas cidades com amigos. Também teve uma namorada por um longo período, mas ela “começou a pegar no meu pé demais e aí começou a implicar com meu melhor amigo, aí não deu certo. Aí veio a questão de começar a olhar o meu amigo já diferente, né? Aí eu preferi terminar do que fazer dupla personalidade.”

No final da adolescência, teve muitas dúvidas. “Às vezes, ficava naquela. ‘Gente, será isso mesmo que eu quero pra mim? Será que isso é certo? Ai. Meu Deus, não posso fazer isso, porque o povo lá em casa vai me matar’. Sempre tem esse tipo de conflito de ter um amigo que a cidade já comenta: ‘ah, não, não vou sair com fulano, não, senão o povo vai falar de mim.’ No fundo aquilo ali é você escondendo uma coisa que você já é e não quer aceitar.”

Angustiado, Bira já tentou fugir da homossexualidade, chegou a ficar um ano sem se relacionar com alguém e depois passou a se aceitar melhor.

Nunca falou explicitamente para seus pais sobre a sua preferência sexual, acredita que eles começaram a perceber quando seu namoro com a última garota acabou e ele começou a sair mais com seus amigos.

Hoje ele conversa abertamente com sua mãe e acredita que seu pai faz ‘vista grossa’ sobre seu comportamento. Pensa que o fato de morarem em cidades diferentes ajuda no bom relacionamento entre eles.

Seus irmãos reagiram de forma diferente, uma aceita e participa de festas freqüentadas por Bira, outra também faz ‘vista grossa’ e o irmão manifesta seu preconceito abertamente. “Porque meu irmão é todo másculo, ele mesmo já é problemático, né?”

Relacionamentos sérios sempre foram a preferência de Bira que pensa que a promiscuidade no meio acaba fazendo aumentar o preconceito existente.

Ele costuma se relacionar com homens parecidos com ele que também buscam relações duradouras. Gosta de homens inteligentes que permitam um diálogo constante “Então, não tem um relacionamento ideal, acho que num relacionamento onde se conversa sobre todos os assuntos, eu acho que uma das coisas ideais num relacionamento é isso. Ser humilde.”

O principal conflito que Bira identifica nas relações homossexuais é a disputa e a competição na busca de se sobressaírem intelectualmente.

Bira, atualmente, mora com seu namorado e sente vontade de organizar a vida junto com seu parceiro. No entanto, ele é indiferente à luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e não pretende formalizar a sua relação.

Quanto à cidade de Montes Claros, Bira gosta muito de viver aqui, ele se sente acolhido e já possui muitos amigos na cidade. Acredita que por ser uma cidade universitária a mente das pessoas é “mais aberta” que em cidades menores. No entanto, acha que Montes Claros não está preparada para conviver com a expressão pública da homossexualidade, como assistir a beijos e abraços. “Mas eu acho que, também, em relação a Montes Claros, ela não tá preparada para ver dois homens abraçados para dar a mão.”

As expectativas de Bira para o futuro giram em torno da mudança de mentalidade das pessoas, a começar dos seus próprios pais. Ele é otimista, considera que houve uma grande transformação nos últimos 10 anos e que muita coisa irá mudar para melhor nos próximos dez. “A tendência é só a cabeça cada vez mais abrir. Então, hoje um menino de 15 anos de idade, provavelmente, ele já tem um amiguinho dentro da sala que já olha diferente o outro amiguinho. E ele relaciona com esse amiguinho normalmente. Isso há 10 anos atrás acabava que os pais tinham que tirar do colégio porque não agüentava chacota.”

5.1.5 - Brito

Idade: 22

Empregado: Sim

Escolaridade: Superior incompleto

“Porque eu acho que, quando você prende, além de você ter um auto- preconceito, e acaba fazendo que aquela pessoa também tenha preconceito. Eu acho que quando a pessoa já assume logo, então já conversa já como é que vai ser, já deixa ela de boca aberta e pronto, né?”

Para Brito, a homossexualidade não é algo genético e sim algo construído socialmente. Algo que faz parte da formação da identidade de cada um. Ele, quando criança e adolescente, foi muito reprimido, junto dos irmãos, pelo pai. “Então, sempre vivi dentro de casa, é, não tinha isso, essa questão de conversar sobre relacionamento sexual entre nós, né... Só que dentro de casa sempre foi essa questão de só eu, só nós três, só nós três mesmo. E meu pai, por exemplo, como ele era, dificultava muito a questão. A gente apanhava demais, prendia a gente dentro do banheiro, nós três, mas batia muito mesmo.” De certa forma, Brito acredita que a forma como foi criado pelo pai e pela mãe influenciou na sua preferência sexual por ter o pai e o irmão mais velho como heróis e como apoio, além da mãe que o fazia ajudá-la nas tarefas domésticas.

Brito mantém discrição com relação a sua preferência sexual e se angustia com isso, principalmente quando se trata de revelar para os seus pais. Como tenta esconder dos pais, evita levar seus amigos para sua casa e procura disfarçar o tipo de relação que tem com seu namorado, que é visto pela família como um companheiro de república. “Então, isso acaba criando uma barreira nisso pra mim, entendeu? Então, angustia mais por esse fato.”

Apesar de procurar esconder, Brito não mente para as pessoas que o perguntam sobre a sua preferência sexual. “Eu digo ‘sou’, eu não tenho vergonha de falar que sou, eu sou bem resolvido em relação a isso, entendeu? Porque eu acho que, quando você prende, além de você ter um auto-preconceito, e acaba fazendo que aquela pessoa também tenha

preconceito. Eu acho que quando a pessoa já assume logo, então já conversa já como é que vai ser, já deixa ela de boca aberta e pronto, né?”

Atualmente, Brito também divide com seu namorado o ambiente de trabalho e por isso passa por certo constrangimento com os outros colegas. Todas as vezes que o assunto homossexualidade aparece, ele procura não se envolver na conversa para não precisar dar satisfação para ninguém. “Às vezes, eu fico meio reprimido, não que posso falar assim que aquilo vai me doer, mas, às vezes, eu gosto de mudar de assunto, pra não ter conversa, pelo fato que eu gosto de me defender, entendeu? Eu mudo de assunto pra depois não ter que falar né?”

Outra preocupação de Brito é não deixar transparecer em seus gestos a sua preferência. Toma especial cuidado na hora de apresentar trabalhos na faculdade, com medo de ser discriminado pelos colegas. “Tô apresentando trabalho, tô falando alguma coisa, apresentando trabalho na Faculdade, né? Então, eu fico, eu treino assim, ensaio em casa, pra não ter que na hora, empolgar (risos), de acabar, né...”

Brito avalia que, de uma forma geral, os homossexuais são mais felizes que os heterossexuais, pois são mais alegres e convivem em ambientes mais divertidos, além de serem bem aceitos no comércio por gostarem de gastar para se vestirem bem e para se divertirem. “Eles gostam de vestir bem, eles gostam de estar bem mesmo, então pelo fato de querer mostrar pra sociedade uma pessoa diferente que ele é.”

Para Bira, os homossexuais são divididos em categorias. “Tem homossexual, por exemplo, que aquele homossexual só de identidade, mesmo, porque gosta de, de, do mesmo sexo, igual meu caso. Tem aquele homossexual que quer ser mulher, entendeu? Que quer ser mulher, o afeminado, e não tá nem aí, qualquer lugar que você chega ele quer isso e tudo mais. Então, pelo fato desses afeminados serem assumidos ‘ah, não, gosto é de homem’. Então, eu vejo isso pelo lugar, bar... Então, esses afeminados, esses gays assim que quer ser

mulher mesmo, então, eles só pensam na questão de, do (gaguejou) da facilidade, quer ter quantidade de homem, quer isso mesmo, do prazer.”

Ele pensa que as divulgações que acontecem sobre a homossexualidade, nas paradas gays e na mídia, favorecem os gays afeminados e, desta forma, ele se sente pouco representado pela categoria. “No meu pensamento, aquela pessoa que se apresenta de mulher hoje, eu sou Brito e amanhã eu ser Brita, entendeu? Isso aí favorece o aumento do preconceito.”

Brito desabafa que nos programas de televisão os temas abordados relacionados aos homossexuais são sempre direcionados para cirurgias de troca de sexo, travestis. “E não ver, por exemplo, uma pessoa normal, sabe? Oh, eu sou homossexual, sou gay, é... Eu acredito que assim seria a forma certa de mostrar, e quando mostra o homossexual, mostra o homossexual afeminado, travesti e tudo mais e não é isso, né? Na verdade, não é isso. Eu sou homossexual porque eu gosto do mesmo sexo.”

Por isso, Brito associa homossexualidade com promiscuidade, pois acredita que os homossexuais afeminados pensam e querem, principalmente, ter o maior número de relações sexuais. “São assim mesmo, na maioria são assim mesmo. Só querem sexo fácil. Vai atrás, a gente não, mas pra ver se acha um homem pra isso, entendeu? E a maioria dessas pessoas, são pessoas que não têm, é, além de não terem maturidade, não têm nenhum pensamento de futuro, não quer saber, não quer ter uma formação.”

Ele não consegue se imaginar tendo uma vida diferente caso o preconceito não existisse. Ele não abre mão de nada em função disso, mas percebe que não é bem assim. “Eu sou natural, eu sou eu, em qualquer lugar que eu for, lógico que quando você tá no meio hetero você tenta se policiar...” Ele se acostumou a viver se policiando, que já faz parte da sua forma de vida a ponto de não o incomodar tanto.

Para explicar a influência da Classe Social na aceitação da homossexualidade, Brito cita o caso de um amigo que é médico bem sucedido que fala abertamente sobre sua preferência homossexual e é muito bem aceito por onde passa. Desta forma, ele deixa entender que as pessoas de classe social mais elevada são mais aceitas na sociedade. “Porque já formado, é médico, outra classe social, talvez, ele, ele é bem mais aceito, com certeza.”

A inserção atual do tema da homossexualidade na mídia é vista como favorável por Brito. Para ele a mídia influencia bastante no fornecimento de informação e na aceitação da população. A forma como o assunto vem sendo abordado em novelas é considerada positiva por ele, que percebe que o assunto está sendo levado para as discussões em família. “Ainda falta muito, mas a questão, por exemplo, novelas tá abordando muito a questão do casal, do homossexual nas novelas, isso ajuda muito a tá abrindo a cabeça.”

Há dois anos, Brito fez parte de uma comunidade católica, apesar de saber da condenação bíblica da homossexualidade. Segundo ele, eram comuns casos entre homens no local. “Na comunidade também, tanto que eu, na comunidade que eu participei, lá mesmo, tinha dois que deu em cima de mim, entendeu?” Por isso resolveu sair e viver a sua vida assumindo a sua preferência pra si mesmo.

Brito apóia a militância política, embora nunca tenha se envolvido pessoalmente. Acha importante a discussão dos assuntos e as sugestões de propostas para o combate ao preconceito. O que o incomoda é o fato das ações políticas serem conduzidas por gays afeminados, como nas paradas gays. Ele não concorda que a parada seja um show de travestis e outros gays vestidos de mulher. Ele apóia o gay que não aparenta ser gay, mas que, apenas, tem a preferência sexual por pessoas do mesmo sexo. Ele gostaria que a diferença do heterossexual para o homossexual ficasse somente na escolha do parceiro sexual e em nada mais. “Eu acho bonito, interessante, expor, mas ainda é aquela questão que eu sempre coloco, tem uma parada gay, então a gente vai lá pra ver, não o homossexual, tem

gente que vai lá pra ver o gay mulher, o gay que se veste de mulher. Então, quando a gente fala parada gay, a gente imagina isso. Igual São Paulo, tem várias cidades. Você vê que tem pessoas de todo tipo, homem, negro, aquela pessoa máscula demais, ela é gay, gosta de pessoas do mesmo sexo, só que tem pessoas que olham assim, nem imagina que é. Isso eu acho muito bonito nesta questão...”

Expressa sua vontade de sugerir a participação dos heterossexuais nestas discussões para que o homossexual tenha uma dimensão mais concreta da forma como os heterossexuais pensam a respeito do assunto. “Eu acho que dava mais pra construir uma coisa mais social, uma situação mais efetiva dos dois lados, é isso.”

Brito namorou mulheres até seus 19 anos, embora sempre notasse uma identificação maior com os homens.

No período que viveu suas primeiras relações homoeróticas, ele namorava uma mulher e ficava muito indeciso sobre o assunto. Com o tempo, ele foi percebendo as diferenças e optou por se relacionar, exclusivamente, com homens. “Às vezes, pode ter alguém que deixa você indeciso. Hoje eu não sou indeciso, se for pra mim ficar com mulher, eu não fico mais hoje. Entendeu? Hoje eu sou bem definido mesmo na questão da minha homossexualidade.”

Apesar de afirmar levar uma vida sem privações e conflitos, diz que se pudesse escolher ter atração só por mulheres, escolheria. “Eu não falo que isso é uma anormalidade, não é, mas se fosse pra eu escolher...”

Não se sente à vontade para conversar com seus pais sobre o assunto. A mãe já tentou conversar, mas ele desconversa e evita manter esse diálogo, mas acredita que a mãe saiba. Com relação ao pai, Brito tem mais receio e acredita que ele nem desconfie da relação amorosa que mantém com o colega de república.

Imagina que seus irmãos, que também vivem em Montes Claros, sabem da sua orientação sexual, pelo fato de compartilharem muitos momentos juntos e pela presença constante deles em sua casa. “Só que é tão natural quando eles vão lá, porque parece que eles já sabem. Eles vão pra lá e já querem ficar na sala. Porque na sala tem um bicama e tudo mais, eles vão pra sala, ficam lá e desse jeito.”

Ele acredita que a mãe aceitaria muito bem o seu namoro, caso se sentisse à vontade para conversar com ela. O fato dele já trabalhar e se sustentar proporciona mais coragem para falar, mas tem muito receio de perder o apoio do pai e, por isso, esconde da família como pode.

A sua expectativa é conseguir ter essa conversa com seu pai. “Ainda quero chegar pra ele e conversar, falar: ‘oh, pai, é isso, talvez, até já sabe e tal (gaguejou), mas hoje... quero falar, minha opção é essa, né, por isso, eu me sinto melhor assim. Eu sou mais feliz assim, né, não vou deixar de amar você de jeito maneira, gosto demais, não vou deixar de receber em minha casa jamais.’ E quero falar tudo tranquilamente.”

Brito prefere ter relacionamentos duradouros. “Eu prefiro ter um relacionamento duradouro, com uma pessoa só, pelo fato que te causa mais segurança, você adquire as coisas, mais fácil adquirir as coisas, então é mais fácil você dividir, problemas e tudo mais. É mais fácil aceitar, pelo fato de que quando você fica com um e outro, acaba que você levanta os problemas de sua vida pra várias pessoas, né? Eu acho que pelo fato de definir, ainda forço muito... então, prefiro ter um relacionamento fixo.”

Atualmente, mora com o seu namorado e está bastante satisfeito com esta relação. “Porque o relacionamento ideal pra mim é aquele relacionamento que você tem uma idéia, você cria uma idéia, cria uma meta, entendeu? Pro futuro principalmente, né? Você quer adquirir alguma coisa, você quer ter planos para o futuro, a dois, adquirir coisas juntos, né, você ter é, formação, seu pensamento, diálogo, como é que anda a situação familiar, até

porque no meu caso a gente escuta muito que fala, dentro de casa, pelo fato de eu ter muito convívio com a família dele, tipo a mãe dele sabe dele, sabia da gente, a irmã dele também. Só o pai que não sabe, já sabe, mas prefere esconder, o ideal é essa preocupação de ambas as partes.”

Brito não considera importante a oficialização da sua relação. No entanto, apóia a luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo por acreditar que os direitos devem ser iguais. “Se a pessoa quer ter uma (gaguejou) uma coisa mais formal, mais assumida mesmo, acho que não tem que ter problema nenhum com isso não.”

Ele não pensa em ter filhos. Na sua concepção, um casal homossexual não é capaz de educar seus filhos sem influenciá-los a também terem uma escolha homoafetiva. “Eu não sei se eu, eu, o casal homossexual, seria capaz de ter cuidado, naquelas questões, por exemplo, das fases de desenvolvimento, eu não sei... Eu não sei se eu estaria formando mais um homossexual.”

Apesar de perceber a cidade de Montes Claros como um bom lugar para morar e com boa aceitação das relações homossexuais, já que é sede de parada gay e oferece bares voltados para o público gay, ele considera os montesclarenses preconceituosos.

Brito espera que, no futuro, não tenha que se preocupar em se policiar no dia a dia e que possa trazer a sua família para participar mais de perto de sua vida “Eu acho que eu ficaria mais, minha família participativa. Eu faria minha família mais presente no meu local.”

Acredita que, daqui a 10 anos, a relação homossexual será bem mais aceita e espera que haja maior participação dos homossexuais na vida política e social do país. Entretanto, gostaria que fosse de gays não travestidos. Acima de tudo, espera ter coragem de conversar abertamente com a família sobre o assunto.

5.1.6 - Bruce

Escolaridade: Superior incompleto

Faixa salarial: Entre 1 a 3 salários mínimos

Idade: 23 anos

“A vida é muito sofrida, é muito preconceito, e assim... Se eu pudesse escolher pra mim, eu não queria.”

Os pais de Bruce se separaram quando ele ainda era criança. Tendo sido criado longe do pai e por um padrasto pouco presente, ele não teve a “presença paterna”. Aliado a isso, sempre conviveu com muitas mulheres, nas casas de suas tias e de outros parentes, enquanto seus pais trabalhavam. Isso faz Bruce acreditar que a forma como passou a infância foi a responsável pela sua orientação sexual homoafetiva. “Na verdade, eu ficava com um bando de mulheres, minhas tias, me papericavam até, faziam de tudo que eu queria. Meu pai trabalhava o dia todo, minha mãe dava aula o dia todo, então eu era jogado na casa da titia, parentes e tal.”

Ele sofre bastante com os comportamentos preconceituosos que presencia. Sua reação costuma ser de timidez, constrangimento e silêncio. Enquanto cursava o ensino fundamental, teve que mudar de escola diversas vezes por causa das chacotas e brincadeiras dos colegas. Hoje ele se considera um “praticamente assumido”, responde positivamente às pessoas que perguntam sobre a sua orientação sexual, mas sofre. Afirma que se pudesse escolher entre ser homossexual e heterossexual, seria heterossexual só para não vivenciar o preconceito na família e em outras situações. “A vida é muito sofrida, é muito preconceito, e assim... Se eu pudesse escolher pra mim, eu não queria.” Com esta frase, Bruce revela que, por tudo que já passou e pelo que ainda passa, gostaria de não se relacionar com pessoas do mesmo sexo. Confessa que é muito mais fácil ser heterossexual e que às vezes tem uma recaída e fica com mulheres na tentativa de sanar sua carência afetiva, mas sabe que não é isso o que ele quer.

Bruce percebe que os heterossexuais ficam constrangidos com a presença dos homossexuais em determinadas ocasiões “Por exemplo, meus amigos heteros de faculdade, quando a gente vai ao banheiro junto, eles entram dentro do box, dentro do mictório fechado. Quando eu tô junto com eles. Quando eu não tô junto com eles, eles urinam naquela divisória.”

No trabalho, acredita que não seria discriminado pela sua orientação, embora procure ser discreto no dia a dia. “Mas eu tenho muito medo de ser mal visto no meu trabalho, na faculdade, por ter passado tudo que eu passei no segundo grau. Tenho um certo trauma disso.”

Em sua opinião, a violência que acontece contra homossexuais na cidade está muito ligada às relações deles com homens machistas que, por não aceitarem a própria atração, acabam violentando ou assassinando os parceiros. Por outro lado, percebe que, de uma forma geral, o preconceito está diminuindo e que isso pode ser notado nas escolas do ensino fundamental e do ensino médio.

Ao tentar diferenciar a homossexualidade da heterossexualidade, Bruce afirma ser possível identificar um homem gay só em observando-o, pois o jeito de andar, de falar, de cumprimentar é diferente. A não ser quando se trata de um bissexual, sendo, então, mais difícil diferenciar, pois são tão másculos quanto os heterossexuais. “Os bissexuais são mais diferentes, são mais másculos, mais heteros.”

Na opinião de Bruce, o mundo homossexual é muito promíscuo. “Todo mundo quer ficar com todo mundo, todo mundo quer pegar todo mundo. Eles são muito ligados, nós somos muito ligados a sexo, sabe? Nós não somos que nem os relacionamentos hetero que namoram um mês, dois meses pra depois ter a primeira relação sexual. Nós queremos já no ato. Eu já sou, um pouco, não muito do meio, porque eu gosto de tá com a pessoa convivendo, só eu e a pessoa. Não gosto de ficar ficando com todo mundo, não.”

No dia a dia, Bruce age de forma diferenciada de acordo com as pessoas que estejam a sua volta. “São grupos diferentes, né? Você tem que saber lidar. Por exemplo, eu, num grupo hetero, sou totalmente diferente de como eu sou com meus amigos homossexuais... É, essa questão de ter que ficar me policiando, de não ter que falar besteira, ter que agir de uma forma diferente.”

Para ele, pertencer a uma classe social mais alta não faz as pessoas aceitarem melhor as pessoas homossexualmente orientadas. “Não tem diferença, tem a questão da família, a questão dos amigos, é a mesma coisa. Não é porque ele é mais rico que vai ser privilegiado pela sociedade, não.”

Com relação à mídia, “acho que tá abordando de uma forma legal, sem agressão. Na novela, cada novela que tá passando agora, tá mostrando o casal homossexual que realmente tem no mundo escondido. Eu acho que tá abordando de uma forma bem saudável, sem agressão.”

Bruce é católico, mas não concorda com todas as abordagens bíblicas. Não concorda com o dízimo, por exemplo, e acha que “eles abordam a questão da homossexualidade de uma forma muito estranha, muito objetiva, como se Deus quisesse falar: ‘isso é certo’. Se realmente não fosse pra existir, não existia.”

Ele não pratica a militância política e nunca participou de uma parada gay, pois sente vergonha e “não saberia como agir, na hora...” No entanto, apóia a luta e a divulgação de informação para a sociedade em geral.

Desde os 13 anos, Bruce percebeu a sua preferência sexual homoafetiva e tentou, de várias formas, fugir da sua realidade. “Ah, muito difícil porque eu não me aceitava de jeito nenhum e acabei namorando com uma menina 1 mês e não era o que eu queria realmente. Acabei ficando com um amigo de infância, aí comecei me descobrindo.”

Como não conseguia assumir sua orientação sexual na adolescência, Bruce se envolvia com mulheres, na tentativa de sanar suas carências. Sempre teve muitas dificuldades na escola. Vivia trocando de colégio e isso gerava muitos conflitos em sua família.

Para tentar viver com mais liberdade, quando tinha 18 anos, Bruce foi morar com sua madrinha em outra cidade, mas não foi uma experiência muito boa. Então, se mudou novamente para viver com uma tia. Ficou por seis meses e, como não conseguiu emprego, voltou pra sua cidade natal. Depois passou no vestibular e veio morar em Montes Claros. Atualmente, está trabalhando e estudando.

Há pouco tempo, Bruce namorou e morou com uma pessoa por dois anos. Ele o levou em sua casa e seu parceiro foi muito bem recepcionado por sua família, embora ninguém soubesse que era seu namorado. Depois, ele comentou com uma irmã e a notícia se espalhou, não sendo bem aceita por sua mãe “Ela não gostou nada, nada. Falou que eu tinha mentido pra ela, e tal. Ela não aceita, mas ela adorou, realmente, a pessoa. Ela não aceitou o fato de nós sermos parceiros.” Atualmente, mantém uma relação boa com a mãe, mas não toca no assunto, tem receio de magoá-la.

Bruce prefere relacionamentos duradouros, conviveu com uma pessoa durante dois anos e hoje está iniciando uma nova relação. Ele pretende manter uma relação estável com alguém. Apóia a luta dos homossexuais pela legalização do casamento, mas não tem vontade de se casar legalmente.

O fim de sua última relação foi bastante desgastante. “Na verdade, eu já tinha conhecido uma pessoa que eu achei que era séria, que eu acreditei que fosse pra valer, me fez acreditar que fosse, mas... De uma hora pra outra nós deixamos a peteca cair, não sei como, anos juntos e acabamos terminando.” Depois desta relação, acabou se envolvendo com uma mulher. “Tava me sentindo um lixo, tava com auto-estima baixa e ela, assim, me

ajudou de uma forma como ninguém... ‘Me tratou’ de uma forma como ninguém havia tratado antes. Eu era tratado com muita brutalidade neste último relacionamento, ele era muito grosso comigo.” Mas ele tem certeza de que é homossexual. “Só que eu sei o que, realmente, eu quero, do que realmente eu gosto, gosto de homem e não gosto de mulher.”

Para Bruce, a cidade de Montes Claros aceita bem, de forma geral, as relações homossexuais. Ele possui muitas amizades na cidade e por isso gosta muito de morar aqui. A única desvantagem que relata é o fato de estar longe da família.

Bruce espera que sua família possa, no futuro, o tratar da mesma forma como trata os outros homens da família. “Tem certos olhares, algumas coisas que a gente percebe, igual eu te falei, é diferente. É diferente. Eles não me tratam como homem... Eu gostaria que eles me tratassem da mesma forma que eles tratam meus primos, por exemplo, que têm namoradas, estão noivos. Eles sabem que eu tenho parceiro e ficam tratando de uma forma ignorada, sabe?” Gostaria, principalmente, que a mãe o aceitasse e lidasse normalmente com a questão.

Com relação ao convívio entre os homossexuais, Bruce gostaria “que fosse normal como os heteros. Vamos procurar alguém pra namorar e não alguém só pra fazer sexo. Eu acho isso muito feio, muito feio mesmo. Você conhece uma pessoa, já vai pra cama, sabe? Uma coisa muito de corpo, muito carnal. Podia buscar mais sentimentos.” Além disso, se não houvesse tanto preconceito, Bruce não se policiaria tanto entre os heterossexuais e seria mais natural, independente de onde estivesse.

Daqui a dez anos, ele acredita que os homossexuais terão maior liberdade, inclusive de se beijarem e se abraçarem em público, embora pense que não terá coragem de se comportar com muita liberdade, de forma espontânea. Apesar de tudo, não reclama da vida, trabalha, estuda e afirma que tem pessoas passando por maiores dificuldades do que ele.

5.1.7- Bill

Escolaridade: Superior completo

Faixa salarial: Entre 3 a 6 salários mínimos

Idade: 35 anos

“Eu gostaria de ter uma família, eu gostaria de ter uma vida normal.”

Bill não sabe explicar os motivos pelos quais sente atração por outros homens. Apenas sabe que não foi uma escolha, acredita que já tenha nascido assim, mas pondera que, se pudesse escolher, escolheria ser heterossexual. Ele pensa que assim teria mais segurança para seu futuro, uma vez que, em sua concepção, as relações homoafetivas são bastante instáveis. *“Eu gostaria de ter uma família, eu gostaria de ter uma vida normal.”*

Quando começou a andar e sair com outros homossexuais, Bill percebeu que muitos de seus amigos heterossexuais se afastaram dele, mas aqueles que ele tem hoje e já convivem com isso desde o início continuam amigos da mesma forma. *“Mas o grupo de hoje que já aproxima, que sabe que sou dessa forma, que já me vê dessa forma, que eu ando com as pessoas do meio, sacam que eu tenho um relacionamento, que me vê, diariamente, com aquela pessoa, então já aproxima, já sabendo, então não tem esse problema, mas os que eram amigos quando eu me transformei, eles... muitos se afastaram.”*

Ele percebe que existe uma diferenciação na forma das pessoas tratarem os homossexuais no dia a dia, principalmente quando são gays *“que não fazem questão de ser discretos”*. As pessoas têm um olhar diferente e acreditam que se trata de pessoas diferentes. Para ele, isso é mais grave, principalmente por parte de quem *“teve uma educação conservadora, destes conceitos, princípios, então ele acha que existe essa diferença, que nós somos diferentes”*

A aceitação, para Bill, só acontece quando existe uma convivência anterior. *“Porque, no início, eles aceitam por gostar da gente, por amar a gente, por respeito, aí depois já passa a se tornar uma coisa natural na cabeça das pessoas. Eles passam a conviver e vêem*

que não é isso, igual eles imaginam. Eles vêem que a gente é normal, leva uma vida normal, tem amor, tem sentimentos.”

A diferenciação percebida por Bill já o prejudicou bastante. “De me sentir rejeitado, de não querer ir a certos lugares. De não querer ir adiante, de achar que eu era pior que as outras pessoas...” Hoje ele lida bem com isso e tem uma vida da qual sente orgulho. Para superar as discriminações e enfrentar a vida, Bill procura ser reservado e discreto, evita andar com pessoas que são discriminadas e se resguarda como pode.

Quando teve suas primeiras relações homoafetivas, Bill tinha receio de ser descoberto. Hoje não tem tanto medo, mas procura ser o mais discreto possível. “Assim, eu não gosto de ser aberto, eu gosto de me dar o respeito. Eu não gosto que as pessoas confundam as coisas. Mas eu não tenho mais esse medo. Se a pessoa chegar e perguntar, hoje eu falo, entendeu? Mas eu não, procuro não demonstrar. Procuro ser o máximo discreto.”

Ele não se sente apoiado pela lei tanto quanto um heterossexual, mas no trabalho nunca sofreu discriminações. Na escola e na faculdade já foi apelidado de “viadinho” algumas vezes, mas Bill ignora e não reage. Na época do ensino médio, ficava mais confuso e magoado. Depois, na faculdade, reagia com indiferença. “Ser indiferente. E acabei trazendo essas pessoas, acabei conquistando essas pessoas.”

Bill acredita que o alto índice de violência contra homossexuais está relacionado ao envolvimento com a criminalidade, como o uso de drogas. “Principalmente essas pessoas que estão ligadas à criminalidade têm a cabeça mais fechada. Então, não admite, então é um motivo muito... além também deles estarem sempre envolvidos...”

Na opinião de Bill, o preconceito tende a diminuir com o passar do tempo, mas nunca irá acabar. Prova disso é que ele sempre existiu, desde a Grécia antiga. Pensa, também, que a única forma de aceitação é a convivência.

Na percepção de Bill, existe uma diferenciação nítida entre os homossexuais e heterossexuais, sendo facilmente possível identificar a preferência sexual de uma pessoa sem que ela fale sobre essa preferência. “Primeiro... o olhar clínico que a gente já identifica e, segundo que a gente começa a avaliar as características: ‘vamos ver o que ele gosta e o que não gosta.’ Porque sempre a gente tem os mesmos gostos.” As principais variáveis analisadas por Bill para essa identificação são a idade, a vaidade e a existência ou não de um compromisso com uma mulher.

Para Bill, é próprio dos homossexuais batalharem e alcançarem sucesso profissional, talvez como uma forma de superar o preconceito pelo qual passam. “Talvez pela questão desse preconceito, talvez incentiva mais a gente correr atrás e conseguir, né?”

Angustiado, Bill não sente segurança nas relações homossexuais. Preocupa-se com o futuro, com a falta de filhos e com a solidão. Acredita que só uma relação heterossexual pode proporcionar uma velhice amparada.

Ele não concorda com o estilo de vida levada por gays que não são discretos, ou seja, ele considera desrespeitoso o gay “espalhafatoso”, que grita e que comenta suas relações para quem quiser ouvir, que usam drogas e que são promíscuos. Para Bill, isso justifica as críticas que a sociedade faz a essas pessoas. Ele evita sair com pessoas deste estilo, pois os comentários e os olhares de reprovação são certos. Assim, ele entende porque as pessoas associam a homossexualidade com a promiscuidade e concorda com isso. “Porque eu não sei, as pessoas são muito ligadas mesmo ao sexo. E, assim, no meio tem muita traição, tem muita é... Não sei, as pessoas não gostam de levar a sério, tem muita traição, levam muito pro lado do sexo. Sexo e droga principalmente. Então eu acho que é por isso que dificulta.” Para ele, isso acontece porque, apesar de todo mundo procurar uma pessoa para um compromisso sério, eles buscam uma perfeição e não encontram.

Incomodado com essa associação, Bill até possui alguns amigos “espalhafotosos”, mas evita sair com eles. “Eu tenho amigos próximos, também que são espalhafotosos, mas assim eu não tenho coragem, dói falar, mas eu não tenho coragem de sair em lugar público com eles. Porque eu não vejo, sinceramente, eu não vejo necessidade.”

A influência da classe social na aceitação da homossexualidade é dada como certa para Bill. Para ele, a aceitação na classe baixa é menor por causa da pouca cultura, da pouca informação e da “cabeça fechada”.

A mídia, na concepção de Bill, tem feito um trabalho positivo no combate ao preconceito, buscando dissociar a homossexualidade do sexo e associá-la ao amor. “A televisão trata o assunto de uma maneira carinhosa, levando o amor, o afeto, o carinho, o respeito, a discrição. Aqueles personagens de ver, justamente para quebrar o preconceito.”

Bill é católico e frequenta a igreja. No entanto, não concorda com todos os seus preceitos. “Não é porque eu tenho uma religião que eu sou obrigado a aceitar aquilo que a religião prega. Eu acho o que é certo e errado da minha forma, acredito em Deus, entendeu? E frequento a igreja porque eu acho assim que você tem de ter um ponto, tem de ir à casa de Deus, tem que fazer uma visita, tem de tá abençoando, mas não que eu siga aquilo que eles pregam.” Hoje ele não se sente culpado, porque lutou contra seus sentimentos até perceber que não se tratava de uma escolha e sim de um fato.

Ele não gosta de “levantar a bandeira”, mas considera importante que aconteçam frentes de militância dos gays para a conquista de direitos.

No ano passado, participou da parada gay na cidade e considerou positivo o evento. “Gostei. Eu achei bem bacana, não achei nada de, de... Foi bem familiar, foi respeitoso, foi bonito.” Pensa que desta forma e devagar as coisas possam melhorar.

Desde muito cedo, Bill percebia que tinha preferência sexual por homens. Talvez tivesse 7 anos. Enquanto era criança, não conseguia entender do que se tratava, mas tinha

noção que era algo errado, já que ia contra o que os pais o ensinavam. Com o tempo, foi ficando cada vez mais confuso, tentou lutar contra seus desejos e se sentia bastante culpado.

Quando já estava adulto, começou a ter suas primeiras relações homossexuais. “Eu já tava adulto que comecei a me relacionar com homens, até eu assustei, porque eu achava que isso era só acontecer o sexo. Eu não achava que existia um relacionamento, que existia amor, tem uma vida normal de pessoas normais.” Ele refere-se a essa época como a transformação, referindo-se à fase onde começou a andar com outros homossexuais, que “se assumiu”, que passou a freqüentar ambientes destinados ao público gay. Nesta época, na cidade pequena onde morava, ele começou a ser alvo dos comentários das pessoas e, logo, muitos amigos se afastaram dele.

A culpa acompanhou Bill por muito tempo. Mesmo depois de dez anos de relacionamentos homoafetivos, ele não se aceitava. Sonhava em constituir uma família “normal” e ter filhos. A aceitação que tem hoje é recente, cinco anos, e foi construída em conjunto com a sua independência financeira.

Bill nunca conversou diretamente com sua família sobre a sua preferência sexual. Quando ainda morava com os pais, foi flagrado por uma irmã, o que gerou grandes constrangimentos e receios em ambas as partes. Depois de muitos anos é que ela conseguiu superar o preconceito e eles voltaram a conversar. “E anos depois, quando eu saí, quando eu passei a ajudar todo mundo e ela viu que eu sou a alegria da casa, aí ela, hoje, aceita na maior naturalidade.” Tempos atrás ainda existia uma cobrança da família de Bill por uma namorada, pelo casamento, pelos filhos. Mas, depois que passou a se manter financeiramente sozinho, e não faz tanta questão de esconder seu namorado, a família parece ter entendido a sua relação e as cobranças desapareceram.

Apesar de não ter conversado com seus pais, Bill sabe que eles já perceberam há tempo a sua preferência homoafetiva. No entanto, a convivência entre ele, o namorado e a

família é muito boa. “Tanto é que são apaixonados pelo meu namorado, porque sabem da minha história de vida, que eu não sou nenhum vagabundo, eu trabalho, eu ajudo todo mundo, eu estudo, eu dou respeito, não falto com respeito dentro de casa e em lugar nenhum. Então assim, eles percebem aquilo porque convivem comigo e respeitam sem precisar eu falar da minha boca. Porque eu não vejo essa necessidade.”

A família de Bill é bastante presente em sua casa em Montes Claros. Ele já quase não vai até a sua cidade natal. Para Bill, essa convivência é satisfatória e espera que continue assim. “Não gostaria que mudasse, é muito boa a relação nossa.”

Na adolescência, Bill se relacionava somente com mulheres, embora já sentisse atração por homens. No entanto, conseguia se relacionar afetivamente e sexualmente com as suas namoradas. Após concretizar as suas primeiras experiências homoeróticas, ele perdeu o interesse nos relacionamentos heterossexuais.

Ele prefere manter relacionamentos duradouros porque gosta de compartilhar suas alegrias e tristezas, além de se proteger de possíveis riscos e ter mais conforto. Ele acredita que encontrar pessoas que pensam desta forma no meio homossexual é difícil porque “as pessoas são muito ligadas mesmo ao sexo. E assim no meio tem muita traição”. Atualmente namora há dois anos e costuma sair com o namorado para boates, cinemas. Entretanto, ele não tem interesse em compartilhar a mesma casa ou se casar oficialmente. “Oh, eu tenho vontade de ter uma pessoa, igual eu já tenho. Agora aquela vontade de morar junto, debaixo do mesmo teto, ainda não me despertou isso, não. Apesar que meu namorado quer muito, fala muito, e tal... Porque eu gosto muito da minha privacidade, então assim, eu gosto do meu canto, eu gosto da minha liberdade. E eu tenho medo, sabe?” Apesar disso, apóia a luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Para Bill, Montes Claros é uma cidade boa para morar. É grande o suficiente para ter muitas opções de lazer, emprego e comércio, mas não a ponto de ser tumultuada e de

prejudicar a qualidade de vida. “Então aqui eu acho que você consegue juntar o útil ao agradável.” Identifica uma avaliação negativa dos montesclarenses com relação à homossexualidade, mas se surpreende constantemente com os avanços que percebe. “Montes Claros eu acho que até surpreende a gente um pouco, já tá bem boa, apesar que precisa melhorar muito ainda. Mas dá pra considerar boa.”

Realista, Bill pondera que, apesar dos avanços na aceitação da homossexualidade, as mudanças serão lentas e nunca extinguirão o preconceito. Gostaria que “fosse mais aceito. Eu gostaria que as pessoas tivessem a cabeça mais aberta, que aceitassem como uma coisa normal, que não em como pensam, que é só sexo, que é só droga, só pornografia, que existem sentimentos, que são seres humanos que estão ali, que levam uma vida normal, que trabalham, que estudam, que respeitam as pessoas e que gostariam de serem respeitadas.”

Não espera mudanças sociais e pessoais em sua vida, mas gostaria de melhorar um pouco na sua vida profissional.

6 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 - Igual mas diferente: Critérios de comparação e diferenciação intergrupal

A partir das entrevistas pudemos identificar algumas idéias e práticas comuns entre os participantes, bem como outras bastante específicas de cada um.

Buscando elementos comuns, tentamos descrever a identidade desses sujeitos comparando as suas histórias e concepções de vida. Contudo, não pretendemos ignorar a complexidade que existe na suposta definição de identidades. É possível observarmos nas entrevistas momentos de contradição e “vacilos lingüísticos” que demonstram a dificuldade que existe na busca de falas seguras e objetivas sobre como se pensa, como se age, como se é. O sucesso completo de tal empreendimento pode não ser possível diante da complexidade que existe na definição de quem somos.

Conforme coloca Silva (2000), “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’” (p. 82). Contudo, segundo o autor, tais fronteiras não se apresentam tão claras e definidas. Elas estão se transformando ao toque das culturas, dos interesses, das mudanças sociais, políticas, econômicas, etc.

Começamos, então, apresentando alguns critérios e explicações a respeito da causa ou origem da homossexualidade trazidos pelos participantes. Pudemos identificar quatro explicações diferentes. Em dois casos, os homens entrevistados consideram que o fato de se relacionarem com outros homens é uma escolha. Nestes casos, a primeira relação homoafetiva aconteceu tardiamente. Para um destes entrevistados, nada impede que alguma contingência o leve a manter relacionamentos com mulheres. Para outros dois entrevistados, a homoafetividade é genética, uma vez que perceberam a orientação homoafetiva desde pequenos e não consideram que possam manter relacionamentos exclusivamente com

mulheres. Para outros dois participantes, a homoafetividade é proveniente da convivência em situações familiares não convencionais onde houve ou a ausência da figura paterna ou o excesso de convivência com outros homens, como irmãos. E, em um caso isolado, o sujeito conta ter percebido a homoafetividade desde muito cedo enquanto criança, mas desconsidera a necessidade de uma explicação para a homoafetividade, já que acredita se tratar da mesma para a heterossexualidade. De qualquer forma, eles apontaram direta ou indiretamente que uma relação homoafetiva vai além do sexo, pois implica fidelidade, carinho, amor e segurança. Apenas um entrevistado citou a questão do sexo como tendo sido essencial para a sua orientação, sendo ele um dos que avalia a homoafetividade como opção.

Não nos ateremos às considerações sobre a causa, se é que esta existe, da homossexualidade, uma vez que não é nosso foco. Achamos importante ponderar estas explicações para dizer que as mesmas não se tornaram ponto de distinção no estilo de vida adotado pelos entrevistados, embora tenhamos observado um descontentamento maior nos dois entrevistados que consideram a sua orientação como genética, logo imutável.

Vamos, a seguir, discutir sobre os critérios de diferenciação entre homossexuais e heterossexuais conforme percebidos pelos entrevistados. Percebe-se que esta diferenciação não é clara e nem fácil de ser dita. Ela parece, muitas vezes, evitada. No entanto, ela existe para todos eles e de forma muito similar à existente na sociedade em geral.

Na tentativa de descrever comportamentos próprios do homoafetivo e do heteroafetivo percebeu-se muitas dificuldades, principalmente, porque os entrevistados sempre acabavam encontrando exceções ao recordar alguma situação já vivenciada.

Duas questões foram bastante freqüentes nesta diferenciação. Primeira: Eles enfatizaram a existência de duas formas de posicionamento dos homoafetivos, uma discreta como a deles e a outra dos gays afeminados que se vestem, andam e falam como mulheres.

A outra questão refere-se à ligação existente dos homoafetivos com a promiscuidade e a criminalidade, que está relacionada com a forma afeminada de posicionamento.

Nota-se que os entrevistados se colocam claramente dentro do primeiro posicionamento citado e discordam e discriminam a segunda forma, principalmente pela ridicularização à qual os gays afeminados são submetidos pela sociedade e pela associação deles com um estilo de vida promíscuo criticado socialmente.

Podemos perceber que, especificamente, os participantes se sentem incomodados com a associação com a promiscuidade. Alguns sujeitos colocam isso como responsabilidade do próprio grupo. Outros como um engano da sociedade em geral proveniente da falta de conhecimento e da não convivência com pessoas homoafetivamente orientadas.

Foi comum encontrar uma explicação histórica para essa associação como sendo proveniente de um estilo de vida inicial dos gays nas cidades ou como uma generalização dos comportamentos de gays famosos como Cazuza e Renato Russo, com exceção de um que acredita que seja uma hipocrisia, já que a boêmia e a promiscuidade também são praticadas por muitos heterossexuais, homens e mulheres.

No entanto, a explicação não é colocada apenas como um acontecimento do passado, mas como algo presente no estilo de vida de muitos homens homoafetivos na atualidade, ou seja, é comum, segundo os entrevistados, os homossexuais optarem por um estilo de vida boêmio e promíscuo, apesar de nenhum deles se incluir nesse perfil. De forma alternativa, afirmam valorizar mais a afetividade nas relações do que o sexo propriamente dito.

Conforme Tajfel (1981), a percepção que temos de nós mesmos é condizente, em graus variados, com a concepção que temos dos grupos aos quais pertencemos. E essa percepção é bastante vulnerável às percepções provenientes dos outros grupos. Essa

afirmação é bastante nítida nas entrevistas feitas. Todos os participantes parecem concordar com a discriminação existente na sociedade e se colocam como uma exceção às próprias justificativas para este preconceito.

Eles percebem uma diferenciação, a avaliam como verdadeira, concordam com ela e se consideram fora dela, a não ser quando essa diferenciação assume um valor positivo, como ser vaidoso, ter bom gosto, ser inteligente, ter sucesso profissional.

Tajfel (1981) explica bem essa questão ao afirmar que, para se manter em um grupo, é necessário que a pessoa consiga manter uma identidade social positiva. Caso contrário, ele vai buscar formas diferentes de assimilação à maioria ou se juntará a outros em mesma situação em busca de uma mudança social. Abordaremos esse ponto mais detidamente quando analisarmos as estratégias utilizadas pelos entrevistados diante do contexto homofóbico.

A diferenciação mais claramente exposta pelos entrevistados foi com relação ao próprio grupo. No entanto, ela existe também com relação aos heterossexuais. Ao analisar as características a seguir, é importante enfatizar que se referem ao estilo de vida adotado por eles.

A característica mais citada refere-se à sensibilidade maior entre os homens homoeroticamente orientados. Outras questões citadas foram o bom gosto, a inteligência, o esforço profissional, a vaidade, a educação. Características menos positivas foram citadas, porém direcionadas para os “afeminados”, tidos como pessoas “barraqueiras”, que arrumam confusão, que só procuram sexo fácil, que não oferecem relações estáveis, ao contrário do heterossexual que namora muito tempo, casa e constitui uma família. Contudo, essa instabilidade e essa insegurança identificadas por eles nos relacionamentos homossexuais foram vivenciadas e relatadas por alguns, assim como a dificuldade em construir relações de amizade devido à “falsidade” encontrada no meio.

Três entrevistados falaram da existência de algo sutil que diferencia o homo do hetero. Eles não souberam descrever com precisão, mas afirmam estar relacionado ao jeito de andar, de falar, ao gosto por determinadas coisas. Enfim, trata-se de algo pouco definido, mas que permite que eles reconheçam a diferença com um pouco mais de observação.

Aqui cabe entendermos que existe uma consciência de diferença grupal homo/hetero, uma vez que é reconhecido, não sem dificuldades, o fato de que possuem aspectos diferentes dos heterossexuais, mesmo que essa diferença seja, apenas, a escolha de objeto afetivo-sexual. Entretanto, nas entrevistas todos falaram de um ou outro aspecto que é também predominante no seu próprio grupo. No entanto, a principal diferenciação estabelecida se dá de forma mais específica com relação à própria categoria. Ou seja, percebemos uma tentativa de diminuir a distância entre eles e os heterossexuais e aumentá-la do estereótipo que marca o homoafetivo para a sociedade em geral.

Para Tajfel (1981), o processo de diferenciação, juntamente com o de comparação, é uma constante nas relações entre grupos. É desta forma que os participantes de um grupo constroem a sua identidade social, ou seja, se igualando com uns e se diferenciando de outros.

A manutenção destas diferenciações pode ser percebida nestes dois pólos: com relação aos heterossexuais e com relação aos próprios homoafetivos que apresentam um postura diferente da deles. Abordaremos em seguida as formas como essas diferenciações são mantidas de acordo com os sujeitos da pesquisa.

A diferenciação homo/hetero perpassa, segundo os entrevistados, a cultura que define e separa comportamentos próprios para homens e para mulheres. Desta forma, ao se identificarem como homoafetivos, recordam também alguns conflitos relacionados a essa classificação. Um dos participantes cita, por exemplo, o receio que teve em jogar futebol quando adolescente, medo de não conseguir, de achar que, por não ser heterossexual, teria

dificuldade em jogar futebol, um esporte avaliado como exclusivamente masculino, naquela época. Outro participante teve de deixar a paixão pela dança e pelo balé por causa da pressão familiar e social que atribui tal atividade às mulheres.

Estes posicionamentos corroboram as idéias de Parker (1991). Segundo este autor, a ideologia estabelecida que valoriza a autonomia, a força, a virilidade, a atividade e as coloca como características masculinas, opostas à passividade, fragilidade e dependência próprias das mulheres embasa a discriminação de homens que se relacionam com outros homens, atribuindo a estes as mesmas características desvalorizadas associadas às mulheres.

Para Lígia Amâncio (1994), essa ideologia compartilhada tanto por homens e mulheres e, portanto, legitimada nas falas e comportamentos das pessoas, impõe como norma os comportamentos masculinos e como exceção os padrões femininos.

Percebemos nas entrevistas que em determinados casos e em determinados momentos de suas vidas um conflito se estabeleceu entre os participantes ao perceberem uma orientação sexual não padronizada no que se refere aos comportamentos que devem ou não manter, como no caso de jogar ou não futebol, ficar ou não com meninas, dançar ou não balé.

Tais conflitos são vivenciados também por homens e mulheres heterossexuais que, por ventura, se interessem por atividades específicas do grupo oposto, mas para os homens homoafetivos entrevistados essas diferenciações os deixam, a princípio, sem referência de como devem ou não agir, já que, na maioria dos contextos, tal questão é permeada por preconceitos que dificultam ou impedem que referências sejam construídas.

Uma forma muito citada de estratégia de manutenção desta diferenciação refere-se ao testemunho constante de comentários maliciosos, chacotas e piadas relacionadas a gays, mais especificamente ao gay afeminado. Citam, também, as caricaturas que são mostradas em programas humorísticos que são, na verdade, o estereótipo do homossexual.

Percebe-se que esta estratégia é assimilada e aceita por todos os entrevistados. Assim, eles consideram que o comportamento exagerado e o travestismo sejam os principais responsáveis pela existência do preconceito contra a categoria. Alia-se a isto o envolvimento frequente dos “afeminados” em encrencas, promiscuidade e crimes.

Também percebemos outras estratégias de diferenciação que se dão no interior da própria categoria homoafetivos. Nesse sentido, a maioria deles fala do esforço constante para evitar que gestos, jeitos de falar e de andar denunciem a sua orientação sexual e os enquadrem no tão temido e desvalorizado estereótipo do efeminado. Entendemos que a diferenciação constante estabelecida pelos entrevistados entre eles e os afeminados indica a legitimação da mesma ideologia que é questionada num primeiro momento ao apontarem a diferenciação estabelecida com os heterossexuais.

Houve um entrevistado que relatou seu costume de ensaiar em frente ao espelho as apresentações acadêmicas que fará na faculdade para não deixar transparecer algo que o “denuncie”. Muitos evitam freqüentar meios homossexuais com receio de que acabem sendo reconhecidos pela sociedade dentro do estereótipo criticado e assim se prejudiquem em seus trabalhos e em suas relações pessoais. Por isso também evitam comportamentos íntimos em público e escondem da família e dos colegas a sua orientação sexual.

Tajfel (1981) diz que este processo de comparação e diferenciação acontece pela tendência ou necessidade de se buscar uma aceitação positiva de si mesmo pelos outros e por si próprio. Para classificar algo como “positivo” deve haver o contraponto “negativo”. A busca por aceitação e respeito social acaba se tornando a maior responsável pelos conflitos intergrupais, considerando os aspectos psicológicos desses conflitos. Neste caso, o que verificamos é um conflito intragrupal, resultado de uma forma de assimilação ao grupo majoritário que será discutida mais adiante.

Para Doise (1973) citado em Amâncio (2004), os conteúdos simbólicos utilizados nos processos de diferenciação entre grupos são selecionados em função do contexto, que estabelece a escolha de traços que favorece a dominação de um grupo sobre o outro. Neste sentido, a realidade social, seus valores e suas normas afetam os comportamentos dos indivíduos que, por sua vez, reforçam aquela realidade nas suas interações. Assim, identificamos no grupo de entrevistados a influência da realidade social em que vivem. Nos seus comportamentos e idéias de sucesso profissional, autonomia, postura ativa, um círculo se mantém na valorização desses elementos tanto para a categoria de homens heterossexuais quanto para os homens homoafetivos. Na verdade, eles não concordam que deva existir esta diferenciação, já que valorizam as mesmas idéias e concepções. Pelo contrário, alguns colocam esses elementos valorizados como mais fortemente presentes no grupo de homens homafetivos construindo assim uma identidade social positiva para eles próprios.

Podemos entender, de acordo com Tajfel (1981), que os entrevistados constituem um grupo na medida em que reconhecem este pertencimento – componente cognitivo; avaliam como negativo este pertencimento – componente avaliativo; e demonstram aspectos emocionais nas relações com outros representantes do seu grupo - componente emocional. Vale especificar aqui que, ao afirmamos que os sujeitos apresentam uma avaliação negativa do próprio grupo, estamos considerando a percepção trazida por eles de que existe uma representação caricaturizada e ridicularizada da figura do homossexual e não que se considerem pessoas inferiores aos heterossexuais. Isso se tornará mais claro mais adiante.

Atentar para esta percepção dos entrevistados significa admitir a flexibilidade e a maleabilidade características da constituição e da definição de um grupo. É importante considerar que tais componentes sofrem variações de acordo com a situação e com a vivência de cada um dos entrevistados.

A partir das diferenciações apresentadas pelos entrevistados consideramos, dentro da perspectiva de Tajfel, o grupo de homoafetivos como uma minoria social. Para Tajfel (1981), o critério básico para um grupo ser considerado minoritário é o fato dos participantes estarem cientes de que possuem alguma característica ou comportamento em comum não valorizada pelos outros grupos. Desta forma, essa designação não deve ser entendida somente em termos quantitativos, trata-se mesmo de uma relação estabelecida entre grupos, em que cabe aos grupos minoritários um papel estigmatizado ou pouco valorizado socialmente perante o grupo majoritário detentor da aprovação social.

Partindo dessa idéia, qual seria, segundo os entrevistados, essa característica que não é valorizada entre os homossexuais? A questão parece simples, trata-se da escolha do parceiro do mesmo sexo para envolvimento afetivo e sexual. No entanto, é facilmente perceptível a extrapolação, a abrangência e as variações de justificativas para isso. Tudo depende do grupo de referência desta diferenciação. Trata-se de um grupo de religiosos? De médicos? De psicanalistas? De artistas? Fato certo é que de uma forma ou de outra a desvalorização sempre ocorre e vamos agora tentar entender como ela é reconhecida e vivenciada dentro do grupo de pessoas entrevistadas.

Assim, apresentaremos em seguida como os entrevistados exemplificam e vivenciam estas diferenciações em contextos variados em seus dias a dia.

6.2 - O contexto dos participantes

Com relação à vivência de discriminação ou diferenciação no dia a dia, verificamos que, de uma forma geral, as diferenças são mais percebidas em relação à família e no grupo de amigos. Nos demais locais, percebe-se uma convivência razoável, uma vez que todos evitam expor a sua orientação homoafetiva. No entanto, alguns incômodos são relatados.

A forma de relação estabelecida entre os entrevistados e suas famílias apresenta semelhanças. Cinco vieram de cidades menores das redondezas de Montes Claros a fim de estudarem e alcançarem independência financeira. Um dos entrevistados mora com os pais, mas é independente da família, e outro, o mais novo dos entrevistados, mora com os pais e é estudante secundarista, não trabalha. No entanto, todos possuem uma relação de afastamento com os familiares quando se trata de assuntos afetivo-sexuais. Em quatro casos houve uma única conversa com os pais sobre a orientação sexual e, a partir daí, o assunto passou a ser evitado. Nos outros três casos, nunca houve qualquer tipo de conversa com a família, mas é possível que os pais saibam ou desconfiam da orientação homoafetiva dos filhos.

Além do silêncio estabelecido nas relações familiares, em dois casos por iniciativa dos próprios entrevistados, foi comum o relato de comentários irônicos e esnobes feitos por familiares com relação à orientação sexual dos sujeitos. Em alguns casos, os pais entendem como uma escolha do filho e fazem “vista grossa” a sua opção e, conseqüentemente, aos seus conflitos e sofrimentos. Em um caso foi dito que os pais mantiveram por muito tempo uma cobrança acirrada por uma namorada, para a constituição de uma família e de filhos, mesmo sabendo da orientação homoafetiva do filho. Em alguns casos, os pais demonstraram bastante frustração quando perceberam a orientação sexual do filho, classificando-a como pecado ou loucura, mas com o tempo, o assunto foi sendo “abafado”, embora permaneçam pequenos comentários que evocam essa frustração.

Os entrevistados relatam que, de uma forma geral, essa diferenciação é mais intensa quando dirigida a homens afeminados que se vestem como mulheres e se comportam de forma promíscua. Assim, os sujeitos escapam muito desta discriminação, uma vez que procuram ser discretos e se apresentarem com bastante “respeito e educação” no convívio com os heterossexuais.

No cotidiano profissional, percebe-se o mesmo comportamento, uma busca para se sobressair intelectual e profissionalmente para evitar que a sua orientação sexual, caso descoberta, se transforme em possível justificativa para retaliações e diferenciações. Evitam qualquer abordagem relacionada à vida pessoal e à intimidade, considerando que estão no trabalho com outros objetivos. Um dos entrevistados possui duas formas de ocupação, sendo uma delas músico. Neste caso, ele afirma que existe uma diferença grande entre os artistas, uma vez que esses são abertos a formas alternativas de vida, incluindo de orientação sexual.

Alguns citaram casos de demonstração de muito preconceito vindo dos colegas durante a fase escolar, sendo que um deles teve que mudar de escola várias vezes. Houve um caso onde foi citado o afastamento dos amigos ao perceberem a orientação homoafetiva. De forma geral, a escola e a faculdade foram citadas como locais onde a principal forma de diferenciação são os comentários irônicos e a utilização de apelidos pejorativos como forma de discriminação entre os grupos, como, por exemplo, “viadinho”.

Com relação às amizades, percebe-se uma escolha bem definida sobre com quem querem compartilhar momentos de lazer e com quem não. Todos relataram procurar conviver com outros homens que pensam e se comportam como eles, de forma discreta e sem “levantar bandeira”. Em três casos, foi citado que o meio homo é formado por muitas pessoas que são falsas e não confiáveis.

Em relação às amizades com os heterossexuais, em um caso o participante relata que se sente mais à vontade para construir relações com as mulheres, uma vez que com os homens o diálogo não se mantém com facilidade, devido às diferenças de interesse. Segundo esse entrevistado, estando com as mulheres ele se sente mais “dominador”, no sentido de estar no controle da situação.

Em um caso, foi citado que é comum o constrangimento do heterossexual como uma forma de diferenciação, como por exemplo, na hora de dividirem o mesmo banheiro em locais públicos. Outras vezes, o constrangimento ocorre no homem homoafetivamente orientado quando se encontra numa conversa sobre o assunto com pessoas que não sabem da sua orientação.

A mídia é citada pela maioria como um meio importante de criar e reforçar a diferenciação existente, embora, atualmente, comece um movimento de divulgação de outras formas de posicionamento de homens homoafetivamente orientados mais condizentes com a forma como agem.

Com relação à prática religiosa, todos são católicos, embora conheçam o posicionamento desta Instituição a respeito da não aceitação da homossexualidade. Entretanto, freqüentam a igreja ou rezam como forma de contato com Deus, sem concordarem com todos os preceitos do catolicismo.

Falar sobre as discriminações e posicionamentos estabelecidos pelos entrevistados em diferentes contextos leva-nos ao tema do Reconhecimento Social. Conforme Sales (2005), a interação entre as pessoas é inevitável e acontece de múltiplas formas. Os sujeitos partilham a convivência construindo imagens sobre os outros e sobre si mesmos. Neste movimento contínuo, sempre buscam diferenciadas demandas por reconhecimento, sendo tais demandas dependentes do contexto, das características dos próprios sujeitos e das condições sócio-históricas vivenciadas.

Neste sentido, as interações do dia a dia, no trabalho, entre os amigos, na religião e em outras Instituições caracterizam a vivência prática de todas as informações dadas pelos entrevistados e analisadas neste estudo. Pudemos exemplificar através destas vivências a forma como a Identidade influencia e é influenciada pelas redes intergrupais nas quais o indivíduo se encontra. Não é por acaso que os entrevistados apresentaram posicionamentos

tão semelhantes. Trata-se de uma rede de amizade cuja ligação é resultado deste posicionamento comum diante da sociedade. Isso é facilmente identificado nas falas dos sujeitos quando estes apresentam os critérios de diferenciação entre “nós” e os afeminados. Apesar das semelhanças entre eles, percebe-se que elas foram construídas por cada um de acordo com suas vivências e história. Assim, foram as semelhanças entre eles que os aproximaram e não o contrário.

De acordo com Lorenzi-Cioldi (2003), existe uma assimetria simbólica entre dominados e dominantes, onde aos primeiros são atribuídas características de independência e autonomia (grupo coleção) e, aos segundos, de dependência e despersonalização (grupo agregado), reforçando uma assimetria que beneficia aos dominados. Conforme este autor, poderíamos definir o grupo entrevistado como grupo coleção que se caracteriza pela independência, distinção pessoal e individualidade de seus membros, embora façam parte de um grupo minoritário que é visto pela sociedade em geral como um grupo agregado, daí a força que os estereótipos possuem na concepção do homoafetivo na sociedade hoje. Verifica-se uma generalização e uma homogeneização dos indivíduos desta categoria na caricatura do gay afeminado, promíscuo e barraqueiro, conforme entendido pelos participantes. Eles possuem uma percepção de grupo dominante, mas são avaliados pela sociedade como grupo dominado.

Em seguida analisaremos esta e outras estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidarem com o contexto tal qual ele se apresenta e é entendido por cada um.

6.3 - Ocultamento e Revelação: Estratégias de integração grupal

Percebemos que todos os entrevistados assumem, no dia a dia, uma postura discreta prezando por relacionamentos duradouros e evitam o enquadramento no estereótipo disseminado em relação aos gays de maneira geral. Desta forma, corroboram a formação de uma identidade social positiva, indo ao encontro dos preceitos valorizados socialmente.

Welzer-Lang (2004) fala sobre a construção da masculinidade e das exigências colocadas aos homens. Segundo este autor, ultrapassando a barreira da prática sexual, ser homem abrange uma série de características valorizadas socialmente como virilidade, atividade, dominação que, por conseqüência, devem ser opostas à passividade, fragilidade e sensibilidade, características consideradas femininas. Essa diferenciação, conforme as entrevistas, é compartilhada pelos participantes. Eles não abrem mão desse lugar de dominação, colocando sempre a busca pelo sucesso profissional, pela independência financeira, pela conquista intelectual como metas a serem alcançadas. Por outro lado, consideram a sensibilidade como a principal diferença com relação aos heterossexuais. Assim, eles identificam a diferença entre homo e hetero como sendo sutil e buscam diminuí-la. Nesse sentido, é possível a manutenção de uma identidade positiva não se sentindo completamente fora da norma padrão vigente definida como masculinidade hegemônica por Kimmel (1998). Este autor afirma que essa forma de masculinidade se destaca pela constante necessidade de expressar e provar sua virilidade e que a principal forma desta expressão é através da desvalorização de outras formas de masculinidades.

Assim, percebemos que se trata de homens que prezam pela discrição no que diz respeito a sua orientação sexual e encontram neste comportamento a forma mais valorizada de posicionamento de vida, desvalorizando comportamentos contrários, tais como o travestismo e a gesticulação exagerada. São pessoas que evitam serem reconhecidas como homossexuais antes de poderem ser conhecidas por outras características. Trata-se de homens que almejam não serem diferenciados por outros critérios a não ser o fato de se envolverem afetivo/sexualmente com outros homens. Sendo assim, as vivências trazidas neste estudo são de homens que compartilham as normas e procuram se comportar dentro dos padrões impostos pela masculinidade hegemônica.

Nota-se, então, em geral, uma tentativa de não afastamento do grupo majoritário, como que assim fazendo se sentissem menos marginalizados e menos “diferentes”.

Interessante perceber que em muitos casos a manutenção desta forma de posicionamento é exclusivamente atribuída a homens heterossexuais. Este estudo vem demonstrar a amplitude desta ideologia e apontar que existem múltiplas variedades de posicionamentos das minorias sociais frente ao preconceito e à discriminação. Algumas, como as apresentadas, de concordância com os padrões socialmente valorizados.

Não podemos, desta forma, nos prender, exclusivamente, ao discurso vitimário que desconsidera a complexidade das relações intergrupais. Ou seja, não é possível acreditar que os homens homoafetivos não estabeleçam estratégias que auxiliam na manutenção de uma identidade social positiva e assim mantenham relações que reforcem uma auto-estima positiva.

Em dois casos é mencionada, como estratégia para lidar com o tema, a maturidade em não se sentir na obrigação de expor a sua orientação sexual. Trata-se de uma tentativa de elaborarem a culpa que já sentiram em esconder tal questão, vista como um incômodo que perpassa toda a adolescência destas duas pessoas.

Observamos em três entrevistas que a procura por um reconhecimento profissional e a evocação de características positivas como inteligência, alegria e felicidade são estratégias práticas buscadas por eles.

Por trás deste posicionamento, existe uma vergonha ou receio de serem estigmatizados com o estereótipo difundido do gay afeminado, promíscuo, barraqueiro, que se envolve com drogas e comete crimes. Comportamento esse altamente reprovado por eles mesmos, que procuram alcançar com igualdade todos os reconhecimentos sociais exigidos de um homem heterossexual. Para isso, polícionam cada gesto que possa denunciar um enquadramento neste estereótipo, desde o jeito de andar, falar, vestir, etc. Outra estratégia

citada por alguns entrevistados é evitar relações próximas com gays afeminados, procurando se aproximar de pessoas com a mesma ideologia e posicionamento de vida. Em um caso, verifica-se a pouca disponibilidade em frequentar ambientes exclusivamente gays.

Aqui podemos perceber o que Doise (1984) citado em Amâncio (2004) denomina de Diferenciação Categorial, ou seja, os comportamentos dos sujeitos entrevistados demonstram a realidade social de um grupo que se constrói e afeta os comportamentos dos indivíduos que, por sua vez, reforçam esta realidade em seu posicionamento de vida.

Na sua adolescência, pudemos perceber que os entrevistados, com exceção de um, tiveram comportamentos mais marcantes e prejudiciais ao contato social, como isolamento dos amigos, depressão, abandono da escola, fuga de possíveis relacionamentos, tentativa de suicídio. Dois entrevistados só puderam vivenciar relacionamentos homoafetivos ao mudarem de cidade, devido à carga de culpa que traziam consigo frente à possibilidade de serem descobertos por seus familiares.

Todos disseram preferir relacionamentos mais duradouros como forma de se sentirem mais seguros no estilo de vida que escolheram.

Em todos os casos há a preferência em não assumir a luta pela igualdade de direitos já que não se consideram dentro da mesma categoria discriminada como os homossexuais afeminados e também porque esse comportamento impediria a discrição tão prezada por eles.

Podemos identificar, nas estratégias utilizadas pelos participantes, uma busca por reconhecimento por parte dos grupos majoritários. Conforme Tajfel (1981) nos apresenta em sua teoria da identidade Social, a forma utilizada por este grupo específico é a terceira descrita por ele, o mascaramento do atributo rejeitado pela maioria e identificador de pertença ao grupo minoritário.

Podemos afirmar que o grupo desta pesquisa considera legítimas as diferenciações existentes entre os grupos de homens heterossexuais e o grupo de homens homoafetivos. Consideram, entretanto, também a existência de uma instabilidade nesta diferenciação à medida que ela está vinculada, especialmente, a uma subcategoria de homens homoafetivos afeminados. Desta forma, acreditam que ao se posicionarem de forma diferenciada em relação a essa subcategoria e manterem discrição na forma de vivenciar as suas relações homoafetivas seja possível evitar a discriminação, uma vez que não consideram legítimas as generalizações ocorridas para toda a categoria de homoafetivos. Eles entendem esse mascaramento como uma forma de corrigir um erro cometido pela sociedade em geral ao associar a homossexualidade com a promiscuidade, a feminilidade e a criminalidade.

Utilizamos o verbo mascarar como referência direta à Tajfel que cita exemplos voltados para o preconceito étnico e de cor. No entanto, verifica-se uma pequena diferença com relação ao posicionamento dos sujeitos entrevistados. Eles falam mais de um ocultamento do que de um mascaramento. Afinal, eles não precisam mudar o nome ou negar suas origens étnicas. O que fazem é omitir alguns comportamentos relacionados a seus relacionamentos. De qualquer forma, os efeitos de tal estratégia existem e serão abordados no próximo tópico.

Identificamos nestas análises a discussão feita por Tajfel (1981) a respeito do contínuo mobilidade social/mudança social. Para ele, o pólo mobilidade social refere-se à flexibilidade existente para a movimentação de indivíduos entre os grupos. Mudança social designa uma posição coletiva de um grupo que, ao ter seus membros impedidos de transitar livremente de um grupo para outro, procuram conseguir através da coletividade alcançar alguma melhoria de condição ou de qualidade de vida.

Discutiremos mais adiante o posicionamento dos sujeitos entrevistados em relação aos movimentos gays e organizações similares, pois perceberemos que as estratégias identitárias construídas são percebidas como bastante eficazes, motivo pelo qual apontam nenhum interesse em investir na luta coletiva pelos direitos e outras questões trazidas pelos grupos militantes ao longo do tempo. Eles se identificam como mais próximos do extremo pólo da mobilidade social e sentem-se reconhecidos de forma relativamente igual aos homens heterossexuais, o que reforça positivamente a utilização das estratégias de ocultamento citadas. Os sujeitos entrevistados não fazem parte de qualquer grupo de discussão ou organização para planejamento de ações e resistências, são grupos de amigos que se tornaram amigos, principalmente, por causa destas idéias em comum e por outras contingências. O que se pretende é deixar claro que cada um deles avalia seu próprio comportamento como uma escolha individual e autônoma, embora todos se comportem de forma similar. Conforme afirma Tajfel (1981), encontrar situações no extremo das decisões interpessoais é impensável, uma vez que influências de outras categorias estão presentes nesta atuação, como educação familiar, rede de amigos, crenças religiosas, etc.

A mobilidade existente para estas pessoas só é possível pela avaliação que fazem das diferenças entre os grupos homo e hetero, ou seja, eles avaliam tal diferenciação, de forma como é entendida socialmente, como ilegítima, pois consideram um erro serem comparados com os gays afeminados, sendo estes os que legitimariam as diferenças estabelecidas. No entanto, consideram a situação estável, pois acreditam e percebem a necessidade desta diferenciação, mais uma vez lembrando, considerando os gays afeminados. Está aqui a explicação básica por utilizarem a estratégia do ocultamento como forma de mobilização grupal. Eles conseguem se livrar do estereótipo do gay afeminado e mantêm uma vida distante de preconceitos e discriminações. É evidente nas entrevistas que este empreendimento tem um preço sobre o qual falaremos no próximo tópico.

Veremos a seguir algumas conseqüências psicológicas e sociais resultantes desta forma de assimilação à maioria. Embora a eficiência da prática do ocultamento seja compartilhada por todos, não se trata de algo inofensivo para o sujeito e pode acarretar alguns sofrimentos emocionais, conforme identificados em suas falas.

6.4 - Conseqüências relatadas sobre a vivência com idéias e práticas homofóbicas

Conforme Croker e Quinn (2004), as conseqüências psicológicas e sociais vivenciadas pelas pessoas que sofrem alguma forma de preconceito e discriminação, chamadas por eles de estigmatizadas, não podem ser avaliadas em termos de um prejuízo direto e profundo no caráter e na personalidade destes sujeitos, embora tal argumento seja encontrado em algumas pesquisas. Para esses autores, o efeito da discriminação deve ser avaliado em seu contexto, visto que detalhes sutis podem interferir na forma como estas situações são vivenciadas. Os estigmatizados, muitas vezes, podem apoiar a formação de uma auto-estima positiva para além dos componentes onde eles são desvalorizados, isso depende da ideologia internalizada. Alguns experimentos citados por estes autores mostram que, em alguns casos, os estigmatizados constroem como estratégia uma auto-estima menos baseada na aprovação do outro e mais relacionada a aspectos morais e religiosos, por exemplo, desvalorizando assim o preconceito manifesto por pessoas de outros grupos. Dessa forma, a discriminação ocorre em situações específicas e os seus efeitos dependem da própria pessoa estigmatizada e de características próprias da situação. No entanto, apesar desta visão ser contrária à idéia de que as pessoas estigmatizadas necessariamente terão problemas em termos de auto estima ou caráter, ela não banaliza estas conseqüências, uma vez que estes efeitos transitórios podem resultar em importantes efeitos a longo prazo.

De uma forma geral, podemos perceber que as exigências sociais em prol de um estilo naturalizante de envolvimento afetivo sexual, como o é a heterossexualidade, trazem conseqüências no modo de posicionamento de vida dos homens entrevistados. Embora em

apenas três entrevistas tenhamos identificado um discurso vitimário, onde os entrevistados afirmam que optariam pela heterossexualidade, caso fosse possível, principalmente pela instabilidade que sentem nos relacionamentos homossexuais, nos outros casos o que se percebe são pessoas adaptadas a um estilo de vida compartilhado por muitos colegas, amigos e parceiros que se consideram pessoas realizadas em suas interações sociais.

De qualquer modo, algumas peculiaridades deste estilo ou posicionamento de vida são relevantes para entender os momentos nos quais estas pessoas se sentem diferenciadas e enquadradas em um grupo específico e minoritário.

Acima de tudo, pudemos avaliar que a estratégia utilizada por estes sujeitos para lidarem com o preconceito não seria possível sem algum desgaste emocional.

Todos os entrevistados dizem não se sentirem à vontade em manifestar comportamentos carinhosos com seus parceiros em ambientes públicos. Esta questão aparece em todas as entrevistas, seja considerada como dificuldade, seja vista como forma valorizada de comportamento no meio. Todos relatam a expectativa de que, algum dia, possam agir publicamente sem tantos cuidados.

Outra constante na vida destes homens é a impossibilidade de falarem abertamente sobre suas relações, sonhos e planos com as pessoas com as quais mantêm convivência diária. Esse distanciamento é sentido com mais incômodo quando se refere às relações familiares, de forma que em todos os casos o assunto homoafetividade é evitado. Foram comuns, também, casos em que não existe nenhum tipo de diálogo com o pai ou com algum familiar devido às divergências relacionadas à postura do entrevistado.

Esta necessidade de ocultamento acaba se transformando num jogo, bem descrito por Sell (2006), quando afirma que, assim que o indivíduo percebe a sua orientação homoafetiva, já começa a procurar meios de ocultamento que passarão a ser constantes em suas relações interpessoais.

Este esconde-esconde começa, geralmente, com a própria família e se expande para as relações de trabalho, amigos, etc. O assunto não é conversado e nem citado. Entretanto, eles gostariam que isso fosse diferente, como uma expectativa para uma melhor qualidade de vida.

Segundo Tajfel (1981), a insegurança e o medo existentes diante de um possível “desmascaramento” obrigam as pessoas a algumas práticas geradoras de conflito, como proclamarem seu desagrado diante da sua própria categoria. Percebe-se que este ocultamento não é algo com que é fácil de se lidar.

É possível identificar este receio em todas as entrevistas, pois direta ou indiretamente os entrevistados expressam o medo e a insegurança que vivenciam em função da possibilidade de serem flagrados como homoafetivos e sofrerem alguma forma de discriminação. Por isso procuram construir uma imagem sólida de competência e respeito para amenizar possíveis efeitos de uma discriminação. Percebemos que esta postura revela um auto preconceito e sentimentos de culpa sentidos de forma clara na adolescência e que se manifestam na atualidade através destas tentativas de atenderem às expectativas do meio social em que vivem e assim evitarem serem tachados e enquadrados nos estereótipos que existem do gay no país e na região.

Em um caso, foi expressa diretamente a dificuldade que é encontrada na manutenção dos relacionamentos duradouros de forma carinhosa e profunda, visto que existe sempre uma frieza, um medo de aproximação e de envolvimento que dificulta a realização de sua vida pessoal. Esta dificuldade é estendida para as relações de amizade que só são estabelecidas com grupos selecionados de pessoas que compartilham das mesmas idéias e convicções, sendo que estes grupos constroem internamente critérios de reprovação quando as regras não são cumpridas. Um entrevistado cita um caso em que foi discriminado pelos colegas pelo fato de já ter conversado com a família sobre o assunto.

Por outro lado, o contato dos familiares com os namorados ou parceiros é sentido como angustiante, uma vez que resulta em apreensão de ambos os lados sobre as reações de cada um, mesmo que não seja exposta a natureza da relação ali estabelecida.

Esta insegurança vivenciada pelos entrevistados foi bem colocada pelo último participante que relata ter sentimentos de rejeição e auto-estima baixa em determinados ambientes e que, por isso, evita alguns locais onde possa vivenciar tais emoções.

A insegurança com relação ao futuro é enfatizada por um dos entrevistados como uma frustração constante por não poder constituir uma família tradicional com esposa e filhos.

Em outro caso, o entrevistado expõe o desejo de não ter filho por não se considerar capaz de educar uma criança de forma saudável, sem que ela também venha a ter a mesma opção sexual que a sua.

O auto-preconceito manifestado nas questões citadas acima é entendido dentro da Teoria da Identidade Social como a própria identidade negativa já citada em outras oportunidades. Estas concepções indicam que as estratégias utilizadas pelo grupo participante desta pesquisa apresentam descompassos na sua integração à ideologia dominante. Entretanto, não podemos afirmar que tais aspectos fazem dos entrevistados sujeitos em constante sofrimento, já que, como vimos, tal fato depende de cada relação estabelecida.

Outra dificuldade, citada por Tajfel (1981) e encontrada nas entrevistas, é a opinião depreciativa com relação ao próprio grupo. Tal opinião gera um desconforto originado da rejeição das características que os inferiorizavam, na medida que se vêem enfatizando e ressaltando a distância do grupo majoritário de seu grupo primitivo. Ou seja, para aqueles que conseguem uma assimilação à maioria, como o caso dos entrevistados deste estudo, resta também um conflito interior pelo fato de se verem rechaçando comportamentos

próprios da sua categoria social e apoiando as diferenças entre os dois grupos em questão – homo/hetero.

Buscando considerar a carga emocional das entrevistas, podemos avaliá-las como sendo mais positivas do que negativas, com exceção de um dos sujeitos que demonstrou, em alguns momentos, desânimo e cansaço diante das experiências relatadas. No entanto, isso pode ter sido fruto daquele momento específico de saída de um relacionamento tumultuado.

Contudo, pudemos encontrar efeitos em longo prazo incomodando alguns entrevistados, como dificuldade em manter relacionamentos duradouros, frieza na expressão de sentimentos, afastamento físico e emocional do núcleo familiar, exigência exacerbada no desempenho profissional e intelectual e policiamento na expressão de gestos e pensamentos nas relações cotidianas.

6.5 - Não mobilização política: Cada um por si!

De maneira geral, os entrevistados são indiferentes às mobilizações mais amplas em busca do reconhecimento dos direitos da categoria GLBTS, com exceção de um que considera apenas uma questão de tempo a transformação social da situação e logo independe da mobilização destes grupos, ou seja, não a avalia como necessária.

Desta forma, nenhum deles participou ou pensa em participar de qualquer organização desse tipo, até porque isso significaria a exposição da sua orientação sexual.

Com relação à parada gay, todos, exceto um, afirmam que, apesar de nunca terem participado, consideram que o evento acaba não atendendo às intenções iniciais de reivindicação, pois se transformou num espaço de lazer e carnaval, sendo que, muitas vezes, quando ocorre a participação de heterossexuais, a intenção é de criticar ou ironizar as performances dos homens gays afeminados.

Um dos entrevistados afirma que não se sente representado por estas organizações políticas e sociais dirigidas por gays, uma vez que são formadas por gays afeminados e travestis que não representam as idéias e as concepções defendidas por ele. Aqui podemos afirmar que se trata de uma concepção compartilhada por todos os entrevistados.

Apesar de cinco dos sete entrevistados estarem namorando, apenas um demonstrou o desejo de oficializar a relação. Em sua maioria, também são indiferentes à luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil.

Avaliando estas considerações, voltamos a Tajfel (1981), que aponta a busca de mudança social pelos grupos minoritários quando os indivíduos destes grupos percebem que a mobilização individual não é possível. Nesse sentido, podemos dizer que as mobilizações político-sociais encabeçadas por pessoas homoafetivamente orientadas em prol de igualdade, no geral, partem de uma avaliação da ilegitimidade das diferenciações entre os grupos homo/hetero, bem como da percepção da instabilidade desta situação. Na verdade, tais grupos questionam a padronização comportamental e as ideologias que fundamentam essas diferenciações. São grupos que não se acham satisfeitos em “viver no armário”, conforme expresso por eles. Também, trata-se de um conjunto de grupos que divergem em vários aspectos de suas reivindicações.

As considerações citadas a seguir são do sociólogo Pedro Paulo de Oliveira (2004). Elas refletem de forma sucinta questões sobre os movimentos gays e suas divisões. Iniciados na década de 60 nos EUA os movimentos gays visavam, desde o início, a luta pelos direitos de gays e lésbicas. Estes movimentos foram impulsionados pelo combate e prevenção à AIDS na década de 80, que resultou num incentivo para a propagação destas organizações em diversas partes do mundo. O estilo de vida adotado por vários gays se choca com alguns preceitos morais pré-estabelecidos e, por isso, eles buscavam o direito de

poderem exercer sua sexualidade sem discriminações e preconceitos. No entanto, esta busca é carregada por conflitos e contradições no próprio grupo. Estas dissensões existem sobre vários aspectos, desde em relação à auto-imagem até aos comportamentos e estratégias de enfrentamento do preconceito. Desde o início do século XX já se podia identificar a discordância entre aqueles que valorizavam uma postura tipicamente masculina e aqueles que adotavam a uma postura afeminada. Outra contradição refere-se ao estilo de vida adotado, da boêmia ao padrão conservador várias eram as discordâncias. Uma discussão recente refere-se à busca por relacionamentos monogâmicos, daí a luta pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, *versus* a luta pela liberdade do exercício da sexualidade. Existem, inclusive, grupos radicais reivindicando a segregação de espaço e cultura entre homoafetivos e heterossexuais enquanto outros querem ser reconhecidos como homens comuns, diferenciando-se dos heterossexuais apenas em suas práticas sexuais. O autor pondera, também, que se percebe hoje o fortalecimento de um alguns conceitos direcionados ao público gay associado ao estilo de vida consumista, incentivado pela sociedade pós-moderna.

Considerando o contexto apresentado, fica fácil identificar em qual frente se encontram os entrevistados deste estudo, ou seja, querem ser vistos como homens comuns, não categorizados. Esta constatação reforça as nossas crenças de que o grupo participante desta pesquisa representa um grupo maior de pessoas que convivem ou passam por nossos cotidianos ocultando a sua orientação sexual, o que não se reflete em nenhuma consequência para a convivência social a não ser para eles próprios.

6.6 - O processo de troca entre dominantes e dominados

Pretendemos encerrar nossas discussões apresentando um cenário mais global sobre a relação das vivências e práticas relatadas pelos entrevistados e a organização social da masculinidade tal como apresentada por Connel (1995).

Para este autor, a masculinidade só pode ser definida como relações de gênero que se concretizam em práticas assumidas por homens e mulheres que, por sua vez, se comprometem com essas práticas, resultando em conseqüências culturais, corporais e psicológicas para esses mesmos homens e mulheres. Nesse sentido, ele afirma que estas relações devem ser entendidas no seu contexto histórico e podem ser analisadas considerando-se a relação entre hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização entre grupos.

Ele apresenta a dominação de homens heterossexuais e a subordinação de homens homossexuais como a relação mais evidente, atualmente, na sociedade européia/americana. Em acordo com estas idéias, Parker (1991) afirma que a maior parte da explicação para a homofobia pode ser entendida pela mesma ideologia que mantém e reforça os processos de diferenciação e discriminação entre homens e mulheres, uma vez que são atribuídas aos gays características ditas femininas, características estas repelidas pelos homens heterossexuais.

Para Connel (1995), estas práticas de dominação são como um processo de câmbio. Assim, ele fala da necessidade de reconhecer as relações de cumplicidade com o projeto hegemônico.

O projeto hegemônico ao qual o autor se refere é o mesmo, apresentado por Kimmel (1998) ao indicar a forma de masculinidade legitimada que ocupa a posição de maior prestígio num determinado momento.

A cumplicidade com este projeto hegemônico é claramente identificada entre os entrevistados deste estudo. Embora eles reconheçam a sua orientação sexual homoafetiva, eles entendem os demais critérios que justificam a dominação homens/mulheres como legítimas. Prezam, então, pelo comportamento individualista, pela busca de sucesso profissional e financeiro, pelo comportamento viril e competitivo, assim como repudiam os comportamentos afeminados, a liberalidade sexual e a militância política em prol da aceitação de qualquer manifestação homossexual pública quando associadas com a feminilidade.

Nesta perspectiva podemos dimensionar a abrangência desta ideologia e entender o porquê seus efeitos são tão arraigados, naturalizados e constantes na nossa sociedade.

A troca estabelecida entre as idéias e práticas socialmente aceitas pelos heterossexuais e pelos homossexuais reforçam a hegemonia das mesmas. Por isso é comum um olhar de desconfiança da corrente feminista para esta relação, assim como de algumas vertentes da organização gay que buscam muito mais que a possibilidade de assumir a sua orientação, mas também um estilo de vida diferente do tradicional.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que todo estudo, quando finalizado, deixa a impressão de que algo mais poderia ter sido dito. Muitos outros pensamentos surgiram, muitas dúvidas e pontos a desenvolver... Esse estudo deixa alguns questionamentos que poderão ser explorados em outras oportunidades. Seria interessante, por exemplo, comparar os dados aqui apresentados com a percepção daqueles homens homoafetivos considerados pelos entrevistados como afeminados. Outra possibilidade seria procurar entender se e como homens heterossexuais percebem a diferença entre os homens homoafetivos que ocultam e os que revelam a sua orientação sexual. Será que isso interfere na manifestação velada ou declarada de preconceito? Contudo, admito que a delimitação é necessária por uma questão de tempo.

Trabalhar com o grupo de entrevistados dessa pesquisa, melhor dizendo com suas percepções, me proporcionou compreender que há diversas possibilidades de interpretação para um dado fenômeno. O preconceito sempre iminente e as estratégias de vida escolhidas por cada um mostraram que as opções são variadas e que cada um sabe os riscos e os benefícios que os tornam mais realizados e menos oprimidos. Ocultar ou revelar, lutar ou calar, aceitar ou contrariar são escolhas, não apenas de foro íntimo, mas escolhas condizentes com o contexto e a história de cada um. Afinal, não é isso a subjetividade?

No entanto, foi possível perceber, também, que uma constância existe e que isso aproxima as pessoas e forma redes de relações que podem reforçar a opção hegemônica num determinado contexto.

A opção de ocultamento revelada pelo grupo entrevistado não pode ser analisada em termos negativos ou positivos, mas sim como uma opção diante de um determinado contexto.

Os resultados apresentados aqui nos mostram como é importante pensarmos sobre nossas idéias e crenças perante a sociedade e o quanto podemos escolher sermos sujeitos ou objetos nas relações positivas e/ou negativas estabelecidas no dia a dia.

Conclui-se que os participantes do estudo estão adaptados ao contexto social onde se inseriram, incluindo ambiente de trabalho, opções de lazer, estudo e religião, mas sentem relativa insatisfação com a relação que acabam estabelecendo com a família e com os parceiros na manutenção do ocultamento e/ou da discrição na forma de relacionamento escolhido. Assim sendo, não podemos apontá-los como vítimas passivas do preconceito, mas também não podemos desconsiderar os desgastes que eles acabam vivenciando de forma constante nas relações estabelecidas com os heterossexuais.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento. (Coleção: Saber Imaginar o Social).
- Amâncio, L. (2004). Identidade Social e Relações Intergrupais. In J. Vala e M.B.Monteiro(Eds.), *Psicologia Social*, (pp. 387-400) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bullington, J. Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25, 51-63.
- Connel, R. W. (1995). La organización social de la masculinidad. In T. Valdes, J. Olavarria (Eds.), *Maculinidad/es: poder y crisis*, (pp. 31-48). Santiago: ISIS-FLASCO. (Ediciones de las mujeres, nº 24).
- Crocker, J. & Quinn, D.M. (2004). Psychological consequences of devalued identities. In M.B. Brener & M. Hewstone (Eds.), *Self and social identity*, (pp. 124-142). Oxford: Blackwell Publishing.
- Dall’Agnol, R; Giovelli, G. R. (2005). O preconceito entre homossexuais: Realidade vivenciada na Psicoterapia. *Barbarói*. 22(23). 129-142.
- Flick, U. (2004). Entrevistas semi-estruturadas. In U. Flick. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. (p. 89 -108). Porto Alegre: Bookman
- França, I.L. (2006). "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Rev. bras. Ci. Soc.* 21(60).
- Fry, P. (1982) Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In P. Fry (Ed.), *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. (pp. 87 – 113) Zahar editores.
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. *Interface – Comunicação, saúde, Educação*. 1(1), 109- 122.

- Gaskell, G. (2002). Entrevistas Individuais e grupais. In M. Bauer, G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. (pp. 64- 89). Petrópolis:Editora Vozes.
- Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2006). “Mulheres e militância no Espírito Santo: encontros e confrontos durante a ditadura militar”. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Greem, J. N; Polito, R. (2006) *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1970, 1980)*. Rio de Janeiro; José Olympio.
- Jodelet, D. (2001). Os processos psicossociais da exclusão. In B. Sawaia (Ed.), *As artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp.52-66). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Kimmel, M. (1998). A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117.
- Kimmel, M. (1995). Homofobia, temor, verguenza y silencio em la identidad masculina. In T. Valdes e J. Olavarria (Eds), *Masculinidades: poder y crisis* (pp. 49-62). Santiago: ISIS-FLASCO.
- Lacerda, M; Pereira, C; Camino L. (2002). Um Estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 16-25.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2003). A respeito da dominação nas relações entre grupos. In M.L. Lima; P. Castro e M. Garrido (Orgs), *Temas e Debates em Psicologia Social* (pp. 93-110). Lisboa: Livros Horizontes.
- Madureira, A. F; Branco, A.M. (2007) Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psic.: Teor. E Pesq*,23(1). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S01023772200700010&ing=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 set 2007.

- Mott, L. (1997). *Homofobia: A violação dos direitos humanos de Gays, lésbicas & travestis no Brasil*. Salvador. Ed. Grupo Gay da Bahia.
- Mott, L. (2000). *Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil*. Salvador. Ed. Grupo Gay da Bahia.
- Mott, L. Homo-afetividade e direitos humanos. (2006) *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, 14(2), 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0104-26x2006000200011&ing=pt&nvm=iso>. Acesso em 06 set 2007.
- Oliveira, P.P. (2004). *A construção Social da masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora UFMG.
- Parker, R. (1991). Homens e Mulheres. In *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. (pp 55-107). São Paulo: Editora Best Seller.
- Pereira, C.; Torres, A. R.R.; Almeida, S.; T. (2003) Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psc. Reflex. Crit.* Porto Alegre, 16 (1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S010279722003000100010&ing=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 Agos 2007.
- Sales, M.M. (2005) Busca de reconhecimento social e vivência de estigmatização: Notas sobre uma população favelada. *Encontro: Revista de psicologia. UNIA, Santo André – SP, 9(11), 20-28*.
- Sell, T. (2006). *Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida*. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Shimizu, a; Cordeiro, a. p; Menin, M. (2006) Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos de educação, filosofia e psicologia ente 1970 e 2003.

Rev. Bras. Educ., 11(31). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttex&pid=S1413-24782006000100012&ing=pt&nvm=iso>>. Acesso em 07 Set 2007.

Silva, T. T. A produção Social da identidade e da diferença. (2000). In Silva T.T.; Hall, S. e Woodward, K. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.

Trindade, Z. A. (1991) As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de Aconselhamento Genético. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Trindade, Z.A; Nascimento, A.R.A. (2004). O Homossexual e a Homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In Souza, L. e Trindade, Z.A. *Violência e Exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Welzer-Lang, D. (2004). Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In M.R. Schupun (Ed.), *Masculinidades* (pp. 107-128). São Paulo: Boitempo; Santa cruz do Sul: Edunisc.

9- ANEXOS

9.1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: Análise das percepções de homens homoafetivos em relação ao preconceito e à discriminação: A construção social de identidades.

Pesquisador responsável: Mestranda Aline Aparecida Rabelo. Tel.: (38 9921 2479)

Orientador: Adriano Roberto Afonso Nascimento. Tel.: 31 3499 6278

Instituição responsável: Departamento de Pós Graduação de Psicologia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Minas Gerais.

Contatos: a) Mestranda Aline Aparecida Rabelo, Departamento de Pós Graduação de Psicologia/FAFICH/UFMG, Av. Antônio Carlos, 6627 – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - 4º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3409-6278 e (38) 9921 2479. b) COEP - Comitê de Ética em Pesquisa - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – sala 2005, 2º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3409-4592

Prezado Senhor,

Realizamos uma pesquisa que tem como objetivo principal entender como os homens homoafetivos vivenciam, interpretam e lidam com o preconceito e a discriminação social. De forma mais específica, pretendemos identificar e analisar situações, estratégias e impactos que envolvam a comparação entre hetero e homossexuais no dia a dia dos participantes convidados. Tais informações podem ser úteis para subsidiar futuros projetos de pesquisa e de intervenção relacionados à homofobia. Nesse sentido, gostaríamos de convidá-lo a participar desta pesquisa através da realização de uma entrevista a partir de uma lista de perguntas (entrevista semi-estruturada) onde conversaremos sobre temas relacionados ao preconceito e às diferenciações vividas no dia a dia. O tempo médio de duração da entrevista está previsto para 2 horas e será gravada. Este procedimento não oferece ao senhor riscos físicos ou psicológicos. Está garantido o seu anonimato. Está-lhe garantida também a liberdade sem restrições de se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de conseqüências para o senhor. As informações obtidas nessa entrevista serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e elaboração de projetos de intervenção psicossocial vinculados ao Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG. Todas as informações geradas por essa entrevista (gravações, formulários e transcrições) ficarão armazenadas no Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG por um período mínimo de 02 anos, sob inteira responsabilidade do professor orientador e da pesquisadora desse estudo (Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento e Aline Aparecida Rabelo). Informamos também que a sua participação, caso concorde com ela, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de remuneração para o senhor. Garantimos, entretanto, o ressarcimento dos custos que o senhor terá, caso concorde em participar dessa pesquisa, com o deslocamento entre sua residência e o local onde será realizada a reunião, bem como os relativos ao retorno a sua residência.

Eu, _____ (nome do participante), RG - _____, Órgão Emissor _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, DECIDO participar da entrevista proposta e AUTORIZO a utilização das informações dela decorrentes no Projeto de Pesquisa intitulado “Análise das percepções de homens homoafetivos em relação ao preconceito e à discriminação: A construção social de identidades”.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

<p>_____</p> <p>Participante</p> <p>Montes Claros /MG, ___ de ___ de _____</p>	<p>_____</p> <p>Pesquisador Responsável</p>
---	--

9.2 - Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 1

Identificação

- Está com que idade?
- Com quem mora?
- Nasceu em Montes Claros?
-

Se sim:

Já morou em outra cidade?

Se sim:

Onde?

Quando?

Por quanto tempo?

Por que voltou para Montes Claros?

Se não (ir para a próxima)

Se não:

Quando veio para cá?

Onde morava?

Por qual motivo veio para Montes Claros?

- Está empregado?
- Qual é a sua atividade profissional?
- Qual a sua escolaridade?
- Em qual faixa salarial se encontra?
 - A) Entre 1 a 3 salários mínimos
 - B) Entre 3 a 6 salários mínimos
 - C) Mais de 6 salários mínimos

Bloco 2

Descoberta da preferência sexual

Admissão da preferência sexual

Relação com a família

- Quando percebeu que sentia atração por outros homens?
- Você se sentiu culpado por sua preferência sexual? Por que? Como é isso para você hoje?
- Quando assumiu a sua preferência?
- Já teve relacionamentos com o sexo oposto?
 - Como foi?
 - Qual a duração?
 - Qual era a sua idade?
 - Atualmente você tem relacionamentos sexuais com mulheres?
- Quando e como os seus pais perceberam a sua preferência?
 - E o restante da família?
- Como é o seu relacionamento com eles hoje?
- Como gostaria que fosse?
- Costuma falar abertamente sobre a sua preferência sexual?
 - Se sim:

Em quais lugares e com quais pessoas sentem-se mais à vontade para falar sobre o assunto?

Em quais lugares e com quais pessoas evita tocar no assunto?

Se “não”:

Por que?

Em quais lugares e com quais pessoas sentem-se mais à vontade para falar sobre o assunto?

Em quais lugares e com quais pessoas evita tocar no assunto?

Bloco 3

Relacionamentos

- Tem namorado?
Se sim:
Há quanto tempo?
Se não:
Por quê?
- Prefere relacionamentos duradouros ou passageiros?
Por quê?
- É difícil encontrar pessoas que queiram relacionamentos duradouros? Por quê?
- Para você como seria um relacionamento ideal?
- Percebe que as pessoas associam a homossexualidade com promiscuidade?
O que pensa sobre isso?
Por que acha que essa associação acontece?
Isso o incomoda? Por quê?
- Seu grupo de relacionamentos mais próximo é, em sua maioria, formado por pessoas hetero ou homossexuais?
Como é a convivência com este grupo?
Quais são os principais conflitos que aparecem?
O que o incomoda neste grupo?
- Tem vontade casar?
Apóia a luta pelo direito do casamento entre pessoas do mesmo sexo?
- Quais são suas principais atividades de lazer? Quais dessas atividades estão associadas a sua preferência sexual?
- Pensa que o papel, ativo ou passivo, influencia na aceitação das pessoas ao sexo entre homens do mesmo sexo?
- O que você pensa sobre esses papéis e o que acha dessa diferenciação?

Bloco 4

Diferenciação Homo/Hetero

Preconceito

Discriminação

Estratégias

Auto-conceito

- Você gosta da cidade?
Por que?

- O que acha da aceitação dos montesclarenses à homossexualidade? É positiva ou negativa?
- Você considera que há uma diferenciação entre homossexuais e heterossexuais nos ambientes que frequenta?
- Quais são essas diferenciações?
- Por que acha que elas acontecem?
- Dê alguns exemplos
- Dos ambientes que frequenta, em quais essas diferenciações ficam mais evidentes? Por quê?
- Acredita que estas diferenciações te prejudicam? Como?
- O que você faz para se resguardar destes possíveis prejuízos?
- No que diz respeito aos direitos sociais garantidos por lei, sente-se apoiado igualmente a um heterossexual?
- Já se sentiu discriminado no seu trabalho ou nas seleções de emprego?
- Já foi apelidado e ou ofendido com palavras pejorativas em relação a sua preferência sexual?
 - Quando?
 - Como foi sua reação?
- Como costuma agir frente a manifestações de preconceito?
- Além da preferência sexual você considera que há algumas características próprias do homossexual?
 - E dos homens?
 - E das mulheres?
- Em algum momento da sua vida quis ser heterossexual?
 - Quando?
 - Por quê?
- Montes Claros tem alguns registros de homicídios com vítimas homossexuais, acredita que possam, direta ou indiretamente, estarem relacionados com preconceito? Por quê?
- Acha que a classe social interfere na aceitação das pessoas com relação à homossexualidade?
 - Se sim!
 - Em qual classe pensa que os homens gays são mais aceitos?
 - Em qual classe é mais fácil assumir a preferência sexual
 - Por que acha que isso acontece?

Bloco 5

Expectativas

- Caso a sociedade lidasse com a homossexualidade da mesma forma que lida com a heterossexualidade, o que faria de diferente do que faz hoje?
- Acredita que o preconceito está diminuindo?
- Como você acredita que a sociedade estará lidando com o assunto daqui a 10 anos?
- E como você gostaria que fosse?
- O que você gostaria que mudasse hoje em sua vida?
- Pensa que se tivesse preferência por mulheres sua vida seria diferente?
 - Pior ou melhor? Por quê?

Bloco 6

Mídia e Religião

- Como percebe a contribuição da mídia para o tema?
Concorda?
Por quê?
- Tem religião?
Se sim:
Como a sua religião entende a homossexualidade? O que acha disso? O que pensa sobre a condenação religiosa do sexo entre pessoas do mesmo sexo?
Se não:
Na sua avaliação, como acha que as religiões tratam o tema homossexualidade? O que acha disso? O que pensa sobre a condenação religiosa do sexo entre pessoas do mesmo sexo?

Bloco 7

Movimentos políticos

- O que pensa a respeito dos movimentos GLBTS?
- Já participou de paradas gays?
Se sim:
Por qual motivo?
O que achou?
Concorda com essas manifestações?
Acredita que esses movimentos possam contribuir para uma melhor convivência entre hetero e homossexuais?
Se não:
Por qual motivo?
O que acha dessas manifestações? Concorda com elas?
Acredita que esses movimentos possam contribuir para uma melhor convivência entre hetero e homossexuais?

Deseja acrescentar mais alguma coisa?